

*Memórias
da
Infância*

Vida rural nos anos 60

Antonio Veloso

Antonio Veloso



Memórias da Infância

Vida rural nos anos 60

Niterói, julho 2015

Copyright © 2015 do Autor

Revisão, projeto gráfico e editoração eletrônica: Neusa Pinto

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

V432m Veloso, Antonio
Memórias da infância / Antonio Veloso: apresentação Neusa Pinto;
João Carlos Veloso Gonçalves. Niterói: DM2JR Gráfica e Editora,
2015.

250 p. : il. ; 21 cm.

1. Antonio Veloso, 1942 – Biografia. 2. Portugal – História. I. Pinto,
Neusa. II. Gonçalves, João Carlos Velloso. III. Título.

CDD 390

Elaboração: Irany Gomes Barros – CRB/7-3569

Um homem adapta o vocabulário ou o modo de vestir, mas não o coração ou os ideais, pois precisa ser fiel à sua alma.

Dedicatória

À minha Esposa, a Assistente Social Marlene Trindade Veloso, e à minha filha, a farmacêutica Emanuela Trindade Veloso, duas mulheres guerreiras, que têm vencido todos os obstáculos e são o grande incentivo de minha vida.

Ao meu amado filho, Antônio Junior, hoje uma saudade, que sei que me vela e me ajuda do Universo onde hoje se encontra.

A meus irmãos (ãs), cunhados (as) e sobrinhos. Em especial, ao meu irmão, Dr. José Veloso e sua família: sua amizade e incentivo foram decisivos para que nós pudéssemos superar os problemas emocionais por que passamos.

Aos habitantes do Concelho de Póvoa de Lanhoso, principalmente a meus familiares e amigos de Sobradelo da Goma, e à diáspora portuguesa da terra onde nasci para o Brasil e outras partes do Mundo.

Ao Rotary Club Niterói Norte, cujos membros tão bem receberam a mim e minha esposa, Marlene, e onde encontrei uma amizade sincera.

À turma *Raízes do Brasil* da Escola Superior de Guerra, a melhor das que já passaram pela Instituição, e que me elegeram seu “guru”.

Agradecimento

À minha família pelo apoio.

Ao CBMERJ, em especial ao Comando Geral, ao Cel. Pimentel e ao Subtenente Souza Filho, da ASSINFO, pelo auxílio no tratamento de várias fotografias.

Ao repórter João Calos Veloso Gonçalves (Quelhas), da Rádio Clube Imigrante, de Zurique, Suíça, pelo apoio.

À jornalista Neusa Pinto, da ASPI-UFF, pela revisão do português, edição, paginação, contato com a Imprensa Universitária da UFF etc. Sem ela, este livro talvez não fosse editado.

À ASPI-UFF e ADUFF, dois baluartes de luta dos professores da Universidade, das quais tanto professores quanto funcionários têm vindo um apoio incondicional.

À Imprensa Universitária da UFF e ao funcionário Arno Martin Winter.

Apresentação

Surpreendi-me ao ser convidada para fazer a apresentação deste livro, tarefa inédita para mim. Meu primeiro impulso foi recusar. Mas, aceitei, pela amizade que me une ao professor Veloso. Uma camaradagem e respeito pela pessoa que ele é impediram de escusar-me a fazê-lo.

Assim, eis-me aqui a falar de sua obra *Memórias da Infância*. Só uma pessoa sensível poderia pensar em desnudar suas lembranças – algumas bem íntimas – para trazer a público sua história, família, amigos e amizades, estilo de vida, em um tempo que se fez distante, como distante estão suas raízes, pois adotou como seu o nosso País, aqui formando sua linda e unida família. Aqui também sofreu sua mais intensa dor, ao perder seu filho adolescente, Junior, em um acidente, em um lindo domingo, dia que tinha tudo para ser radiante, pois reuniria seus amigos em sua casa na praia.

Mas, voltemos às *Memórias da Infância*: Portugal ficou além-mar. Sua cultura, hábitos, sua gente. Interessante é que a saudade sempre nos cobra os sentimentos do passado e forja em nós a necessidade de contá-los, como uma espécie de *reviver* que nos acalenta, enquanto recordamos, confirmando o que disse o poeta: “Recordar é viver”!

As lembranças chegam “coloridas”, pela narrativa leve que nos faz imediatamente vislumbrar aquele passado – onde o trabalho era a motivação de todos os dias, chovesse ou fizesse sol, no verão ou no duro inverno europeu, em uma região onde as moradias eram rareadas, espalhadas pelas montanhas... E ir à escola – afinal, são *memórias da infância* –, era uma aventura... Lembremo-nos que meninos curtem aventuras. A igreja, naquele tempo, principalmente, era o “local” do encontro, das comunicações, do “social”, e as notícias chegavam nos dias de missas, pois para a igreja convergia a população.

Dividir suas *memórias*, fatos de que participou e outros que sabia por

ouvir contar, na Freguesia de Sobradelo da Goma e Conselho da Póvoa de Lanhoso, no Minho, demonstra, portanto, a generosidade do autor.

Quem ler estas *memórias* vai descobrir a vida simples e de muitas dificuldades, num “rincão longínquo”, mas que não se tornaram pretexto para desânimo, amargura ou mesmo queixas. Diz o autor: “havia alegria!” E muitos, ao lerem estas *memórias*, se darão conta de que Portugal daquele tempo e nosso Brasil rural de algumas décadas atrás têm muitas, muitas coisas em comum...

A leitura de suas *Memórias da Infância* é uma bela e prazerosa viagem!

Neusa Pinto

Álbum de Família



Da esquerda, para a direita: Meu pai, tia Rosa, tia Maria, tio Joaquim (Irmão) e tio Casimiro; sentados: Meus avós Felizarda e Antônio.



Meus irmãos (em pé, atrás): José, Joaquim, Maria de Fátima, João, eu e Armando; na 2ª fila: Maria das Graças, Maria Celeste, Armin-da (minha mãe), Manuel (meu pai), Cazemiro e Lino; (em pé à frente): Maria do Céu e Maria Luiza. 1965.



Meus avós maternos, Laurinda Gonçalves Pereira e António Joaquim Gonçalves, que me criaram a partir de 1 ano de idade.



Minha família: Eu, Junior, Marlene e Emanuela.

Sumário

Prefácio

A FORÇA DO PENSAMENTO, 19

Reflexões

A HUMANIDADE E O TEMPO, 21

OUVIR A ALMA, 23

Memórias da Infância

UM LUGAR CHAMADO SOBRADELO DA GOMA, 27

COMEÇO DA HISTÓRIA, 31

A PONTE ROMANA, 33

O INVERNO NA MINHA ALDEIA, 35

VISÃO DO BRASIL NO PORTUGAL PROFUNDO, 37

A CASA DE MEUS AVÓS, 39

ACIDENTE NA COZINHA, 43

OS TARTULHOS, 45

O PARTO, 47

A ESCOLA, 49

O ENSINO PRIMÁRIO, 51

A RAPOSA, 53

LEPRA, 55

O SEMINÁRIO, 57

A VIDA NO SEMINÁRIO, 59

A ROTINA DA VIDA NO SEMINÁRIO, 61

SILÊNCIO, 63

O QUE OS OLHOS NÃO VEEM, 65

O PRIMEIRO ÍDOLO, 67

IGREJA VELHA, 69

NINHOS, 71

LUMIEIRAS, 75

FESTAS RELIGIOSAS LOCAIS, 77

BANHOS, 79
PECADOS, 81
FORNINHOS, 83
DESFOLHADAS, 85
OS LAGARES DE AZEITE, 89
LAGARES DE VINHO, 91
PREVIDÊNCIA SOCIAL, 93
O RIBEIRO QUEIMADO, 95
BENS MATERIAIS E FELICIDADE, 97
CONFISCO DE BENS E DE PESSOAS, 99
EXAMES DA 4ª CLASSE, 101
MERENDAS, 103
MOLEIROS, 105
DESLIZAMENTOS E SOCALCOS, 107
UMA FAMÍLIA DESTRUÍDA, 109
TRAVASSOS, 111
FISCALIZAÇÃO, 113
O PINHEIRAL, 115
MISSAS E TERÇOS, 119
PÁROCOS, 121
ARAR OU LAVRAR OS CAMPOS, 123
FUNERAIS, 125
MEMÓRIAS DE UM VELÓRIO, 127
O ATO DE ROÇAR O MATO, 131
LAZER DOS CAMPONESES, 133
AS REFEIÇÕES DOS CAMPONESES, 135
MOUTAS, 139
DEFICIENTES, 141
UM CONTO DA PÁSCOA, 143
ANTIGAS PROFISSÕES DAS ALDEIAS, 145
A CHEGADA DA LUZ ELÉTRICA E DO TELEFONE, 151
INSETOS, 153
INSETOS CASEIROS, 155

OS FELIZARDOS, 157
MAR PORTUGUÊS, 159
ENXERTO DE ÁRVORES FRUTÍFERAS, 161
MALHADAS, 165
AS ÁRVORES FRUTÍFERAS, 167
VINDIMAS, 177
PODA DAS VIDEIRAS, 179
CASAMENTOS NA ROÇA, 181
O CÉU DA MINHA ALDEIA, 183
O MEIO AMBIENTE NA DÉCADA DE 1950, 185
O DIA A DIA NA PERIFERIA, 189
QUELHAS, QUELHOS E CAMINHOS, 191
ANIVERSÁRIOS NATALÍCIOS, 193
RIBEIROS, 195
DITADOS POPULARES I, 197
DITADOS POPULARES II, 201
DITADOS POPULARES III, 205
DITADOS POPULARES IV, 209
TIPOS POPULARES, 213
NATAL NA MINHA ALDEIA, 217
BATISMO, 219
CONTRABANDO DE PREGOS, 221
MEDIDAS ATÉ OS ANOS 1960, 223
CHEGADA AO BRASIL: 03/01/1958, 225
O BRASIL QUE ENCONTREI, 229
UM NATAL INESQUECÍVEL, 231
PRIMEIRO EMPREGO, 233
BANGU, 235

GLOSSÁRIO, 237

APÊNDICE, 243

Prefácio

A FORÇA DO PENSAMENTO

O ser humano é movimentado por várias forças, provenientes de energias naturais ou espirituais. Entretanto, o único tipo de energia, que pode livremente ser acessada e dirigida pela autoconsciência, é a memória. Esta nada mais é do que um tipo de energia que nos permite recuperar experiências passadas para a consciência presente.

Nem todas as experiências passadas são guardadas conscientemente na memória, que escolhe quais as lembranças que devem ser armazenadas e nossa memória determina aquelas que devem ser resgatadas em determinado momento. É uma livre escolha da nossa mente.

Como a memória é uma energia existente dentro de nós e à qual poderemos ter acesso conscientemente, a cada momento recriamos situações que vivemos no passado, umas alegres e outras tristes. Quando, por exemplo, penso: vou lembrar os momentos de meu casamento ou do nascimento de meus filhos, imediatamente acesso as energias que me conduzem a determinado tempo no passado, trazendo-o até o presente.

Todas as lembranças formam a totalidade da memória e, como se fora num computador, escolhemos o compartimento que desejamos acessar em determinado momento. Isto se dá por uma interação entre o cérebro e as energias que formam o consciente de cada ser humano e cujo acesso é instantâneo.

Devemos recordar, entretanto, que embora lembremos as experiências passadas, não o fazemos com a mesma emoção que sentimos no passado. Os sentimentos e emoções que tivemos, quando essas experiências ocorreram, não mais existem. Nós criamos novas emoções que se parecem com as que ocorreram no passado. Deste modo, criamos apenas uma duplicata daquilo que aconteceu em nossa vida.

Quando lembro o dia em que entrei no Seminário, da minha partida de Portugal, da minha chegada ao Brasil, recordo todos os detalhes, mas os sentimentos não são os mesmos, pois não têm a mesma emoção. Assim, quando recordo da morte de meu filho, naquele momento senti como se todas as células do meu corpo se desprendessem e me aniquilassem. Quantas e quantas vezes o lembrei, mas nunca com a mesma emoção. Quantas vezes chorei, porém cada vez era um sentimento diferente, mais confortante, até que se tornou parte da minha própria alma.

Cada lembrança, seja do que for: amor, sexo, dinheiro, casamento ou o que quer que seja, é uma combinação de impressões de uma experiência passada que não mais existe no presente. Nós criamos uma nova consciência daquela experiência, mas sem os mesmos sentimentos de amor, dor, beleza, alegria, calor, raiva etc., que existiram quando a experiência se realizou.

Embora nosso cérebro seja mais perfeito do que qualquer computador e guarde tudo o que nos aconteceu, nem sempre conseguimos trazer para o presente detalhes de fatos que aconteceram há 60 anos ou mais: morava em um dos lugares mais inóspitos, menores e mais distanciados do centro da freguesia. Era uma época em que as crianças quase nada sabiam do que ocorria em seu entorno. Dos 11 anos até aos 15, estudava no Seminário Menor, em Braga, de onde só voltava nas férias de Natal, Páscoa (15 dias cada) e férias grandes, em agosto e setembro. Por estas razões, não faço um retrato perfeito da minha Terra Natal.

Neste livro estão descritos fatos de que participei, outros que observei e ainda alguns que eram de domínio público na Freguesia de Sobradelo da Goma e Concelho da Póvoa de Lanhoso, na Província do Minho, em Portugal. Como as áreas rurais apresentam muita similaridade com áreas rurais do Brasil, onde as famílias tinham problemas e aspirações semelhantes, muitos lembrarão com saudade sua infância difícil, mas bela.

A HUMANIDADE E O TEMPO

O mar está junto da praia; a praia está dentro de mim, pois foi perto da praia que te vi pela última vez. Acordei sonhando com estas palavras, mas qual o seu significado? Somente havia visto o mar pela primeira vez aos doze anos de idade e após a adolescência ficaria tão íntimo dele.

Estava agora um pouco cansado, afinal nascera durante a Segunda Guerra e o tempo, que os gregos representavam pelo deus Cronos, não perdoa ninguém, vai devorando vorazmente seus filhos. Cada dia que passa, podemos afirmar, acabamos de morrer mais 24 horas, pois que viver é morrer lentamente, inapelavelmente. Todavia, não se entregaria facilmente, a velhice poderia dentro de alguns anos vir a vencê-lo, mas não se entregaria sem luta. Sabe-se que o corpo terá de definhir, mas é importante que a alma permaneça jovem, independentemente dos anos que se tenha. Durante sua vida tinha visto tantos jovens, velhos de espírito e tantos anciãos cuja alma nunca havia envelhecido. Era nestes modelos em quem se havia espelhado e dito para si mesmo: o tempo não passa, nós é que passamos pelo tempo que permanece indiferente às nossas atribulações. Se o Universo teve um início, quando foram criados o espaço e a matéria, foi o homem quem criou o tempo, para poder localizar os fatos acontecidos ou que venham a acontecer. Não é verdade que da energia primitiva, junto com a matéria e espaço, haja sido criado o tempo.

O tempo permanece parado, os acontecimentos naturais e humanos é que o percorrem sempre na mesma direção. Semelhante a uma nave espacial lançada para fora do Sistema Solar, caminhará sempre para o desconhecido, deixando para trás a Terra, a lua, os planetas que conhecemos, e jamais parará. Aquilo que conhecemos fará parte do passado. Os mundos mais longínquos são como nosso passado distante; deles muito pouco conhecemos. O espaço por onde

ela passará é o futuro de que nada sabemos.

Embora todo o ser humano tenha um desejo enorme de conhecer o futuro, nada do que está para vir deve ser conhecido por ele, pois este se acomodaria ou se desesperaria e, com certeza, deixaria de viver plenamente a vida para a qual foi colocado neste Mundo. Questionado pelos discípulos, que como seres humanos temiam o desconhecido personificado pelo fim dos tempos, disse Jesus: “Ninguém, nem os anjos, nem o Filho”, referindo-se a Si próprio como homem, “sabe quando será o fim dos tempos. Só ao Pai é dado saber”.

Por isso, deixaria que o futuro viesse como deveria acontecer. Não se esforçaria para adivinhá-lo, porém havia toda a sua vida se preparado convenientemente para que não lhe trouxesse fatos muito diferentes dos que se podem prever. Jamais se descuidaria das coisas do Espírito, procurando aprender um pouco a cada dia, a cada momento. Sabia que os únicos bens, que não se perdem jamais, são o conhecimento e o amor.

Quanto aos bens materiais, lhes dava alguma importância, uma vez que lhe permitiam algum conforto para si e para sua família; sabia, entretanto, que são fugazes e não nos pertencem realmente, apenas nos apropriamos deles para atingir determinados objetivos. Para quem esses bens são um objetivo em si, estes acabam infelizes e infelicitando os seus semelhantes. Não podia concordar com a visão materialista dos tempos atuais, onde muito mais importante que ser alguém é ter muitos bens. Não é necessário ser profeta para saber que o mundo não poderá caminhar indefinidamente nesta direção, onde uma minoria possui quase tudo e a maior parte da humanidade nada possui. Tanto uns quanto os outros são infelizes ao seu modo. Os que têm demais temem perder seus bens; os que nada têm, são infelizes por não terem acesso ao mínimo necessário à sua sobrevivência. Daí, as inimizades, os assassinatos, as guerras.

Também sabia que os recursos planetários são finitos, contudo, não é sua finitude que faz com que centenas de milhares de pessoas morram de fome diariamente. Tampouco é por vontade de Deus que isto ocorra, mas sim por vontade nossa. Deus colocou à nossa disposição os meios para acabar com a fome, mas nós corremos sempre atrás de maiores lucros. Quando há superprodução de

alimentos, dizemos que há crise de abundância. Reduz-se a produção, fecham-se fábricas, abandonam-se cultivos, demitem-se trabalhadores e com o desemprego haverá menos vendas. Tudo isto com fito único de aumentar os lucros. Para quê? Os maiores capitalistas do passado estão hoje mortos e nem um centavo de suas fortunas lhes é útil no Mundo do Além.

Deus, cuja principal ou até única função é ser Criador, nos proporcionou também o poder de criar, como outros deuses que somos. Deus, no processo da vida tornou a evolução biológica igual para todas as espécies; no que se refere à evolução social, prerrogativa que Deus outorgou à humanidade, o homem tornou profundamente desigual: concentramos os bens a ponto de apenas 85 indivíduos terem tantos bens quanto 3,5 bilhões de pessoas, ou metade da humanidade, e apenas 1% dos indivíduos do planeta possui $\frac{3}{4}$ dos recursos disponíveis na Terra. Mas tudo isto passará, tão certo como o surgimento da Primavera após o Inverno.

OUVIR A ALMA

Relembra que durante toda a vida tinha aprendido que o mais difícil para o ser humano é ouvir a própria alma, uma vez que pensamos ser apenas nosso corpo e valorizamos muito pouco as coisas espirituais. Tinha acabado de passar pelos momentos mais difíceis a que um ser humano é dado suportar. Isto me levou a pensar a vida de modo diferente, não apenas baseada no homem como ser físico, mas como triplo ser: físico, não físico e metafísico. O ser humano que jamais fenece, mas vive eternamente. As estrelas, o Céu e a Terra passarão, mas o Verbo não passará.

O tempo é muito fugaz e passageiro: quando olhamos em volta, já passou, mas nossa alma permanecerá eternamente jovem.

Tudo em nossas vidas – posses, riquezas, relacionamentos – é temporário e está em constante mutação. Nosso corpo, nossa fala, mente e ambiente mudam a cada minuto; nada no universo permanece igual. Estrelas morrem e outras

nascem constantemente. A vida é imprevisível, tudo envolve mudanças. Até cada pensamento ou emoção que temos, depressa é substituído por outro...

Não temos liberdade, nem controle sobre nossa vida: não queremos envelhecer, mesmo assim envelhecemos; não podemos escolher quantos anos viveremos ou quando morreremos. Não queremos morrer, mas, inevitavelmente, morreremos, sendo irrelevante se somos jovens ou velhos, saudáveis ou enfermos. Por mais maravilhosa que seja nossa família, ninguém levaremos quando fenecermos. Isto é da nossa natureza. Unicamente com nossas forças nunca conseguiremos matar a morte! O grande milagre da condição humana é que, já que não podemos fugir da morte, ao menos podemos lutar por uma vida plena, no tempo que nos for concedido.

Amando muito, viveremos após a morte: boa parte do que hoje faço é obra de meu filho, que continua vivendo em mim, embora suas mãos estejam reduzidas a pó. A dor pela sua morte expandiu minha alma para melhor entender a alma dos outros e assim continuar a me proporcionar a alegria de viver.

Há casos na história, verdadeiros ou não, de ressurreitos. Mas só um ressuscitou por si mesmo: Jesus Cristo. Às vezes me pergunto por quê? Mas, Ele mesmo disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. A vida é incompatível com a morte e Ele, sendo a vida, seria impossível a morte fazer Nele moradia definitiva.

A maioria dos seres humanos apenas existe ou vive tateando entre a vida e a morte, através da mediocridade da alma. Quem não é bom nem mau, sobrevive, mas não vive: aqueles que não têm ilusões nem esperança e nada fazem para melhorar; os que preferem rastejar a escalar. Aqueles que só falam inutilidades se entregaram à rotina e, por isso, vivem desalentados. Como diz o Apocalipse: “Oxalá fosses frio ou quente! Mas, como és tíbio, nem frio nem quente, estou para te vomitar da minha boca”.

Quase todos nós começamos a juventude cheios de sonhos, projetos e metas que pretendíamos atingir. Porém, aos primeiros fracassos, desistimos e nos refugiamos na mediocridade. Queixamo-nos de que a vida é curta, mas vivemos quase toda ela nos refugiando na rotina, ou melhor, deixando a vida

nos levar.

Costumamos pensar que ressurreição é algo que se alcança após a morte, mas ninguém pensa que ressuscitar é entrar cada dia em mais vida. Como dizia um filósofo: “A ressurreição é um fogo que corre no sangue da humanidade e que nada pode apagar, exceto nossa mediocridade”. No Rotary, encontrei várias pessoas: idosos, que têm a coragem de viver com entusiasmo; senhoras, que consagram seu tempo trabalhando para os necessitados. Gente espalhando amor... para todos. Pessoas positivas que nos fazem sentir melhor, depois de conversarmos com elas.

Todas as manhãs, levantemo-nos convencidos de que o fazemos para viver plenamente e não para vegetar. Há pessoas que vivem desiludidas de tudo, não têm mais curiosidade por nada, achando que já viram tudo e que nada vai terminar bem, por isso não vale a pena começar nada. Este cansaço da vida é um dos males de muitas vidas. Sobretudo da vida conjugal. Tudo se tornou rotina, inclusive o casamento, quando nada de novo se acha no outro. Muitos pensam que o tédio pode ser combatido com diversões: pode-se ir a festas, viajar, ver filmes. Mas quando estas ilusões terminam, o cansaço da alma estará de volta.

No meu ponto de vista, só existe uma solução para o desinteresse pela vida: Amor. Um filósofo dizia: o tédio é uma tristeza sem amor. Quem ama, seja o trabalho, a família e até as pequenas coisas, não se aborrece. Quem vive aborrecido deixa de amar. Dizem que quem cansou de viver é aquele que sente enorme apatia, um grande desinteresse por tudo o que faz ou que nos rodeia. Começa a perguntar: para que serve isto? Qual o sentido daquilo que faço? Frente a isto devemos lembrar um poema de Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Para a pessoa positiva, tudo faz sentido, desde o canto do bem-te-vi, a floresta amazônica, até o sorriso de uma criança. O grande segredo da alma de quem não se deixa levar pela vida é descobrir que tudo vale a pena, nada é inútil, tudo é infinitamente valioso. Triste é ficar enfadado diante do maravilhoso espetáculo da vida.

UM LUGAR CHAMADO SOBRADELO DA GOMA

A aldeia onde nascera e passara toda a infância, tinha um espaço geográfico bem determinado. Todo o terreno era montanhoso. Durante os séculos ou milênios passados, os terrenos menos íngremes e próximos aos cursos de água haviam sido adaptados à agricultura, deixando-se os mais montanhosos para a pecuária ou floresta. Para evitar a erosão dos



solos, todas as terras agrícolas foram suportadas por muros de pedra, formando degraus, que subiam o relevo montanhoso. A maioria desses degraus ou leiras não tinha mais de 10 metros de largo com comprimento variado. Como as terras eram fortemente onduladas, alguns muros tinham até cinco metros de altura, para possibilitar a planização dos campos. Nas bordas, junto aos muros ou socalcos, cultivavam-se videiras suportadas por árvores ou arbustos. Nos campos propriamente ditos cultivavam-se os cereais, em especial o milho junto com feijão ou em, menor quantidade, o centeio.

Toda a região, desde tempos imemoriais, havia sofrido intenso desmatamento, uma vez que toda a energia da região era proveniente da lenha, cada vez mais escassa. Assim, por entre os ásperos montes, plenos de rochedos, hoje apenas crescem mato espinhoso, torgas rasteiras, fentos e ralas herbáceas, que só servem de alimento para gado ovino e caprino.

Havia ainda as hortas, localizadas perto das residências. Nelas eram cultivados verduras e legumes: couves, alface, abóbora, pepino, hortelã, erva cidreira, cebola etc. As hortas eram adubadas com fezes humanas misturadas ao mato depositado sob as retretes ou privadas. Estas nada mais eram que um ou dois buracos com assento no 2º andar da casa de onde os excrementos caíam num cubículo. Na primavera, eram retirados em cestos, levados às costas para carros de boi e espalhados pelo terreno. Não sei como as pessoas não ficavam doentes, pois este estrume fedorento ensopava suas roupas e só as mãos, braços e rosto eram lavados. Não existiam banheiros nas casas.

Os invernos pareciam cada vez mais frios, embora não o fossem,

porém as condições socioeconômicas eram cada vez mais precárias. Roupas surradas de adultos eram adaptadas para uso infantil. A grande expectativa dos jovens era emigrar, principalmente para o Brasil. Porém, até para isso era necessário um mínimo de dinheiro, para pagar as passagens de navio. A migração interna, em direção à capital ou ao Porto, era exígua. A Guerra tinha destruído a economia europeia. Até nos países não envolvidos diretamente nela, caso de Portugal, não havia empregos, principalmente para a mão de obra não qualificada, como era a dos jovens das aldeias que tinham, no máximo, quatro anos de estudo.

Esses jovens, conforme se tornavam adultos, ficavam com o olhar triste, pois nem a esperança lhes restava. Os idosos eram quem mais sofriam. A maioria vivia do pouco que seus minifúndios produziam, sempre insuficiente para alimentar toda a família. Seu mundo era a aldeia ou freguesia, e muitos deles jamais haviam se afastado delas num raio de 20 km. Telefone, luz elétrica ou rádio não existiam em seu pequeno mundo. As principais notícias do que acontecia pelo país e exterior vinham através das homilias da missa de domingo, imperdível para todos. O pároco era considerado um sábio, se bem que, como quase todos os padres das aldeias perdidas pelos cantões do mundo, era apenas um pouco melhor informado que os paroquianos. Mas, no mundo relativo em que viviam, a voz do sacerdote era a luz que iluminava suas vidas. Outras notícias chegavam através das cartas dos filhos que tinham conseguido emigrar. Mesmo tendo seu nível intelectual idêntico aos que permaneceram, viviam em cidades e tinham acesso a informações, negadas aos que ficaram. Se bem que ainda não havia correio aéreo e qualquer carta demorava mais de um mês para chegar, quando os fatos nela narrados há muito estavam defasados.

Muitos anos depois, já professor universitário e pesquisador, participei de um Congresso Internacional de Geografia, em Havana, Cuba, e relembria esses episódios: escrevera de lá para o Brasil e as cartas apenas chegaram um mês depois de eu ter regressado. Aliás, havia sido advertido por minha *partner* cubana sobre isso. Ela explicou-me: “as cartas não demoram muito. Qualquer carta que se envie para dentro de Cuba chega ao destino entre 15 dias ou um mês, o que não é muito tempo”. Respondi-lhe: não estás habituada com um correio de verdade, pois, no Brasil, onde cabem mais de 80 Cubas, as cartas levam, no máximo, 48 horas para chegar ao destino, e, mesmo assim, demoram esse tempo somente nos rincões amazônicos. Como vemos, as expectativas são relativas ao que delas se espera.

Além do meio físico, existiam os aspectos religiosos e culturais ou

folclóricos. O povo era fundamentalmente religioso e temente a Deus. O Deus em que acreditavam, e ainda muitos acreditam, não era um Deus misericordioso, benevolente e amoroso. Era um Deus temível, ciumento e vingativo, que julga e pune, como o Deus do Antigo Testamento. Vivia-se com medo dos castigos divinos, pois Deus é justo. Confundiam justiça humana com divina, isto é, pensavam em um Deus à sua imagem e semelhança. Se Deus quisesse uma obediência cega, por que teria dado aos homens o livre-arbítrio? Que livre-arbítrio seria esse se escolhêssemos algo que não fosse o caminho traçado por Deus e nos levasse à condenação? Que livre escolha seria essa, se não tivéssemos a possibilidade de fazer a nossa vontade mas a de outrem? Embora o coração desses camponeses lhes assegurasse que Deus era bom, devendo ser amado sem medo, os clérigos sempre lhes asseguravam que Deus era mau e vingativo.

Esse Deus rancoroso e ciumento de que lhes falavam, não era o *Deus*, mas um substituto neurótico do que seria uma divindade. Estava sempre pronto a mandá-los para o Inferno, mesmo por pequenas faltas, ou submetê-los a torturas indescritíveis no Purgatório. Todavia, isto não era nem é privilégio dessa pequena comunidade mas, talvez, de mais da metade da humanidade, ainda hoje baseada mais em mitologia do que na realidade. As pessoas achavam e acham que os livros sagrados são a Palavra de Deus. Porém, o que são palavras? São símbolos orais que representam sentimentos, pensamentos e experiências. Contudo, palavras não *são* os sentimentos, pensamentos e experiências, uma vez que dependem das traduções onde muito do conteúdo é perdido. Além disso, cada igreja ou seita dá uma interpretação diferente e a seu bel-prazer. Acaso saímos para visitar vários cultos, nas diferentes igrejas cristãs, para cada vez que for mencionada a palavra DEUS, ouviremos dez vezes falar em demônio, diabo ou satanás. Este seria um ser maligno que nem existe. Vive-se na ilusão de que Deus vive em guerra com esse ser maligno e, se nós não O ajudarmos, Ele até pode ser derrotado. Deixemos de ilusão: o poder de Deus é tal que não admite rivalidades. Ele é simplesmente o Criador de tudo (não só da Terra); é onipotente e onisciente. Para Ele não existe tempo ou espaço. Tudo o que criou é perfeito. Foi o ser humano que resolveu criar um poder análogo ao de Deus, para encontrar um modo de Sua vontade ser contrariada. Vivemos na ilusão de que Deus criou um ser que se revoltou contra Ele. Só pensa assim quem duvida de Deus e de quem Ele é. Criamos o pensamento em Deus baseados em experiências humanas e não em Verdades Espirituais. Em outras palavras: criamos um deus à nossa imagem e semelhança, em vez de nos considerarmos à imagem e

semelhança de Deus.

A ideia de um Deus que não julga e não pune é maravilhosa demais para ser aceita no atual estágio da humanidade. Laurinda, minha avó, sempre falava: “Graças a Deus, todas; graças com Deus, nenhuma”. Ela pensava assim devido a ensinamentos da Igreja Católica na época. Mesmo sendo muito inteligente, era analfabeta e não tinha acesso a informações diferentes.

Deus é alegria, foi Dele que recebemos o bom humor. Sendo nosso melhor amigo, devemos conversar com Ele, como se estivéssemos falando com um amigo íntimo. Deus sempre está presente em tudo o que fazemos, mas não nos obriga a fazer nada. Ele é como um observador, estando sempre pronto para nos ajudar, porém nunca tomará decisões por nós. Nosso livre-arbítrio é respeitado por Deus. Não precisa de nossa obediência, pois não tem necessidade de coisa alguma. Ele é tudo o que existe e tudo o que não existe. Acreditar em um Deus que precisa de alguma coisa é acreditar em um Ser inferior. Deus tem vontades e desejos para conosco, mas não os impõe, não necessita sequer de nossa adoração ou obediência; nós, sim, precisamos Dele.

Devemos ser sempre gratos a Deus por tudo. Jesus, antes de cada milagre, agradecia ao Pai, pois de antemão sabia o que ocorreria. Também para nós, a melhor oração é a de agradecimento e não de súplica. Devemos basear nossas preces em que Deus sempre atenderá a nossos pedidos, sempre. Contudo, a maioria da humanidade pensa que Deus fica no Céu, sentado numa nuvem, filtrando nossos pedidos: “Este eu atendo, este não atendo, aquele talvez atenda”. Sabemos também que muitas vezes nossos pensamentos ou palavras surgem apenas mecanicamente; não saem do coração, são pensados ou ditas sem sentimentos. Não há vontade suficiente do suplicante para que sejam atendidos pelo Criador.

O COMEÇO DA HISTÓRIA

Nascido no lugar de Penas, segundo me disseram, mas com menos de seis meses de idade, meus pais se mudaram para o lugar do Outeiro em frente à casa do Antunes, em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial. Meu pai, carpinteiro, trabalhava onde havia necessidade. Fazia pipos para vinho, armários, consertava telhados, quase sempre longe de onde morava. Na época, não havia o costume de levar comida para o trabalho. A esposa, na hora do almoço, levava a comida e comiam juntos. Por vezes, trabalhava em Travassos, freguesia vizinha, e demorava mais de uma hora para ir e outra para vir, e eu, criança, era deixado sozinho em casa, ou se pedia a uma vizinha para tomar conta. No caso, a vizinha era da família Rego.



O Outeiro fica a meio do caminho entre a Igreja, localizada em Varzílias, e a Igreja Velha, onde meu avô morava com a esposa, duas filhas solteironas

Igreja de Sobradelo: meu pai e eu..



Marlene, Emanuela, Tias Luiza e Maria e Irmão Joaquim Veloso, atrás.
e um filho ainda solteiro – o único

que não emigrou para o Brasil. Também era lugar obrigatório de passagem da feira da Póvoa de Lanhoso ou das missas em Travassos. Frequentemente, ao passar, ouviam e viam a criança chorando. Ao fazer um ano, bastante desnutrido, meu avô falou para uma das filhas, referindo-se a mim: – “vamos levar a criança” – que também era afilhada dele – “para a Igreja Velha”. E não a deixou mais voltar. Lá havia quem cuidasse dela, e para a

minha mãe foi um alívio, pois já estava grávida de outro filho e tinha grandes dificuldades financeiras.

O grande medo de minhas tias, Maria e Luísa, era que eu morresse rapidamente. Tia Maria contava que, tendo ido à missa das 6 horas da manhã e os demais membros da família à missa do dia, às 9 horas, eu estava tão debilitado, que ela só rezava para eu não morrer até que todos chegassem de volta da igreja. Mas, por sorte ou destino, sobrevivi e fiquei lá até quase os 16 anos de idade.

As palavras *avô* e *avó* eram desconhecidas na minha infância e na aldeia. Avô era paizinho e, avó, mãezinha. Já as tias eram denominadas madrinhas e, os tios, padrinhos. Minha tia Luísa era minha preferida e chamava-lhe de mãe até os 7 ou 8 anos de idade e dormi com ela até completar sete anos. Quando meus pais emigraram para o Brasil, em 1948, me deram, sabe Deus a que custo, os primeiros sapatos. Até então eu sempre andava descalço, mesmo no inverno congelante. Nunca consegui adaptar-me a tamancos que, na região, chamavam socos (os chinelos, tipo havaianas, ainda não tinham sido inventados).

Quando fui para a escola, aos sete anos, em 1949, meu avô me deu umas chancas, que eram botas com solado de madeira. Mas, no verão, ia para a escola descalço, e muitos garotos até no inverno iam descalços. Hoje, isso é impensável, mas era a realidade do pós-guerra. Quantas vezes dei topadas nas pedras do caminho, ferindo os pés, o que doía demais nos dias geados. Nunca tive luvas, nem mesmo quando fui para o Seminário, em Braga. Tanto nos pés quanto nas mãos e até orelhas apareciam frieiras, isto é, feridas devido ao frio. Tempos difíceis, mas sobrevivemos.

A PONTE ROMANA

O Rio Ave é um pequeno rio do norte de Portugal que, da nascente na serra da Cabreira até a foz, na cidade de Vila do Conde, não percorre mais de 100 km, mas desde tempos imemoriais tem sido importante para a região



conhecida como Vale do Ave. Hoje está extremamente poluído e pode ser considerado um rio morto. O mais antigo trabalho humano, que ainda resiste em seu alto curso, é uma Ponte Romana, monumento nacional de Portugal, em arcos de granito, chamada pelo povo

de Ponte Domingos Terno, ligando as duas margens do rio na Freguesia da Esperança. Possivelmente o nome original não seja esse, afinal, no Rio de Janeiro, na Av. Brasil, altura de Santa Cruz, há um viaduto denominado Eng. Oscar Brito e só é conhecido por viaduto dos cabritos.

Os pais de meu avô paterno tinham tido 10 filhos no último quartel do século XIX e todos morreram logo após o nascimento. Quando minha bisavó engravidou daquele que seria meu avô, ela e o marido procuraram uma bruxa que, no Brasil, é chamada rezadeira. Ela mandou que, quando o filho nascesse, o levassem à Ponte Romana, um balde e uma corda para puxar água do rio. Exatamente à meia noite, a primeira pessoa que passasse pela ponte a chamassem para batizar o filho, garantindo que este não morreria. Assim foi feito: passou um homem qualquer e pediram para batizar o filho. Por sorte, acaso, coincidência ou ajuda do astral, o filho não faleceu e eu viria a ser seu neto.

Eles, meus bisavós, com idade avançada, não tanto quanto Abraão e Sara, não esperavam mais ter descendentes. Um campo de cultivo com um olival, ao lado de sua casa, foi-lhes oferecido e não o quiseram comprar, por já estarem velhos e não terem filhos. Emprestaram o dinheiro a um vizinho

que o comprou. Veio uma época de inflação e como ainda não se cobravam juros ou correção monetária, o dinheiro que receberam nada valia. Ficaram sem o campo e sem o dinheiro. Seu filho viria a ter quatro filhos e duas filhas e as terras que tinham eram insuficientes para alimentar toda a família. Mas isto é outra história.



A Ponte Romana

Na época da Segunda Guerra, um maluco qualquer resolveu suicidar-se nessa Ponte que, do vão até o rio, tinha mais de 5 metros de altura. Porém, não era tão doído assim, pois, ao pular, abriu um guarda-chuva que lhe serviu de paraquedas. Os guarda-chuvas antigos eram muito resistentes e caros.

Na pobreza em que viveu, meu avô, que além de agricultor trabalhava como carpinteiro, foi beneficiado pelo menos duas vezes pela sorte: ao nascer e durante a Primeira Grande Guerra. Era soldado e foi mandado para a guerra, quase desarmado, como todo o seu batalhão. Quando meu pai, seu primogênito, nasceu, pediu para ir a casa. Não deixaram, foi assim mesmo, praticamente desertando, mas voltou um mês depois. Seu batalhão não existia mais, pois fora todo dizimado, nem um único companheiro seu sobreviveu. A Guerra terminou e teve de servir mais dois anos, mas ainda teve mais cinco filhos.

O INVERNO NA MINHA ALDEIA

No final da década de 1940 e durante toda a década de 1950, a estação do inverno era difícil de suportar em todas as aldeias montanhosas do norte de Portugal, mormente na região onde habitávamos. Sem energia elétrica, com roupas e calçados inadequados para suportar o frio, sofríamos bastante. Era este o período do ano em que mais idosos faleciam ou ficavam doentes.

Grande parte das crianças andava descalça ou, no máximo, usava tamancos. O frio era tanto que os dedos das mãos enregelavam e não os conseguíamos unir uns aos outros. Dizíamos que não fazíamos um “cu de galinha”, isto é, unir os 5 dedos da mão. Os pés ganhavam frieiras, que eram feridas entre os dedos ocasionadas pelo frio. Tomava-se conta do gado nos campos ou no monte, com os pés descalços. Por vezes, no tempo frio, dávamos topadas que sangravam os dedos e doíam fortemente.

Saíamos para a escola, pisando no gelo em bastões que se formava sob o chão úmido. Por volta de meio dia, em dias ensolarados, o gelo derretia e formava um chão escorregadio e liso que, à noite, formaria de novo cristais de gelo. Os mais remediados, isto é, os menos pobres, usavam botas ou chancas, que eram botas com solado de madeira e protegiam os pés do frio. Era o que eu usava no inverno; no verão ia descalço. Ganhei os primeiros sapatos quando tinha 7 anos e só por volta dos 10 ou 11 anos ganhei outros.

Lavar o rosto de manhã era uma dificuldade, principalmente para quem não tinha água encanada em casa. As águas represadas em poças ou os charcos simplesmente congelavam. Era preciso quebrar o gelo superficial para nos lavarmos. Na escola escrevia-se com ponteiro de ardósia na lousa do mesmo material e como ninguém usava luvas tínhamos muita dificuldade para escrever. Não havia cadernos nem lápis, somente lousas, que facilmente quebravam. Na 3ª classe, que para a maioria era a última, pois só 10% dos alunos frequentaria a 4ª, aprendia-se a escrever em cadernos com pena e tinta. Cada carteira tinha um tinteiro embutido onde o professor punha tinta e onde molhávamos a pena para escrever. Canetas eram caras, ninguém as tinha e a esferográfica ainda não havia sido inventada.

As férias do Natal/Consoada de 15 dias eram uma pausa na escola, mas não o eram nos trabalhos agrícolas. O gado precisava ser levado para o pasto ou, se chovia, ficava confinado nas cortes e alimentado com palha de

milho ou feno, acumulado em medas e retirado conforme a necessidade. De noite, e mesmo durante o dia, se possível, nos reuníamos em volta da lareira onde lenha era queimada não apenas para cozinhar, mas também para aquecer as pessoas e o ambiente. Por ficarmos perto do lume, quase sempre as pernas desnudas ganhavam *murras*, manchas avermelhadas por exposição ao fogo.

Tudo se aproveitava naquele tempo. As mantas eram feitas em tear de farrapos inservíveis para qualquer outra coisa e as roupas velhas esfarapadas transformavam-se em relativamente bons cobertores.

Quando estive em Lourdes, na França, no ano 2000, e relembrei a história de Bernadete, que procurava lenha para se aquecer no rigoroso inverno na região dos Pireneus e o dono da terra lhe dizia para se afastar de sua propriedade, lembro que em minha infância não era muito diferente. Com os sarmentos finos das videiras, podadas tanto nos campos quanto nas ramadas ou latadas eram feitos molhos que se guardavam em medas ou caves (lojas), pois a lenha era sempre insuficiente durante o inverno. Nem sei como os miseráveis conseguiam sobreviver ao inverno, sem um graveto de lenha para o lume. Hoje, essa lenha fina é acumulada após a poda e queimada no próprio lugar.

Sempre nos deitávamos cedo no inverno, quase sempre uma ou duas horas após escurecer. Reuníamos-nos para a ceia, em geral um caldo verde só com couves e feijões ou papas de farinha de milho. No final, rezava-se o terço em família à luz de uma candeia a azeite ou gás (querosene), cuja chama era tão fraca que mal podia se fazer qualquer coisa. Até fiar a lã ou espaldar e fiar o linho ou fazer tricô era difícil e só as mulheres o faziam. Por vezes os homens jogavam cartas.

VISÃO DO BRASIL NO PORTUGAL PROFUNDO

Quase todas as famílias tinham alguém emigrado para o Brasil. Muitos voltavam à terra que os viu nascer, dizendo maravilhas do país hospedeiro. Época em que só se faziam viagens de navio, durando em média 12 dias e, como não havia meios de constatar a veracidade dos fatos, a palavra do emigrante não sofria contestação. Todos, sem exceção, se diziam bem sucedidos e até ricos. Eventualmente, quem tivesse sido mal sucedido, não o confessava, por medo de ser considerado um fracassado. Contavam coisas absurdas sobre como ganharam dinheiro sem se esforçar muito. Isto criava um clima tão favorável que só não emigrava para este país, quem não tinha dinheiro para a passagem.

No imaginário popular, o Brasil era a terra da felicidade, quase o Paraíso Terreal, de que falava a Bíblia. Minha avó, nascida por volta de 1880, falava que quando era jovem havia o mito de que no Brasil existia a árvore das Patacas (pataca era uma antiga moeda portuguesa e ainda hoje é a moeda oficial de Macau, China, antiga colônia portuguesa).



Árvore das Patacas



Moeda corrente em Macau - China

Dizia-se que bastava abanar a árvore, que as patacas caíam dela e era só apanhá-las: ficava-se rico sem qualquer esforço. Infelizmente, quando cheguei ao Brasil, em 03/01/1958, a árvore já estava extinta e tive de trabalhar de dia e estudar de noite para poder ter algum conforto e também dá-lo à minha família. Entretanto, sabemos que muita gente, que vivia “com uma mão na frente e outra atrás”, ficou rica da noite para o dia: certos políticos, muitos pastores evangélicos, alguns policiais civis ou militares etc. Tenho certeza de que, em algum lugar do Brasil, ainda existe a árvore das patacas, que gera riqueza instantânea.

No Brasil, não havia felicidade, o país era a *própria* felicidade. Não havia ninguém pobre ou infeliz. Talvez tenha surgido daí que “Deus é brasileiro”, pois viver neste país era viver no Éden ou Paraíso. Quanto à visão que se tinha da mulher brasileira, não era tão favorável. Pensava-se que ela não trabalhava, seja porque não quisesse, ou por não ser necessário, pois tudo era fácil de obter.

Muitos portugueses casavam-se por procuração com mulheres de sua aldeia. O que eles queriam era uma escrava, pois as camponesas tinham tripla jornada: cuidavam dos filhos, da casa e ainda trabalhavam nos campos, além de serem submissas. O grande defeito das camponesas, quando se juntavam aos maridos, era a falta de civilidade. Seus modos na cidade eram brutos e envergonhavam os maridos, também sem bons modos. Eram preteridas no amor por amantes brasileiras e tornavam-se escravas do trabalho, sem ter os pais perto ou familiares para reclamar.

Raramente conheci, ou tive notícia, de alguém que tivesse emigrado para o Brasil e retornasse à sua região definitivamente. Todos iam a passeio, alguns até compraram uma Quinta (fazenda), mas deixavam alguém para a trabalhar. A exceção era o dono da melhor venda da freguesia. Quase ninguém se readaptava a um lugar sem o mínimo do conforto usufruído nas cidades. A maior obra realizada na Freguesia de Sobradelo da Goma foi feita por um “brasileiro”, isto é, um imigrante. Construiu, por volta de 1930, uma estrada de mais de 10 km, até a casa onde nasceu. Dizia-se que era dono das loterias no Rio de Janeiro. Fez a estrada como mimo à sua esposa, que havia sido prostituta. A estrada era calcetada e não sofreu dano até hoje. Minha avó paterna trabalhou nela com os carros de bois, quando meu pai era criança. Não voltou ao Brasil, pois já era idoso. Mandou fazer o único jazigo existente no cemitério local, onde foi sepultado com sua esposa.

A CASA DE MEUS AVÓS

A casa de meus avós era uma das mais amplas da freguesia, datada de meados do século XVII, contornada por calçadas em toda a volta e formando um círculo onde, no meio, havia uma ampla eira (piso) calçada com pedras de granito bem trabalhadas, um canastro ou espigueiro feito sobre colunas de pedra de mais de 2 metros de altura. Era um alpendre de 6 ou 7 metros de comprimento por um metro e meio de largura, todo ripado, para penetração de ar, impedindo as espigas de milho de mofar. Havia ainda um tanque de cerca de 4 metros de comprimento por 3 de largo,



Atualmente reformada: fundos com eira, canastro e tanque. uma nascente canalizada para ali e para a cozinha. Além de servir para lavar roupa, irrigava uma horta a pouca distância da casa.

Tínhamos ainda um alambique de cobre, para destilar o bagaço das uvas e fabricar aguardente. Um amplo espaço vazio, na entrada da porta principal era utilizado para guardar os utensílios da lavoura: arado, enxadas, carros de bois etc. Toda a parte do primeiro andar era dedicada a cortes (currais) de gado ou lojas de cereais, lenha e vinho.

A corte era onde se guardavam duas vacas e, eventualmente, um bezerro, filho delas. Durante o ano, e renovado cada dois meses, se colocava mato roçado nos montes para ser transformado em estrume, usado como adubo nos campos. Depois, havia uma ampla loja de uns 30 m² com piso de terra e várias arcas (caixas) para guardar os cereais secos: feijões, centeio, milho sem espiga e favas. O piso de terra era estratégico, pois quando o governo queria confiscar era fácil enterrar sem despertar suspeitas.

Havia também a loja de guardar os pipos de vinho. Na quinta de meus avós produziam-se cerca de 6.000 litros de vinho, que eram depositados em barris de 500 a 1000 litros cada um. Era lá também que ficava a salgadeira, com a carne do porco que era morto em novembro, início do tempo

frio e seria consumida pela família durante o ano inteiro. O azeite também aí depositado era guardado em grandes talhas (ânforas) de barro. Uma dessas talhas guardava vinagre e outra azeitonas em conserva.

A cozinha tinha duas entradas: uma para a eira e outra para o eido ou quinteiro. Era parcialmente dividida por uma taipa de madeira. De um lado, havia a mesa de jantar (almoçar) e, na extremidade, o forno, que era de tijolo maciço com cerca de um metro e meio de diâmetro. O pão era feito semanal ou quinzenalmente. Do outro lado da taipa ficava o lume. Não havia fogão, apenas uma depressão na rocha onde se fazia o fogo e se cozinhava em potes de ferro. No teto, havia um dispositivo parecido com a roda de uma carroça, onde se penduravam os salpicões e chouriços (tipo paio e linguiça) para defumar.

De um lado do lume, havia a pia com torneira de água de nascente e, atrás dela, um armário forrado com ramos de pinheiro para guardar as louças; do outro lado, um escano (sofá de madeira) e, atrás, havia uma mesa movediça (que podia ser suspensa) onde ceávamos no inverno. Atrás do escano estava a masseira e um pequeno depósito de lenha para uso diário.

Saindo da cozinha, existia o eido forrado de mato e com duas pias de pedra para os porcos comerem. Uma pequena escada de pedra de cerca de um metro de altura levava aos lagares de vinho. Dois tanques ou piscinas, um de 3 metros de largo por 4 de comprimento e outro de um metro por 4 de comprimento. Sobre eles, uma trave de carvalho de mais de meio metro de espessura, em que havia uma pedra de duas toneladas na ponta para espremer o bagaço. Sobre o eido, uma latada de parreiras que produzia bastantes uvas.

Uma escaleira (escada) de pedra dava acesso a um pequeno quarto, onde se guardavam cebolas e abóboras, e ao sobrado, onde, entre outras coisas, havia um tear para tecer panos de linho ou de lã, alguns móveis antigos e ainda batatas para o ano inteiro. À direita havia outra ampla corte (curral) que, além de servir de dormida para vacas, era para ali que escorria o vinho dos lagares, levado por almudes e cântaros para os pipos (barris), onde lhe eram depositados através de um embude (grande funil), inserido na parte superior. Do outro lado, e em frente ao portal principal, o abrigo dos porcos e outra corte, onde as ovelhas e cabras pernoitavam. Em cima desses, a barra (sótão) onde eram guardados o feno e palha, para alimentar tanto as vacas quanto as ovelhas em dias de inverno com nevascas.

Como vimos, a parte inferior da residência era dedicada a estábulos ou lojas para guarda de alimentos e lenha e cozinha. A parte superior era dedicada à moradia, como descreveremos a seguir: uma ampla e mal cuidada varanda de dois metros de largura fazia um semicírculo à eira e que dava

acesso aos dormitórios e salas. Para acessar o andar superior havia duas amplas caleiras, pois o nome escada só era utilizado para artefatos de madeira com degraus e transportáveis. As caleiras ou escaleiras tinham degraus de pedra, sem corrimões.

A varanda tinha corrimões em toda a volta, mas haviam perdido as ripas de madeira. Contavam-me que por duas vezes eu caíra para a eira: em uma, meu tio Clemente conseguiu me segurar antes de eu tocar o chão; na outra, rolei as caleiras, machucando-me bastante. O chão da varanda era de madeira bastante danificada. O primeiro cômodo era uma antiga cozinha desativada. O chão era de terra, o que serviu durante o confisco na 2ª Guerra para enterrar um barril de 500 litros de vinho, cheio, carregado por meu pai e meus tios. Hoje foi restaurada como cozinha e sala de jantar.

O segundo cômodo era a sala de jantar, onde havia uma grande mesa, com um banco comprido de cada lado, e um armário, onde minha avó guardava comidas, pratos, travessas etc. Havia um quadro com a Igreja da Penha, do Rio de Janeiro, sobre uma mesa com duas gavetas, na qual meus avós guardavam as fotos dos casamentos dos filhos ocorridos no Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Uma porta levava a um quartinho onde havia bebidas e lembranças.

Um pequeno quarto era onde os criados dormiam. Após ele, vinha o que chamavam de quarto da máquina. Inicialmente, minha tia Maria dormia nele, depois dos 7 anos passei eu a morar nele, até a vinda para o Brasil. Lá, havia dois grandes baús, que eram os guarda-roupas de toda a casa. Um deles guardava as roupas da tia Maria e o ferro de passar. O outro havia pertencido à minha mãe, que o largou lá quando emigrou para o Brasil.

Depois, vinha o quarto torto, assim chamado porque tinha a forma de triângulo equilátero, com vértice para a varanda. Isto se devia ao semicírculo que a residência fazia. Era o quarto da tia Luísa, com quem eu dormi até os sete anos; depois passou a ser o das duas irmãs: Luísa e Maria. O quarto de meus avós vinha a seguir: era amplo, com um guarda-roupas horizontal, cheio de segredos. Meu avô reformou um outro quarto, enorme, que transformou em sala de visitas. Era nela que a família recebia o Cristo ressuscitado que percorria todas as casas da freguesia na Páscoa.

Havia um grande espaço vazio onde os porcos, que eram mortos no inverno, ficavam presos pelos pés, escorrendo líquidos, até serem salgados ou transformados em salpicão (paio) e chouriços. Ainda por vezes aí se secavam cereais, batatas e cebolas. No canto esquerdo, ficava a privada. Esta era composta de uma bancada com dois buracos redondos. As fezes caíam sobre o mato numa corte pequena e, no momento certo, eram levadas para a horta

ou aos campos de cultivo para servir de adubo.

Numa das extremidades, o espaço foi fechado e transformado em quarto de casal, para o único filho que não emigrou. Lembro vagamente quando nasceu minha primeira prima, pois tiveram de chamar o médico da sede do município para a extrair a fórceps. O quarto tinha uma parede voltada para nossa horta coberta de hera.

ACIDENTE NA COZINHA

Tínhamos uma rotina em casa de meus avós: após a volta dos trabalhos no campo, que começavam antes do nascer do sol e terminavam após este se pôr, nos reuníamos na cozinha para a ceia, que nada mais era que um caldo verde ou sopa de verduras e feijões, além de pão de milho e vinho.

Depois disso, sempre rezávamos o terço em família e todos ficávamos em pé durante as orações. No inverno, em que as temperaturas desciam abaixo de zero, depois de rezarmos o terço, ficávamos na cozinha, os mais velhos conversando, as mulheres fiando ou tricotando, e as crianças sentavam ao lado da lareira, que nada mais era que uma depressão nas pedras da cozinha. Quando se usavam panelas de ferro para fazer comida se colocava uma tempra (grade) também de ferro e se punha a panela em cima, colocando a lenha em baixo. Mas, o mais comum, era usarem-se potes de ferro com 3 pequenas pernas e colocar-se lenha em volta.

A cozinha era o local de reunião da família. Ocupava uma área de mais de 20 m², dividida parcialmente por uma taipa de madeira. Toda a cozinha tinha a cor negra por décadas ou até séculos de fumaça do lume. Perto do fogo havia um escano ou poltrona de madeira e, atrás dela, ficava um pouco de lenha para uso diário. Numa bancada da parede junto à lenha estava a masseira, que nada mais era que uma caixa de madeira onde o pão de milho era amassado uma vez por semana.

No teto, com os caibros e telhas aparecendo, havia um dispositivo parecido com uma roda onde, quando começava o inverno e se matavam os porcos, se penduravam os salpicões, linguiças e pernis. Na parede atrás do fogo existia uma tábua larga com dobradiças e que deslocada era a mesa mais usada no frio. Do outro lado da taipa ficava a mesa grande e o forno onde se cozia o pão de milho. Havia ainda duas portas, uma voltada para o eido e para o lagar do vinho. Outra, em sentido contrário, dava para a eira, lojas, escaleira ou escada de pedra que levava aos quartos e salas.

Foi numa noite de inverno, quando ainda não frequentava a escola. Num pote de cerca de 10 litros cozinhava-se comida para os porcos, terminamos de rezar o terço, os adultos estavam sentados num escano ou num banco de madeira, não muito longe do fogo. Sentei no chão e minha prima Laura, de pouco mais de um ano, me abraçou e subiu nas minhas costas. Fiquei um pouco de tempo nessa posição e nem sei por que resolvi levantar e, para isso,

me segurei puxando a asa do pote com comida para os porcos fervendo. O conteúdo de abóbora e verduras caiu sobre minha perna direita, deixando-a marcada para toda a vida. Um tio, que havia vindo do Brasil, retirou a menina imediatamente e não foi atingida. Minha avó mandou que botassem bosta de vaca em cima das queimaduras. Ainda falou: ainda bem que não atingiu as partes ruins, isto é, os órgãos genitais. Lembrando disso hoje, não sei como não tive infecção. Mas o certo é que fiquei bom, de outra maneira não estaria aqui para contar a história. Deve ser lembrado que vivíamos num lugar pobre, sem luz elétrica, telefone, estradas, acesso a médicos, hospitais e outras comodidades citadinas. As pessoas mais velhas adquiriram de seus antepassados uma sabedoria popular que lhes permitia enfrentar as necessidades imediatas para sobrevivência, usando ervas para curar doenças corriqueiras, ou fazendo promessas a Deus e aos santos, o que nem sempre funcionava, pois a mortalidade durante o parto e a infantil era grande. Hoje, nenhum cemitério tem espaço reservado aos “anjos” crianças, mas, na época, uma quarta parte dele era para crianças falecidas com menos de sete anos de idade.

OS TARTULHOS



Selo: cogumelo comestível Os venenosos, denominados tartulhos de sapo, crescem no solo ou em árvores mortas, mas têm cores bem diferentes dos comestíveis. Na época, não eram usados como drogas alucinógenas, como ocorre hoje.

A época em que é mais comum



Selo: cogumelo venenoso

Em Portugal, como em toda a Europa, é muito comum procurar cogumelos nas florestas, montanhas e zonas agropastoris, principalmente na Primavera. Todos os camponeses e suas crianças sabem distinguir os cogumelos comestíveis dos venenosos. Há 3 tipos de cogumelos comestíveis: os que crescem no chão, chamados tartulhos; os que crescem em algumas árvores vivas, como o carvalho e que recebem o nome de tartumelas; e ainda os que se desenvolvem dentro do solo – as trufas, que são os mais raros e mais caros.



encontrar bastantes

tartulhos é na Primavera, nos meses de março e abril, embora possam ser encontrados durante quase todo o ano. Quando vínhamos da escola e pegávamos atalhos pelo mato, ou levávamos o gado para pastar nos montes, quase sempre os achávamos, por vezes os comíamos ali mesmo, outras vezes os levávamos para casa para fritar. O maior que eu achei, cresceu no meio de uma bosta de vaca e tinha mais de um palmo em seu chapéu, e o talo também era bastante grosso.

Trufas nunca encontrei, mas havia quem levasse porcos para os montes, pois estes percebiam, pelo cheiro, onde as havia, tentavam comê-las

e quem os levava as extraia. Depois, eram vendidas na vila, por alguns tostões. Tartumelas encontrei muitas vezes, mas minha avó falava para não as comer, poderiam ser venenosas, mas muitos amigos as comiam sem problemas.

No verão, havia revoada de vacas louras, besouro (coleóptero), um pouco maior que a cigarra, parecido com o nosso besouro rinoceronte, provido de dois cornos ou chifres, com duas ramificações internas, que pousavam em carvalhas velhas, de onde corria uma seiva de que se alimentavam. Era também nelas que depositavam os ovos onde as larvas se desenvolvem. Sabíamos onde as encontrar e as pegávamos para tirar seus chifres que serviam como moeda para apostas em jogos de malha na vinda da escola. Muitas vezes, apertavam-nos os dedos e não raro tínhamos de ir ao hospital. Elas continuavam vivas. Nem atentávamos para o fato de que era uma crueldade com o besouro, porque certamente os levariam à morte. Hoje sei que são muito procurados por colecionadores num comércio internacional clandestino.

Meus avós tinham uma horta perto de casa a que chamavam cortiços, pois em tempos passados aí havia colmeias. As colmeias, naquela época, eram todas de cortiça, casca de sobreiro relativamente fina, com cerca de dois anos, extraída da árvore. Para rolhas, demorava sete anos. As abelhas ficavam dentro dessa colmeia que as protegia no inverno, pois a cortiça é impermeável e isolante térmico e acústico. A palavra cortiço foi usada no Brasil para definir habitações comunitárias pobres, também chamadas cabeças-de-porco.

Estava eu na terceira classe ou ano escolar. Na vinda da escola, no verão, cortei caminho por uma mata e descobri um enxame num buraco de um velho carvalho. A primeira pessoa a ver passa a ser o dono, ainda que a propriedade não lhe pertença. Meu tio foi até lá com um cortiço e o trouxe para onde tinha havido colmeias; foi assim que voltamos a ter abelhas de novo e mel em casa de meus avós.

O PARTO

Meus avós, em cuja casa fui criado desde a idade de um ano, não eram das pessoas mais pobres da freguesia. Tinham uma quinta média, a melhor do lugar, produziam bastante milho, vinho e azeite. Acontece que toda a região era pobre e os mais abastados eram os que podiam comer duas refeições por dia, criar um porco para matar no início do inverno, salgar a carne e usá-la durante todo o ano, mas apenas aos domingos. A comida quotidiana do almoço era feijões ou batatas, ou ainda milhos, que era o que chamamos canjiquinha. À noite, se comia um caldo verde ou papas, que era o caldo com farinha de milho branco, formando uma espécie de mingau. Pela manhã, só se tomava cevada, como café, e pão de milho que era feito na própria casa. O vinho verde tinto estava presente nas refeições. As crianças desde 6 ou 7 anos tomavam vinho, que era um alimento importante.

Tínhamos cerca de 20 ovelhas, duas ou três cabras e 4 vacas. As ovelhas eram para reprodução e produção de lã, os cordeiros eram vendidos para ter algum dinheiro, assim como as vacas, que além de serem usadas para puxar os carros, rústicos, onde eram atreladas ao arado para lavrar os campos

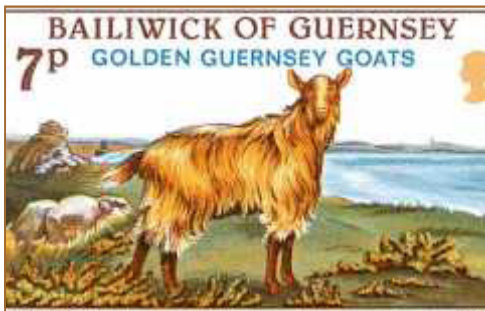


de cultivo, ainda tinham um bezerro por ano que também era vendido para pagar os impostos. No regime do Estado Novo, o agricultor era a pessoa mais explorada da nação, os impostos sobre a terra eram altíssimos. Apesar disso, o regime tinha um apoio quase absoluto dos agricultores, analfabetos na quase totalidade. As cabras produziam leite para as crianças e doentes. As vacas de chifres longos só produziam leite para alimentar seus bezerros.

Vacas, ovelhas e cabras não pastavam nos mesmos lugares. Como as ovelhas e cabras cortavam o mato bem rente ao solo, onde elas comiam, o gado bovino não conseguia se alimentar e pastava nos campos, após serem ceifados, ou nos montes, perto de casa. Já o gado ovino e caprino pastava em montes mais distantes, ou onde a vegetação era de qualidade inferior, pois

comiam plantas espinhosas e galhos de arbustos. Na época de verão, quando os carvalhos produzem landes, uma espécie de castanha popularizada nos desenhos de Disney através de Tico e Teco, este gado se aglomerava sob as árvores para se alimentar desses frutos. Os carvalhos ainda produziam umas bolas levíssimas, não comestíveis, chamadas bugalhos. Daí a expressão: não confundir alhos com bugalhos.

Tinha eu sete ou oito anos e lá fui sozinho com o rebanho para uma mata perto de casa a que chamávamos cou-tada. Era lá que estava a nascente que abastecia de água a nossa casa. Lá pelas tantas, uma cabra prenhe se deitou próximo de uma grande rocha e ali teve seu cabritinho. Imediatamente começou a lambê-lo, antes que este ficasse em pé. No alto da minha sabedoria infantil, achando que a cabra ia machucá-lo ou matá-lo, peguei o filhote e saí correndo com ele para casa, distante uns dois quilômetros, largando o resto dos animais



pastando por lá. Quanto mais eu corria mais a cabra corria atrás de mim gritando *mé, mé*, até chegarmos a casa.

Minha avó, que já não andava devido ao reumatismo, e era a única pessoa em casa, falou: “Não era para pegar o cabrito, talvez a mãe o rejeite, pois lhe foi tirado antes de ela completar o parto”. Entretanto, o filho não foi rejeitado e a mãe o alimentou normalmente.

Voltei para junto do rebanho, não fossem os animais irem devastar algum campo de milho de algum vizinho e causar problemas para meus avós. Foi o primeiro e único parto que fiz (mal) na minha vida. Não estava mesmo destinado às ciências médicas ou veterinárias, pois minha primeira experiência foi um desastre.

Voltei para junto do rebanho, não fossem os animais irem devastar algum campo de milho de algum vizinho e causar problemas para meus avós. Foi o primeiro e único parto que fiz (mal) na minha vida. Não estava mesmo destinado às ciências médicas ou veterinárias, pois minha primeira experiência foi um desastre.

A ESCOLA

Na década de 1950, somente as cidades tinham liceus ou colégios. Nas aldeias e sedes dos municípios menores (vilas) só havia classes de aula até a quarta série primária. Mesmo assim, eram raros os alunos que cursavam a 4ª classe – cerca de 10% dos que terminavam a terceira. Na minha época, e durante os 4 anos de estudo, apenas quatro alunos cada ano completavam a série.

Havia no povoado dois prédios contíguos, onde funcionavam duas escolas: a Escola masculina e Escola feminina. Ambas possuíam um único salão, onde as quatro séries estudavam, a masculina regida por um professor e a feminina por uma professora. O horário era integral, exceto aos sábados quando que só havia aulas até o meio dia.

A escola masculina tinha de 80 a 100 alunos, a feminina 40 a 60 alunos. A diferença ocorria porque muitos pais achavam que as filhas não precisavam estudar: iriam trabalhar na agricultura, lavar roupa, passar a ferro e cozinhar e isto aprendiam com a mãe.

A freguesia montanhosa era composta de vários lugares, distantes uns dos outros. As escolas situavam-se no lugar de Varzielas, no centro da povoação que se espraiava num raio de cerca de seis ou sete quilômetros. A Igreja Velha, lugar onde eu vivia, era um dos menores da freguesia, com apenas cinco famílias vivendo ali. Eventualmente, acresciam-se mais duas ou três de caseiros. Como as terras eram pobres, a emigração era constante. Meus avós tiveram 10 filhos, seis homens e quatro mulheres. Cinco dos homens emigraram para o Brasil e uma das mulheres, minha mãe, também o fez. Havia poucas crianças no lugar, na minha época. Em geral, ia sozinho para a escola, por não ter companhia.

As aulas começavam às oito horas. No verão, amanhecia por volta das 6 horas, mas, no inverno, estava amanhecendo na hora de ir para a aula e era muito frio, por vezes abaixo de zero grau de temperatura. Minhas tias, que nunca perdiam a missa de 6 horas, preparavam-me um caldinho de cebola, eu levava um pedaço de pão de milho para aguentar até vir de volta, após as 16 horas. Não dava tempo de ir almoçar, pois demorava mais de 30 minutos para chegar da casa até a escola, distante quatro ou cinco quilômetros por caminhos muito ruins.

Saía de casa, descia correndo pela quelha (caminho calçado com

pedras grandes e rústicas) da Agra, depois havia uma minúscula mata íngreme, onde descíamos por um carreiro ou trilha, escorregadia, principalmente no inverno, quando o solo congelava. A seguir, tinha cerca de três quilômetros de caminho plano, passando pelo lugar do Outeiro, mais uma descida até um vale e respectiva subida, chegando ao lugar do Souto Velho, também apenas com quatro casas. Caminhava-se mais cerca de 500 metros e chegava-se a uma calçada íngreme que levava à igreja e logo a seguir à escola.

A escola tinha um banheiro externo imundo e perto da Igreja havia outro, igualmente imundo, com fezes por todo o lado e sem porta, e muitas vezes corríamos até um campo de milho para fazer as necessidades fisiológicas. Nunca ouvi falar de papel higiênico, até vir para o Brasil. Quase sempre nos limpávamos com folhas de vegetação, e, não raro, a vegetação mais próxima era urtiga, o que deixava o corpo empolado. Também nunca usamos cadernos, que só vim a conhecer no Seminário. Usava-se lousa de ardósia, que transportávamos numa saca junto com o pão que comeríamos. Para escrever, se utilizava um ponteiro do mesmo material. Mas, a lousa se partia com facilidade, e ainda assim, usávamos o pedaço até comprar outra. Na maioria das vezes, apanhávamos por tê-la quebrado.

No recreio, de meio-dia a 13 horas, quem morava perto ia comer em casa e quem morava longe levava pão e, na época das frutas, maçã, pera, castanhas ou figos. Não havia merenda escolar. Além disso, também nunca foram distribuídos agasalhos para os mais pobres, e muitos deles iam descalços, o que no frio era um tormento, pois os pés enregelavam. Quase ninguém ia de sapatos, um luxo que só usávamos para ir à missa, no domingo. Ainda me lembro que, quando ganhei meus primeiros sapatos, já tinha mais de sete anos. Nunca me adaptei a usar tamancos. Usei muito chancas, que era uma bota com solado de madeira, ideal para o inverno com gelo e neve, pois a madeira é isolante térmico.

O ENSINO PRIMÁRIO

A Escola masculina era regida por um professor, com mais de 50 anos, que era um sádico. Apanhava-se por qualquer coisa: não saber a lição, chegar atrasado ou com a cara suja, o que no inverno acontecia com frequência, pois a grande maioria não tinha água encanada em casa e, ao passar na fonte ou poças, que eram pequenos açudes, esta estava congelada. Até por quebrar a lousa, sem querer, ou se desentender no recreio com um colega havia castigos corporais. Cada criança que estudou na época levou dezenas de bolos com uma tábua de carvalho. Ele também usava vara fina de bambu para nos castigar, além de puxões de orelhas e tapas. As famílias – é bom que se diga –, todas as famílias apoiavam seus métodos de tortura. Até mesmo quando um aluno de Várzeas, maior lugar da freguesia, teve uma orelha sangrando devido a um puxão excessivo.

Quando saíamos da escola, nos dividíamos em dois grupos: um, tomava o caminho Leste e Norte, moradores de Vilarinho e Varzielas, caminhando em direção ao cemitério; o outro, onde eu me incluía, tomava o caminho contrário ou ia para o outro lado, indo no sentido da igreja, e daí para outros lugares. De vez em quando, nesta bifurcação, saía a primeira briga, mesmo sabendo que todos apanhariam do professor, no dia seguinte.

Após passar a igreja, descíamos uma calçada íngreme, continuávamos por um caminho de terra e havia nova bifurcação, no pequeno lugar de Souto Velho. Um grupo tomava o caminho de Várzeas e os de Carreira, Outeiro, Cabanelas, Berraria e Igreja Velha iam para o lado oposto. Muitas vezes brigamos na separação e um dia machuquei um filho de uma tal mosquinha e durante dias fiquei com medo de a mãe dele vir me pegar. Além de brigas corporais, jogávamos pedras uns nos outros, mas já estávamos acostumados a evitá-las. Uma vez, quando estávamos brigando, o professor apareceu no adro da Igreja, situada cerca de cem metros mais alta de onde nos encontrávamos: apanhamos bolos na escola, no dia seguinte.

Logo depois, havia uma grande noqueira e, às vezes, apanhávamos as nozes que caíam no caminho. Posteriormente, quando eu já estava no Brasil, soube que os donos morreram e o marido da sobrinha dizimou a quinta. Ao passarmos pela casa do Leocádeo, um dos mais abastados moradores da freguesia e dono de um lagar de azeite, ficávamos com medo de seus cães que, por vezes, ficavam soltos e eram ferozes.

Prosseguíamos em geral jogando malha pelo caminho, entrávamos na mata aberta deste dono e procurávamos por ninhos e tartulhos. Logo a seguir, os campos já pertenciam ao Outeiro. Um ninho de vespas se alojou no soalco de um campo. Domingo, ao vir da missa, corremos antes dos adultos e fizemos os insetos ficarem furiosos. Quando as pessoas passaram por lá foi um festival de ferroadas, mas nós já estávamos longe.

Após passarmos o Outeiro, onde alguns ficavam, um grupo ia para o Alcouce, Carreira e Berraria, descendo uma calçada até o lagar de azeite do Outeiro e moinho da nossa casa. Eles subiam por um carreiro entre os campos de Suarribas, para chegar ao Alcouce e daí por melhores caminhos até as suas casas. Nós íamos por caminho plano até as Devezas, pequena mata que subíamos por trilha e, depois, pela quelha da Agra até casa, era uma subida de mais de 200 metros.

Uma vez, estando eu guardando o gado no Campo da Agra, ouvi gritos lancinantes: “Socorro, valha-me Nossa Senhora, Deus me ajude” etc. Eu, com meus 9 ou 10 anos, não podia deixar o gado, pois iria comer as plantações. Logo, apareceram fazendo barulho uns rapazes mais velhos. Avisei-os, eles ainda disseram: – “Éramos nós que vínhamos fazendo barulho”. Mandei que escutassem. Correram para o lugar, Maximino, que por vezes bebia um pouco mais, tinha escorregado numa laje e rolado mais de 100 metros ribanceira abaixo, tendo fratura exposta na tíbia e perônio. De noite, quando vinha com minha tia Maria dos terços que se rezavam na Igreja, ele estava sendo levado num carro de bois para o Hospital da Póvoa de Lanhoso. Se havia ambulância na sede municipal, não sei, mas ainda não havia um mísero telefone em Sobradelo da Goma. Em carro de bois, além do desconforto, trepidação e sem qualquer anestesia, levaria pelo menos duas horas até o Hospital. Entretanto foi operado com êxito.

A RAPOSA

Não tinha nem dez anos de idade. Havia subido com as ovelhas e cabras para o Lajedo, após percorrer os Longais, Chã da Bessada e Vale Grande. Sempre com os animais pastando no mato ralo e espinhoso, que os bois eram incapazes de digerir. Levava comigo apenas um pequeno cajado para me apoiar, uma saca de pano com um pedaço de pão de milho, que seria minha refeição até voltar à tardinha para casa com o rebanho.

O rebanho era pequeno: cerca de 15 ovelhas, 3 cabras e dois carneiros. Estes animais, em geral, não pastavam no mesmo lugar que as vacas, que exigiam uma erva ou capim melhor, só encontrado nas partes mais úmidas, próximas aos campos de cultivo e talvegues. Cabras e ovelhas, muito mais rústicas, comiam quase tudo o que encontrassem pela frente, desde plantas espinhosas como o tojo, a que chamavam de mato, giestas, pontas de torgas, fentos (samambaias), alecrim, musgos e capins mirrados, só não comiam trovisco, por ser venenoso.

O lajedo, como o nome indica, era um pequeno planalto coalhado de rochas dispersas por toda a extensão. Granitos de granulação grosseira com milhares de penedos dispostos aleatoriamente sobre outras rochas ou nesgas de solo. Entre essas pedras e penedos cresciam apenas musgos, torgas e um ralo capim. Nem uma escassa árvore existia nesse planalto e, se as houve um dia, há muito viraram carvão. Muitas vezes, as torgas, que abraçavam as rochas, eram extraídas pelos pequenos pastores, enfiadas em seus cajados e levadas às costas para casa para aquecer o lume nas noites frias de inverno. Vivia-se o pós-guerra e até a lenha para cozinhar ou aquecer o ambiente era escassa, e qualquer vegetal lenhoso extra era bem-vindo, mesmo que enchesse a casa de fumaça.

Neste altiplano, duas formações rochosas se destacavam: a Fonte do Tacho e os Penedos das Salas. A Fonte do Tacho era uma grande laje, fendida ao meio, pelo intemperismo mecânico. Por esta fenda, brotava água durante o ano inteiro, até nos meses de seca, no verão. Era aí que nós, como todos os pastores e viajantes, saciávamos a sede. Os Penedos das Salas eram amontoados de grandes rochas, com mais de 50 metros de altura, entre as quais havia lapas ou cavernas que serviam de refúgio para animais e onde ovelhas e cabras se abrigavam durante o sol das tardes de verão.

Foi nos Penedos das Salas, numa caverna da parte inferior, que me

ocorreu um dos fatos mais marcantes de minha infância como pastorinho. Num dia de sol, no verão, resolvi me abrigar entre as rochas da penedíia. Como qualquer criança, era curioso. Peguei o pequeno cajado que sempre levava e resolvi cutucar uma cova sob as rochas. De repente, saltou sobre mim



uma magnífica raposa. Foi a primeira e única vez que vi uma raposa em seu ambiente natural. Que lindo exemplar: cor castanho-alaranjada, rabo grande e bem peludo. Os animais no seu ambiente são muito dife-

rentes dos que se veem no zoológico. Nem me lembrei que tinha medo de raposas. Se ela saltasse e batesse em mim, com certeza me derrubaria. Na hora, não pensei em nada. Só observei a beleza dela correndo em direção à Serra do Merouço, até desaparecer da vista.

Como criança, queria-a para mim, sei lá, como brinquedo ou animal de estimação. Fiquei feliz em saber que nenhum caçador a mataria, pois raposas, quando desciam ao povoado, levavam um frango ou uma galinha dos moradores, que não gostavam delas. Quando cheguei ao anoitecer a casa contei o que tinha acontecido, mas menti e disse que ela tinha seguido em direção ao Fujo Velho, que era a direção contrária. Se hoje me dedico à luta pelo ambiente, em muito devo a essa raposa selvagem.

LEPRA

A lepra, hoje denominada hanseníase, era uma doença sem cura até os anos de 50, do século XX. A doença estigmatizava quem a portasse, e, em geral, o doente era colocado em lugares sem contato com a sociedade. Ilhas ou lugares ermos ou montanhosos eram o destino das vítimas da doença, que permaneciam até a morte isoladas da família e da sociedade, na verdade eram como mortos-vivos.

Minha tia Maria, que viria a falecer com 96 anos, começou a apresentar uma série de manchas escuras pelo corpo, quando eu teria uns cinco ou seis anos. Foi ao Hospital da Póvoa de Lanhoso e diagnosticaram lepra. Ela tinha cerca de 45 anos. Nunca saiu da Freguesia, e manteve-se virgem até a morte, não tendo contato com ninguém que pudesse ter a doença. Sua rotina era levantar às 5 horas, tanto no verão como no inverno, ir à missa diariamente às 6 horas. Uma vez por semana, ia à missa em Travassos, bem mais distante. Comungava diariamente. Às 7 horas já estava trabalhando no campo, em tarefas da lavoura.

Não havia ainda luz elétrica na região, assim como telefone, rádio, ou qualquer coisa que lembrasse a civilização. Na sede do município existia e existe um excelente hospital, doado à municipalidade por um emigrante que fez fortuna no Brasil.

O fato de onde ela se contaminou não tem muita importância. Os médicos atestaram que não havia cura. Como era muito religiosa fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima. Sem explicação, as manchas começaram a regredir e, em poucos meses, não tinha mais vestígios da doença. Porém, anualmente, vinha uma inspeção médica, de alto nível, para verificar a evolução ou não da doença. O familiar mais próximo dela e que tinha a mesma rotina era sua irmã Luisa, também solteirona.

Como eu era a única criança da casa, quase sempre me levavam quando iam a locais distantes, e sempre íamos a pé. Devemos observar que a sede do Concelho distava cerca de 10 km, mas achávamos longe. Na primeira inspeção, me levaram junto. Foi a primeira vez que entrei num hospital. Não sabia eu que este fato teria consequências bastante graves para mim. Mas, como criança de 7 a 8 anos em nada me preocupava.

Aos onze anos, entrei para cursar o Seminário em Braga. Meses depois, outra inspeção médica aconteceu. Claro que eu não apareci; mas veio

ordem para eu comparecer ao Hospital Antonio Lopes, este era o seu nome, para ser examinado. Pedi audiência ao Cônego Apolinário, Reitor do Seminário Nossa Senhora da Conceição e lhe expliquei o motivo de ter de comparecer à inspeção médica.

Quando o reitor ouviu falar em lepra, me disse: – “Tu não podes ficar aqui, pois poderás contaminar teus colegas”. Isto explica porque eu sempre tirava notas mínimas de aprovação, nas disciplinas sem provas que eram: piedade, disciplina, civilidade e apresentação, notas dadas pela observação dos padres. Nunca me deram notas ruins, mas, como as notas variavam de 0 a 20, eu sempre obtinha 10 ou 11, que não reprovavam, mas eram fracas.

Um dia, minha tia teve de ir ao Seminário, com a irmã do Padre de Travassos, para explicar e mostrar que nada mais havia de vestígios da lepra nela. Ele se convenceu que a doença estava extinta, mas fiquei marcado negativamente nos anos que passei naquela instituição religiosa. Devem ter dado graças a Deus, quando decidi vir para o Brasil, onde minha família residia, pois fui criado com meus avós desde um ano de idade. Meu avô havia falecido e minha avó, muito doente, me incentivou a emigrar para junto de meus pais.

O SEMINÁRIO

Apenas quatro, dos cerca de 30 alunos que terminaram a 3ª classe (ano escolar), cursaram a 4ª classe. No fim do ano, as provas eram na sede do município, junto com alunos de outras freguesias. Fizemos provas com quatro alunos da Freguesia de Monsul, com professoras que nos eram desconhecidas. No final dos exames, fui o único ‘distinto’, isto é, o que não cometeu erro algum nos 4 dias de prova. Queria continuar estudando, mas a opção de meninos pobres só podia ser o Seminário. Entretanto, este também era pago.

Enviei carta a meus pais, que estavam no Brasil, e recebi resposta dizendo que eles arcariam com as despesas. A alegria foi enorme, indescritível. Fiz prova de admissão e fui aprovado. Junto com a carta de aprovação vinha a descrição do enxoval que teria de levar para o internato. Coisas hoje consideradas simples e obrigatórias por todos, eram-me desconhecidas e nem nunca havia ouvido falar nelas no fim de mundo onde fui criado: toalha de banho, não conhecia, pois só tomava banho no verão em poças ou tanques que represavam a água para irrigação; escovas de cabelo e de dentes, nunca havia visto; pasta de dentes, não sabia que existia; sabonete, conhecia, mas só usava sabão; cobertor da Serra etc. Além disso, todas as roupas deveriam ser marcadas com o nº 299, que foi o número recebido. Minha tia Maria marcou-as todas em ponto de cruz, que foi um trabalhão, mas o fez por prazer, pois seu sonho era me ver padre. Lá fui eu, todo satisfeito, em outubro de 1953. Braga, onde se localiza o Seminário, foi para mim, que nunca tinha estado lá, um sonho. Cidade grande, prédios lindos e comércio borbulhante, movimento intenso de carros. Isto era minha concepção, porque a cidade não tinha mais de 50.000 habitantes, mas era e é a capital do Minho e a cidade mais antiga de Portugal. O Seminário fica no centro da cidade, na Rua São Domingos, rua estreita, fedorenta e mal conservada, à época.

Cheguei levado por um tio, com um enorme baú onde estavam todas as minhas roupas. Junto comigo chegaram 140 novos estudantes dos quais só conhecia um. Além dos cerca de 400 estudantes da segunda a quarta séries, nunca tinha visto tanta gente junta. Os padres nos apresentaram o Seminário e as tarefas. Levei a mala para o sótão, onde ficavam as de todos os alunos e às quais só teríamos acesso acompanhados. Levaram-nos ao dormitório do primeiro ano e à cama que seria de cada um de nós, naquele ano. Nos mandaram apanhar lençóis, coberta e colcha e fronhas. Pela primeira vez arrumei

minha cama, pois em casa não o fazia. Durante os três anos que aí fiquei o fiz todos os dias.

Fomos colocados em duas filas por altura. Não era dos mais baixos, mas estava longe de ser dos mais altos. Era mais ou menos o quadragésimo. Levaram-nos ao auditório onde estudaríamos e ficamos de acordo com a altura numa determinada carteira onde depois guardaríamos livros e cadernos, durante todo aquele ano.

No final do auditório ficavam as retretes, como em Portugal se chamam as privadas. Os banheiros eram em outro local. Dois alunos, que haviam repetido o ano, ficaram encarregados de organizar as filas e orientar os que estavam chegando. Não havia papel higiênico, quem usava o banheiro limpava-se com papel de rascunho chamado sebenta. Em verdade, só fui conhecer papel higiênico no Rio de Janeiro em 1958. Nunca havia visto e nem sabia que existia.

A VIDA NO SEMINÁRIO

Precisamos reconhecer que os estudos são um meio e não um fim. Os meios não resolvem os problemas, apenas preparam o caminho para sua solução. Tudo o que é importante para nós é custoso. Ficar longe da família e dos amigos de infância foi o primeiro obstáculo. A maioria dos colegas chorou bastante na primeira semana, depois todos se adaptaram à vida de seminarista.

Somente nas férias era permitido ir à casa da família. Os dias de visita pelos familiares eram quinta-feira e domingo. Podia-se escrever para a família todas as semanas. Raramente recebia visitas, não que minhas tias não quisessem visitar-me, mas sua condição financeira, além da distância, não o permitia. Os párocos das freguesias de origem tinham entrada franca, sempre que quisessem. E cerca de uma vez por mês recebia sua visita.

No Seminário, todos aprendemos muito mais que os estudos obrigatórios: aprendemos a viver em comunidade, forjamos amizades que, em muitos casos, permaneceram por toda a vida. Aprendemos a nos disciplinar, reservando um determinado tempo para cada coisa. Aprendemos a resolver nossos próprios problemas, sem esperar que alguém os resolva para nós, isto é, aprendemos a ser independentes e únicos.

Não será porque todos levantam à mesma hora, seguem os mesmos horários, vestem da mesma maneira, tem os mesmos instrutores ou professores e as mesmas distrações, que formarão cidadãos iguais. Cada qual tem sua personalidade própria e intransferível: é um espírito livre. A personalidade de cada um de nós tem sempre um pouco de rebeldia, para ser fiel a si mesmo: um homem adapta o vocabulário ou o modo de vestir, mas não o coração ou os ideais, pois precisa ser fiel à sua alma.

Foi no Seminário que aprendi a verdadeira liberdade que, de acordo com Platão, está no fato de sermos donos da nossa própria vida. Cada qual aprendeu que a liberdade não é separar-se ou distinguir-se dos outros, mas sim o nosso modo de viver com os outros. A nossa forma de enriquecer o Universo, sendo fiéis a nós mesmos e, portanto, tornando-nos melhores para servir aos outros.

Aprendemos que a nossa liberdade faz limite com a dos que nos rodeiam. Que a nossa liberdade só existe se respeitarmos a dignidade e a liberdade dos outros, pois de outra maneira seremos invasores ou ditadores da

liberdade. Nossa liberdade enriquece-nos para os outros. A liberdade não pode ser um capricho, fazer o que nos dá na telha. O direito de destruímos a nossa própria alma ou nossa própria vida. A liberdade precisa ser algo positivo, algo que esteja a serviço de nossa autorrealização. A liberdade tem que ser a possibilidade de realizar o nosso projeto de vida sem que ninguém o impeça a partir de fora ou o desvirtue a partir de dentro. Por isso, quem nunca tiver um projeto de vida jamais será livre.

Os colegas vinham de todo o Minho e ainda do Douro Litoral (Porto) e tinham níveis econômicos muito diferentes, embora o objetivo fosse o mesmo: ser padre. A comida era muito melhor do que a que eu tinha em casa, embora houvesse quem reclamasse ser ruim. Foi no Seminário que pela primeira vez experimentei manteiga, farinha de pau (farinha de mandioca), pão de trigo e leite de vaca no café da manhã. Foi ainda no Seminário que forjei minha personalidade para toda a vida. No Seminário, tive o primeiro contato com o futebol, e desportos em geral. Não admira, vinha de um lugar sem rádio ou telefone. Tornei-me torcedor do Belenense e passei a admirar outros esportes, como o hóquei.

Se não viajasse para o Brasil e tivesse terminado o curso, penso que seria um padre conservador, quase fundamentalista. Era época do Estado Novo, com censura de jornais e revistas. Nossa formação na época só tinha um viés, e este era quase fascista.

A ROTINA DA VIDA NO SEMINÁRIO

Levantávamos às 6 horas da manhã, arrumávamos a cama, fazíamos a higiene e descíamos do dormitório para a missa, na Capela, onde praticamente todos comungávamos. Após a missa, íamos em fila para o refeitório onde tínhamos o café da manhã, a que chamávamos de pequeno almoço, e que se resumia a café com leite e um pão de 50 gramas. A partir do 2º ano, começamos a ter manteiga para passar no pão devido à doação da Charitas Americana. Saíamos em fila para



Santuário de Sameiro

o salão de estudo onde apanhávamos livros e cadernos e nos dirigíamos às salas de aula. Cada ano escolar tinha em média 4 turmas com pouco mais de 30 alunos cada. O período das aulas ia de 8 horas a meio-dia, quando voltávamos ao salão (auditório) para, em fila, irmos almoçar. Logo que o almoço terminava, havia o recreio até as 14 horas. Com tempo bom, o recreio era no pátio; quando chovia, era no auditório de cada ano escolar.

Os jogos que praticávamos no amplo pátio, dividido por ano escolar, dependiam da estação do ano. No inverno, jogava-se: voleibol; beto, que era um jogo parecido com o cricket; corrida, que no Brasil chamam de queimado; e hockey em campo. Não havia espaço suficiente para a prática de futebol. Eu era ruim em tudo, pelo menos no 1º ano, afinal, na minha aldeia de origem, não se praticava nenhum desporto, e eu nunca havia visto uma bola de futebol. Com o tempo, fui melhorando e, no hockey, me destaquei. No verão, jogava-se bola de gude, futebol de mesa que improvisávamos fazendo campinhos com lama no chão.

Nos dias chuvosos – no inverno chovia quase todos os dias –, íamos para o salão jogar damas, assalto ao castelo e loto (vísporas). Jogo de cartas, tipo sueca ou canastra, eram proibidos. Às quintas-feiras era feriado, mas havia aulas aos sábados pela manhã. Neste dia, sábados de tarde ou domin-

gos, fazíamos passeios pelos subúrbios de Braga: Bom Jesus do Monte, Sameiro, Santa Marta da Falperra, Montariol, ou na própria cidade de Braga onde, por vezes, jogávamos futebol em uma das praças ou ruas suburbanas.



Minha filha, Emanuela, no Parque de Bom Jesus do Monte

É bom lembrar que os automóveis eram quase inexistentes na década de 1950. Quem tinha automóvel era considerado rico. O mesmo acontecia no Brasil.

Subúrbio de Braga

SILÊNCIO

Dizem que o silêncio é de ouro. Será verdade? Por vezes é, mas nem sempre. Quando somos crianças e jovens, gostamos de ambientes barulhentos. Fazem parte de nossa personalidade pujante e inquieta. Temos energia em abundância e é preciso expandi-la. Dificilmente nos sentimos bem em lugares silenciosos, sem alguém para conversar. Até o estudo é feito em voz alta.

O tempo vai-nos amadurecendo, como os frutos que nascem verdes, crescem e amadurecem: só assim podem ser digeridos. Passei parte de minha adolescência num seminário em Portugal. Logo que lá cheguei tive de educar minha maneira de estudar silenciosamente. Éramos 140 alunos num enorme salão, imaginem se todos lessem alto o que tinham de estudar, seria impossível o estudo.

Também não podíamos falar na forma, quando nos dirigíamos a qualquer lugar, refeitório, capela etc. Por último, as refeições eram silenciosas. Apenas nos feriados, dias santos e domingos era permitido falar às refeições. Quando precisávamos que nos passassem o pão, levantávamos um dedo; para a água, dois dedos. Desta maneira, pudemos renunciar a certas tendências barulhentas que todo o jovem tem. Isto se chama educação.

Havia tempo para cada coisa: para o silêncio; momentos em que se podia gritar à vontade; hora para estudar música, para rezar e para o dormitório, nestes dois últimos predominava o silêncio. Assim, os instintos são vencidos e a personalidade é moldada.

Quando passamos dos quarenta anos, cada vez mais buscamos o silêncio, gostamos de conversar ou ouvir música em tom baixo e não fazer o ouvido explodir com sons estridentes. Sons muito altos nos aborrecem e passamos por chatos perante os mais jovens.

Vivemos em um mundo barulhento, principalmente nas cidades. São os motores dos carros, ônibus, caminhões e motocicletas. O buzinar dos mesmos nos sinais luminosos e engarrafamentos. As sirenes da polícia, ambulâncias ou bombeiros. Os alto-falantes de propagandas diversas, o som demasiadamente alto dos bailes *funk* ou carnavalescos. As bombas, foguetes e balões das festas juninas, além dos sons de trovoadas, nas tempestades. Não admira que as pessoas vivam estressadas e neurotizadas. Até quando conversam, não dão a vez ao ninguém, não esperam para ouvir o outro. Quem pode, foge das

idades no fim de semana, indo para locais mais harmoniosos. Todavia, isto não é possível para todos e os que o fazem, quase sempre retornam mais nervosos do que quando saíram para seu lazer. Os engarrafamentos sem fim, tanto na ida quanto na volta, o buzinar dos motoristas apressados, o tempo que se gasta parado dentro do veículo – tudo isto torna o nosso lazer um tormento. Adicione-se a isso, os problemas familiares e econômicos e teremos o mundo propício à loucura.

Mesmo quando somos adultos e na maturidade há momentos em que o silêncio atua contra nós e não a nosso favor, como quando ocorre uma tragédia familiar e precisamos da mão ou de um ombro amigo, para nos refazeremos. Lembro que, quando meu filho faleceu, num acidente viário, na volta do funeral ficamos a sós em casa, silenciosos, sem nada ter que falar um com o outro. O silêncio era enlouquecedor. Como desejava que alguém me telefonasse ou viesse nos visitar. Nessa hora, compreendi porque tantas pessoas menos espiritualizadas se suicidam. A tensão é descomunal e desumana.

Um telefonema ou uma visita tem evitado que tanta gente ponha fim à sua vida. Serviços públicos psicológicos existem para esse fim. Marilyn Monroe, ícone dos anos 1960, excelente atriz, não teve forças para vencer a solidão. Foi encontrada com o telefone fora do gancho, como se tivesse tentado pedir socorro na última hora. Não se sabe para quem iria pedir socorro. Talvez Deus a tenha atendido nessa hora e a levado para perto de Si.

O QUE OS OLHOS NÃO VEEM

Antoine de Saint-Exupéry, autor de “O Pequeno Príncipe” e um dos pioneiros da aviação, lutou na Guerra Civil Espanhola e viria a morrer pilotando um avião na guerra contra o Nazismo. Quando lutava e pilotava na Guerra Civil Espanhola, foi feito prisioneiro e seria executado no dia seguinte. Na prisão, resolveu fumar o último cigarro antes de ser executado. Não tinha fósforos e era de noite, chamou o carcereiro e pediu para lhe acender o cigarro. Quando este acendeu o fósforo, sorriu para o carcereiro, que retribuiu o sorriso. Nisto, perguntou-lhe se tinha filhos, respondeu: – “Tenho dois”. Saint-Exupéry disse que também tinha dois, mas jamais os tornaria a ver, pois seria fuzilado no dia seguinte. Sem dizer uma palavra, o carcereiro abriu a cela, conduziu-o para fora da cidade pelas ruas tortuosas e voltou para seu lugar. “Minha vida foi salva por um sorriso do coração”, falou o autor de *O Pequeno Príncipe*, aliás, é sua a frase que colocou na boca da raposa que disse ao Pequeno Príncipe: “o essencial é invisível aos olhos”.

Os olhos veem muito pouco, temos uma faixa pequena do espectro que conseguimos ver, não vemos no infravermelho nem no ultravioleta, mas há animais que conseguem ver nestes campos. Temos também limites em ver o microscópio e o longínquo é inacessível aos nossos sentidos. Além disso, nossa atenção é fundamental para vermos as coisas. É comum, quando dirigimos automóvel, falarmos, por exemplo, a motocicleta surgiu do nada. É verdade, nosso campo visual não consegue observar todos os detalhes que acontecem.

Ver é muito diferente de olhar. Ver depende muito do objetivo que temos ao olhar para qualquer coisa e também do nosso grau de conhecimento intelectual. Se levamos um grupo de pessoas para um ponto onde avistem uma grande área, como o Pão de Açúcar, e pedirmos para cada um relatar o que observou, teremos relatórios muito diferentes: uns observarão a beleza do entorno da Baía da Guanabara; outros, a floresta tropical; outros ainda, os barcos, as rochas, a silhueta de Niterói etc., pois o que desperta nossa atenção está relacionado com nosso modo de vida, o tipo de cultura, a formação acadêmica, o lugar de onde viemos etc.

Já tive oportunidade de me deparar com exemplos de pessoas que visitaram determinado local e tiveram opiniões completamente distintas sobre o que observaram: dois amigos meus visitaram Praga, na República

Tcheca, no mesmo ano, mas em dias diferentes. A primeira, advogada, disse que lá nada havia de interessante; já um coronel do Corpo de Bombeiros e ambientalista falou que foi o lugar mais bonito que já viu.

Também é muito comum, e acredito que já aconteceu a todos nós, simpatizarmos ou antipatizarmos com uma ou mais pessoas que vemos pela primeira vez. Até colocamos a culpa no anjo da guarda, que nada tem com isso. Dizemos meu anjo da guarda não gostou dela ou dele. Em verdade, os olhos não veem o essencial, porém os olhos da alma são mais sinceros e podem observar as virtudes morais ou ausência delas em determinada criatura que nos faz gostar dela ou não.

Se analisarmos bem, somos quase cegos, porque não vemos o que é essencial para nossas vidas. Não vemos Deus, através de tudo o que Ele criou. Não observamos as grandes obras morais que nos foram legadas por nossos antepassados, fazendo com que sejamos hoje os seres que somos, com religião, amor à família e ao próximo. Não vemos que nossos antepassados, pais, avós, filhos e outros, continuam nos amando e nos enviando bênçãos da dimensão em que hoje se encontram. Apenas não os vemos, mas os sentimos perto de nós quando, em silêncio, pensamos neles e em Deus.

O PRIMEIRO ÍDOLO

Nascido em plena Segunda Guerra, quando as condições eram muito difíceis em toda a Europa, com fome, peste e guerra por toda a parte, a emigração do continente era impossível. Meu pai, carpinteiro e marceneiro, trabalhava onde podia fazendo pipos (tonéis) para vinho, armários, consertando telhados etc. Minha mãe, sempre por volta do meio-dia lhe levava almoço e, às vezes, demorava mais de uma hora para ir e o mesmo para vir. Não havia a cultura de levar comida para o trabalho.

Quando tinha completado um ano, meu avô, acompanhado de minhas tias solteiras, passando pela casa onde meus pais moravam e me encontrando só e chorando muito, pois minha mãe tinha ido levar comida ao meu pai, esperou ela chegar e lhe disse: – “Vou levar o menino para minha casa”. Foi assim que permaneci na casa dele até aos 16 anos incompletos.

Minha avó tinha reumatismo, a coluna curvada e já não saía de casa, nem para ir à missa. Um dia me contou a razão de tão profundo reumatismo. Quando era pequena, dos 7 aos 14 anos, guardava o gado da família. Mesmo no inverno ia sempre descalça. Dizia que os pés ficavam gelados e quando as vacas urinavam ela corria para botar os pés na urina quente e assim ter algum consolo. Fazia isto sempre que podia e o resultado apareceu na velhice: com 60 anos não mais podia caminhar. Era analfabeta e, quando aprendi a ler, lia para ela passagens da Bíblia, único livro que havia em casa. Chorava por não poder ler e ter acesso a coisas que só ouvia na missa. Teve 10 filhos, seis homens e quatro mulheres, todos aprenderam a ler, mesmo só ficando dois ou três anos na escola. Cinco de seus filhos emigraram para o Brasil, um com apenas 12 anos. Para isso, tiveram de vender um campo e pedir ainda dinheiro emprestado. Como era costume, os filhos enviavam o dinheiro da passagem de navio. Só que o faziam à medida que iam recebendo e, como a dívida foi contraída de uma única vez, houve defasagem, o que fez com que vivessem com problemas financeiros. Duas das filhas casaram, minha mãe e Bernardina, e duas, Maria e Luiza, permaneceram solteiras por opção, dedicaram suas vidas à religião, mesmo não sendo freiras. Morreram com mais de 95 anos. O filho que ficou só veio a casar quando eu tinha cinco anos.

Pouco me lembro de ver a avó Laurinda cozinhar, pois deixou de fazê-lo antes que eu completasse 7 anos, idade em que fui para a escola. Meu avô era uma pessoa formidável. Bom tocador de violão, mas poucas vezes o

vi usar o instrumento. Apesar das dificuldades financeiras, procurava fazer-me todas as vontades. O fato mais antigo que me deixou lembranças para toda a vida foi antes de eu frequentar a Escola. Os lagares onde se fazia o vinho ficavam próximo do eido, uns dois metros mais alto que este. Sobre o eido, havia uma grande ramada de uvas, que começavam a amadurecer em fins de julho ou início de agosto. Por sinal era aqui onde primeiro ficavam maduras.

Meu avô, com cerca de 75 anos, me chamou e subimos a plataforma do lagar. Ele tentou apanhar um cacho para mim, mas se desequilibrou e caiu de cerca de dois metros de altura. Fiquei sem saber o que fazer e nem gritar consegui. Até que me acalmei e chamei alguém que estava na cozinha. Machucou muito uma perna, a qual já tinha problemas. Demorou mais de uma semana para ficar bom, ficou mancando daí em diante. Morreria menos de um ano depois, tinha erisipela, começou sentindo dores horríveis nas pernas e não mais se levantou.

Criança sempre crê no impossível. Aliás, para ela não existe o impossível. Morava eu no quarto torto. Assim chamado, pela forma triangular e era ao lado do quarto onde meu avô acabara de falecer. Comecei a rezar para Deus o trazer de volta, prometi dar dez escudos para as almas do purgatório, uma fortuna para mim, quando os tivesse se ele ressuscitasse. Assim fiquei esperando, só então pude chorar. E chorei muito.

IGREJA VELHA

A Igreja Velha é um dos menores lugares da Freguesia de Sobradelo da Goma e um dos locais mais afastados de seu centro. Seu nome deriva de ter sido aí a Igreja Matriz até o século XVIII. Hoje tem uma capela, reformada em 1950 por um emigrante do Brasil e dedicada a Santiago Maior, e só umas duas ou três vezes no ano é celebrada missa nela.

Conta-se que se pretendia mudar a Igreja para onde se localiza hoje. Para tanto, a Senhora da Goma aparecia em Varzielas ou Barzielas. O povo dizia que Ela queria mudar para lá. O que ocorria é que levavam uma criança que passava por uma janela basculante e retirava a Santa e os adultos a levavam para o atual local da Igreja. Os aldeões néscios profundamente supersticiosos, fatalistas, além de analfabetos, acreditaram no que parecia ser um milagre para eles e foi construída uma nova igreja mais central.

Como testemunho da antiga igreja temos, além da capela, duas casas com pedras bem trabalhadas: as casas do Chedas e parte da casa do João Ferreira, sendo que a casa do Chedas, frente ao adro que rodeia a capela, talvez seja a melhor construída em toda a freguesia. Porém, dada a po-



Casa do João Ferreira, subida para a varanda. 1983.

breza e falta de registros da região, não há mais recordação de quem foi o Chedas ou o João Ferreira. A primeira pertence à família Moreira, quase toda emigrada para o Brasil, e a segunda, aos Gonçalves, mais de 80% deles no Brasil, onde suas famílias aos poucos perdem o contato com sua origem.

O adro tinha, na década de 1950, oliveiras centenárias e, na época da 2ª Guerra, ao retirarem as raízes de uma velha oliveira, que secou, encontraram restos mortais de antigos moradores. Sabemos que nesse tempo os mortos eram enterrados nas igrejas ou em torno delas. A construção de cemitérios, longe das igrejas, por questão de saúde pública, ocasionou a Revolução da Maria da Fonte, que começou na Póvoa de Lanhoso. Hoje heroína, entre-

tanto ela estava errada, pois queria que os enterros continuassem dentro das igrejas.

Este lugar tem os campos de cultivo, pequenas propriedades conquistadas há séculos aos terrenos montanhosos, na parte da encosta e sopé dos montes. Suportados por muros de pedra ou socalcos de 2 a 4 metros de altura, circunda o lugar e tem, no máximo, 10 metros de largura. Perto dos muros estão plantadas árvores que servem de suporte a videiras. O centro dos terrenos é semeado de milho, principal produto agrícola da terra. Nos locais mais secos é plantado o centeio, cuja farinha é adicionada à do milho em quantidade de cerca de 10% para que o pão tenha consistência. Olivais também ocupam os terrenos de sequeiro.



Emanuela, junto ao Monumento de Maria da Fonte

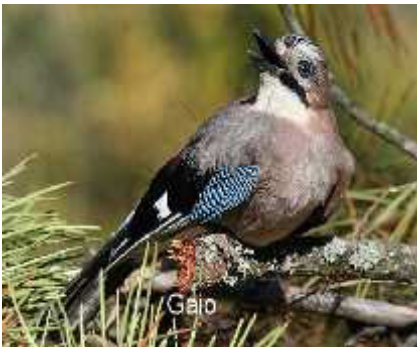
Os solos desta região são extremamente pobres, com deficiência de cálcio e outros elementos químicos fundamentais à agricultura. Resultantes da decomposição de granito branco com cristais bem desenvolvidos, decompostos sobre clima temperado e frio, resultaram num solo arenoso ou argiloarenoso, ou lítoso repleto de cascalhos, seixos, matacões e penedos. Grande parte dos seixos serviu para os muros que dividem as propriedades e calçamento de alguns caminhos. Por esta razão, a freguesia sempre foi uma área de repulsão demográfica. Quase todas as famílias tinham parentes no Brasil ou trabalhando em construções na grande Lisboa. Há casos em que toda a família emigrou e o minifúndio foi abandonado definitivamente.

A parte mais montanhosa da Igreja Velha era coberta de mato, com muito poucas árvores dispersas. O mato era e é constituído principalmente de tojos, miniarbustos cheio de espinhos, fetos, giestas, ervas rústicas e torgas, planta lenhosa rasteira. Este mato era constantemente roçado e carregado para curtir nas cortes ou currais onde o gado bovino e o ovino pernoitavam defecando e urinando sobre ele. Após alguns meses eram carregados para os campos de cultivo, constituindo o adubo verde. Cada pedaço da superfície montanhosa era denominado sorte e estava ligado a um dos campos de cultivo, que, se era vendido, ia junto quando se negociava.

NINHOS



Torda. Selo postal romano posta, no interior, forravam com suas próprias penas. Quase sempre voltavam aos ninhos deixados no ano anterior. Eram consideradas sagradas e ninguém mexia com elas ou em seus ninhos. Petos ou pica-paus furavam árvores, carvalhos ou nogueiras com seus bicos e nunca aproveitavam buracos em árvores velhas ou podres – estas tocas eram usadas pelos mochos, corujas e poupas. As carrichas, miudinhas, faziam seus ninhos em muros antigos, onde houvesse buracos que preenchiam com musgo deixando uma entrada redonda. As crianças não lhes mexiam, pois havia a lenda de que, quem mexesse



Com a chegada da primavera havia a revoada das aves migradoras. Tanto estas quanto as nativas que lá permaneciam no inverno, começavam a fazer seus ninhos. As primeiras a nidificar eram as tordas, que na Páscoa já tinham seus filhotes. As andorinhas faziam seus ninhos nos beirais ou varandas das casas, com lama trazida no bico e, super-



Pica-pau fazendo ninho num desses ninhos, ficaria com as mãos tremendo para sempre. Os pardais, embora pequenos, eram exagerados em seus ninhos, que eram enormes e feitos com palhas de feno ou centeio, no alto de oliveiras, forros das casas ou na torre da igreja. As rolas, de canto maravilhoso, são os pássaros mais econômicos da região: fazem seus ninhos com uns poucos

gravetos trançados em qualquer árvore.

Os gaios, pássaros grandes de penas coloridas, faziam também enormes ninhos em árvores altas, de preferência perto dos campos de milho, seu alimento preferido. Já as pegas,



Poupa. Selo postal.

pretas e brancas, escolhiam os pinhais para nidificar, e seus ninhos eram grandes como os dos gaios, mas ficavam quase invisíveis entre a ramagem dos pinheiros.

Poupas, pássaros bonitos e fedorentos, sempre faziam os ninhos em árvores ocas, velhos carvalhos ou cerdeiras. Feitos com fezes de animais e forrados com penas. Nos afastávamos delas e de seus ninhos. A Bíblia já as considera impróprias para consumo.

Melros, pássaros pretos com bico amarelo, cujo cantar nos deliciava, faziam seus ninhos bastante volumosos com lama e gravetos em silvas e calheiros,

próximo a ribeiros ou rios. Chascos e escrevideiras, estas assim chamadas por terem seus ovinhos brancos riscados em negro, nidificavam nos montes em mato rasteiro e se alimentavam de insetos.

Rouxinóis, pintassilgos e piscos costumavam nidificar em ramadas ou parreirais, além de salgueiros, ameeiros e freixos. Cucos não faziam e não fazem ninhos e botam seus ovos em ninhos alheios de aves de menor porte, que os chocam para eles. Quando os filhotes nascem e vão crescendo, empurram os filhos verdadeiros para fora do ninho e crescem sozinhos. Quando as crianças descobriam ovos de cuco em ninhos de avezinhas os destruíam. Papa-figos, lindo pássaro amarelo, faziam seus ninhos pendurados por fios nas pontas de galhos de castanheiros ou nogueiras, inacessíveis para nós.

Perdizes fazem os ninhos no chão quase nu dos montes, sob giestas ou tojos. Botam cerca de 30 ovos, parecidos com os das galinhas. Os perdigotos logo que saem da casca começam a correr e ninguém os pega. Quando encontrei ninho delas já estava vazio. Nos montes de Deva é que havia muitas perdizes. Nos montes da minha aldeia, mais pobres, eram raras. As pombas que havia na região quase todas eram domesticadas e as pombas selvagens, raras na região, faziam os ninhos semelhantes aos das rolas entre os



Pega Azul. Selo postal.

penedos da montanha ou no forro das casas.

No final da primavera, e no verão, havia revoadas de estornilhos que, aos milhares, passavam voando alto sobre a região; não sei de onde vinham, onde nidificavam e para onde iam. Águias e gaviões só faziam ninhos em pinheiros ou eucaliptos muito altos, inacessíveis para nós, só percebíamos que eram grandes, e de vez em quando olhávamos estas aves levando pequenas cobras e rãs para alimentar suas crias.



Estornilhos

Quando os pássaros estavam ainda fazendo seus ninhos, ou já pondo ovinhos, se percebessem alguém os observando ou mexendo neles, abandonavam-nos para fazê-los em outro lugar. Dizíamos que escaramentaram. Várias lendas e mitos havia nos tempos de criança e nós acreditávamos piamente nelas. Uma delas é que não se podia falar que achamos um ninho com ovinhos, dizíamos que o ninho tinha pedrinhas, duas, três ou mais. Se falássemos ovinhos, as formigas iam lá comê-los. Se, por distração, falávamos ovinhos, teríamos de dizer: formiguinha não vai lá não, pois lá está São João com um ferro quente na mão, as que lá forem lá ficarão.

Outro mito é que não se podia falar debaixo das telhas, isto é, dentro de casa, que achamos um ninho com ovinhos ou avezinhas. Também aqui as formigas iriam lá e os comeriam. Quem por acaso tomasse um melrinho ou uma rolinha e o aprisionasse, e a mãe o encontrasse na gaiola, esta o alimentava com frutos venenosos e ele morria. Assim como no Brasil o sabiá, preferiam ver seus filhos mortos a serem aprisionados.

Diverti-me muito procurando ninhos, antes de entrar no Seminário, pois como era interno e no tempo deles não estava em férias, tive de procurar outra diversão. A nota triste neste episódio: em uma de minhas idas a Portugal, visitando a terra natal, vi que poucos passarinhos havia na região. Perguntei qual a razão de não se verem mais gaios, melros e até pardais. E responderam-me que, como os gaios, melros e pardais se alimentavam de grãos de milho, muitos agricultores cozinhavam milho com trevisco, planta altamente tóxica, e o deixavam para as aves comer, e estas morriam envenenadas. As que não se alimentavam de grãos também foram desaparecendo, devido ao uso de agrotóxicos na agricultura, que não eram usados no meu tempo de criança.

LUMIEIRAS

Com a evolução tecnológica atual, perdemos a noção das dificuldades do passado recente. Há coisas que é difícil acreditar que tenham existido e porque as pessoas assim agiam. Até pelo menos 50 anos atrás, a religião comandava a vida dos habitantes do interior, servindo ainda como válvula de escape para as dificuldades da vida bem como para o mínimo de diversão para uma sociedade que não possuía luz elétrica, telefone, rádio e muito menos televisão. Ir à missa aos domingos e rezar os terços comunitariamente nas tardes dominicais era uma obrigatoriedade religiosa e social.

As missas eram sempre às seis horas da manhã, tanto nos dias de semana, como aos domingos, mas só aos domingos eram obrigatórias. Ouvi uma vez um padre falar na homilia que era preferível deixar morrer o pai ou a mãe do que faltar a missa dos domingos. O povo, fanático e ignorante, cria nisso. No inverno ainda era escuro no horário da missa, e as pessoas tinham de sair de casa muito antes.

A reza dos terços era, em geral, às 16 horas, precedida por catecismo para as crianças. Ao terminar, no inverno, já era noite. Como quase ninguém possuía lanterna com pilhas ou bateria, usavam-se lumieiras, principalmente para os lugares mais distantes. Estas nada mais eram que molhos finos e longos de palha de centeio, amarrados em várias partes, para demorar mais seu consumo. Acendiam-se e serviam para alumiar o caminho de volta para casa ou na missa matutina para ir para a igreja. Geralmente as pessoas de cada lugar andavam em grupo para facilitar a caminhada.

A igreja era o ponto focal da freguesia, onde todos se encontravam aos domingos, promovendo a integração da comunidade que vivia dispersa trabalhando na lavoura, nos campos e montes, afastados uns dos outros por vários quilômetros. Oportunidade de colocar as conversas em dia: “no campo tal vai dar muitas uvas”, “rocei 2 carros de mato para a corte do gado”, “as batatas deram muito pouco”, “vendi um bezerro na feira de Vieira”, “meu filho mais velho vai breve para o Brasil” etc. Conversas de gente simples, trabalhadora, honesta e sofredora.

Era ainda pelas homilias das missas dominicais que a população inculta e sem meios de comunicação se informava dos acontecimentos no país e no estrangeiro. Claro que era com a visão que o pároco tinha, em geral, ultraconservadora. Como a informação era única, dava lugar ao pensamento

único; não havia lugar para atitudes diferentes.

Nas eleições para Presidente da República, em 1949, concorreram o Marechal Carmona e o General Norton de Matos. Como este era agnóstico, Grão Mestre da Maçonaria portuguesa e oposição a Salazar, foi satanizado pelo clero. Não sei como apareceu uma foto dele pregada na parede da capela da Igreja Velha. Um dos moradores, por sinal meu tio, pegou bosta de vaca do chão e a arremessou na sua efigie. O povo, insuflado pela Igreja, acreditava que ele era o símbolo do mal.

FESTAS RELIGIOSAS LOCAIS



Bandeiras antes da festa

mingo de setembro. Os únicos e simples brinquedos que tive, quando pequeno, me foram dados por minhas tias e lá comprados. Eram de barro ou então carrinhos de madeira.

Acostumado a só ver montes ou lavouras, maravilhava-me ver o carrossel, palhaços, o poço da morte etc. Só os via por fora, nunca andei ou os vi por dentro. Era a única vez no ano que comíamos melancia ou melão. Minhas tias carregavam as frutas na cabeça até a casa onde moravam, distante cerca de 5 ou



mais km. Meu avô gostava muito de melão, mas só nessa época o comia. Não os semeávamos em nosso terreno, pois, ou o clima era impróprio, ou no solo, muito pobre, não cresciam.

Um dos principais acontecimentos das aldeias do norte de Portugal eram as festas religiosas. Algumas famosíssimas, como a de São João, em Braga, São Bento da Porta Aberta, em Terras do Bouro ou Santa Luzia, em Viana do Castelo. No pequeno mundo onde vivi na infância, a principal festividade era a Romaria da Senhora do Porto D'Ave, celebrada a sete de setembro, e precedida por novenas.

Hoje, a festa é celebrada no 1º do-



Nossa Senhora do Porto d'Ave

mingo de setembro. Os únicos e simples brinquedos que tive, quando pequeno, me foram dados por minhas tias e lá comprados. Eram de barro ou então carrinhos de madeira.

Acostumado a só ver montes ou lavouras, maravilhava-me ver o carrossel, palhaços, o poço da morte etc. Só os via por fora, nunca andei ou os vi por dentro. Era a única vez no ano que comíamos melancia ou melão. Minhas tias carregavam as frutas na cabeça até a casa onde moravam, distante cerca de 5 ou

mais km. Meu avô gostava muito de melão, mas só nessa época o comia. Não os semeávamos em nosso terreno, pois, ou o clima era impróprio, ou no solo, muito pobre, não cresciam.

não as comessem, os agricultores borrifavam-nas com *roxo rei*, substância tóxica e que lhes dava um gosto horrível. Devemos lembrar que os pequenos agricultores eram pobres e não podiam viver sem os frutos da terra.

Hoje, quem passa pelos caminhos que trilhávamos a pé e vê os campos sem cultivo, as videiras abandonadas e sem tratamento, sente saudades daqueles tempos alegres, mesmo com uma população pobre, mas que carregava em seu coração a alegria de viver. Na nossa casa também somente nessa época se comia carne de vaca que, para nós, era muito cara e apenas era vendida na Vila da Póvoa de Lanhoso.



Festas sem foguetes e sem banda de música, não eram festas. Até na festa do Senhor, a principal da freguesia, havia bastante queima de fogos, banda de música, além do arco enfeitado de murta e flores e do arruado, uma corda feita com bugalhos pintados, musgo, murta, loureiro e outras folhagens. Na festa de Porto D’Ave, na noite do dia 6, véspera da Romaria, havia amplo foguetório. Só do lugar de Vilarinho de Baixo, terra de meu pai, mas onde nunca morei, podia ser visto. As pessoas dos outros lugares iam para lá ou então para o local do evento. Era uma maravilha para os aldeões.

BANHOS

Tomar banho, enquanto criança, era atividade rara e só acontecia no verão. Nenhuma das residências da freguesia tinha banheiro, embora todas tivessem privada. Duas razões faziam com que isto ocorresse: a principal era que a maioria das residências não possuía água encanada em casa; a outra, a inexistência de energia elétrica nas aldeias. Para suprir a falta de água em casa havia as nascentes onde se apanhava, em cântaros de barro, água para cozinhar, lavar roupa e talheres, e ainda o rosto e as mãos.

Quem possuía água encanada em casa, a trazia transportada por canos de ferro, das nascentes situadas em áreas mais elevadas. Ainda não havia o PVC. Na casa de meus avós havia água com torneira na cozinha e num grande tanque onde ela jorrava continuamente. Poucas nascentes secavam no verão. Mas, no inverno, quando as temperaturas desciam abaixo de zero graus Celsius, não só as águas expostas – poças, tanques e reservatórios – congelavam, como também dentro das canalizações a água deixava de fluir.

Região agrícola de solos pobres, produtora de milho, precisava de irrigação para poder produzir o mínimo para alimentação familiar. Por todas as aldeias, a água era represada nos ribeiros, córregos ou próximo às nascentes. Estes pequenos açudes recebiam o nome de poças. As Poças do Monte, três pequenos açudes sucessivos na montanha adjacente à chã da Bessada e que dividiam os montes de Vilarinho de Cima e Igreja Velha, represavam diariamente um volume considerável de água, que era distribuída entre os vários agricultores, de acordo com antiga tradição. No inverno, deixava-se a água fluir livremente pelo ribeiro da coutada.

Os pequenos pastores e pastoras, pois o pastoreio era uma atividade infantil, costumavam, durante o verão, tomar banho nus nesses açudes. Foi aí que tomei os primeiros banhos. Num desses banhos, as pastoras de Vilarinho viram que tiramos a roupa para entrar na água e sorratamente as levaram por brincadeira. Tivemos de pedir pelo amor de Deus para as devolver, enquanto caíam no riso pela nossa infeliz situação. Ainda tomei alguns banhos no tanque adjacente à eira de nossa casa. Todavia, minha avó sempre me alertava: tomar banho é para quem come carne todo o dia e se alimenta bem. Banho faz mal, provoca fraqueza e pode levar à tuberculose e à morte. Esta era a visão que tinham os agricultores, fatalistas e ignorantes.

A eletricidade chegou à periferia da periferia do Concelho após a

Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. Demorando ainda alguns anos para que os moradores adaptassem as privadas em banheiros, apenas a geração mais nova aprendeu a necessidade de tomar banho, pelo menos uma vez por semana.

Quando entrei para o seminário em Braga, foi-me determinado levar um enxoval, pois era internato. Entre as peças a levar havia toalhas de banho e rosto, algo que jamais diferenciara, pois só usávamos toalhas de rosto. As aulas começavam no início de outubro, quando o tempo já era frio. Pela primeira vez vi banheiros, mas não eram ligados às retretes, como lá se chamavam as privadas.

Os banheiros do seminário, localizados no subterrâneo, eram individuais, em duas filas, com cerca de 15 unidades de cada lado. O processo de aquecimento da água era localizado em uma caldeira alimentada por lenha ou madeira longe do local. A regulação em quente e fria era única para todos os banheiros. No inverno, tomávamos banho uma vez por semana, e no verão, duas vezes. Nas férias, simplesmente não tomava banho. Só no Brasil aprendi a tomar banho diariamente.

Sabemos que a umidade do ar na Europa e demais regiões temperadas é menor que em regiões tropicais ou equatoriais. As pessoas transpiram muito menos, exalando menos mau cheiro através de seus corpos. Embora isto não sirva de desculpa para não se tomar banho, pois no Japão os banhos eram diários desde a idade média.

Nos meus primeiros anos de Brasil exerci profissões rudes: vender pão na rua, entregar pão em armazéns e botequins, servir no balcão ou trabalhar como padeiro. A parcela da sociedade com que lidava era de pessoas simples. Nunca usei xampu ou creme, desconhecia até sua existência, e para o banho usava sabão português ou sabão de coco. Muitas coisas só aprendi depois que passei a frequentar a Universidade Federal Fluminense.

PECADOS

A noção de pecado varia conforme a cultura, a religião, o país onde nascemos ou vivemos e, mesmo o país entre as áreas rurais e urbanas.

Portugal rural era governado pela Igreja. Os párocos de suas freguesias obedeciam cegamente a seus arcebispos e bispos, que “viviam” na Idade Média. No Minho, o Arcebispo Primaz de Braga, Dom Antonio Bento Martins Junior, pessoa honesta e que exercia um poder maior do que o governador, não tinha noção de que o mundo se transformara; e o Presidente da Câmara de Póvoa de Lanhoso, ou seu prefeito, era o Padre Zé Dias, exercendo o poder político e religioso.

Nascido numa aldeia de hábitos ultraconservadores em região montanhosa no norte de Portugal, onde tudo o que se fazia ou pensasse era considerado pecado e educado por minha avó e duas tias solteironas e beatas, que não faltavam à missa um único dia durante o ano, chovendo, geando ou nevando, tinha medo de pecar e ir para o inferno por qualquer motivo.

Considerava-se a dança um pecado. Nas festas religiosas das aldeias, vilas e cidades, a música era permitida com bandas de música ou transmitidas através de alto-falantes, mas, cantar fados era pecado e dançar de modo algum era permitido. Na festa de Nossa Senhora do Pilar, comemorada em 15 de agosto no lugar de Vilarinho, vários jovens começaram a dançar numa propriedade particular. O pároco veio imediatamente e mandou parar. Todos obedeceram, pois, se não o fizessem, seriam presos. A justiça e a guarda obedeciam ao clero.

Namorar podia, mas somente no portão de casa dos pais da namorada. Era pecado tocar na mão da moça; beijar, então, se não ia direto para o inferno, passaria longo tempo no purgatório. Ler romances era pecado, mas isso não era novidade, pois a maioria das pessoas era analfabeta ou semianalfabeta. As saias deveriam cobrir os tornozelos, para não pecar e não levar os homens ao pecado.

A respeito das atividades religiosas, deixar de ir à missa aos domingos era pecado mortal. Ouvi, em um sermão, um padre dizer que era preferível deixar o pai ou a mãe morrer sem assistência do que faltar a missa aos domingos. Estava defendendo seus interesses, pois vivia dos óbolos dos fiéis. Ainda diziam nas homilias que todas as outras religiões eram falsas e levavam ao inferno.

Comer carne na quaresma nem pensar. O pároco da nossa freguesia, já falecido, estava um dia almoçando numa casa de pasto em Braga, quando observou numa mesa ao lado um homem comendo um bife. O padre pediu também um para si e o deu a um cão dizendo: na quaresma só os cachorros comem carne. Sentindo-se insultado, o outro reagiu. O padre puxou um revólver e se o sujeito não fugisse o mataria. Foi contado pelo sacerdote que achou que estava certíssimo. Liberdade de religião ou ser ateu poderia custar a vida.

Outros pecados mortais eram: não se confessar uma vez cada ano, não comungar pela Páscoa e um supremo pecado restrito às mulheres: ter relação sexual fora do casamento. Eram humilhadas, menosprezadas e escorraçadas da sociedade, muito embora houvesse casos em que, quem as engravidou, foi o próprio pároco.

A mulher tinha de ser pura. Quando frequentei por três anos o seminário também nos ensinavam a ser puros, isto é, a não pensar em mulheres. Eu mesmo, após ter vindo para o Brasil, me recusava a olhar para elas, por medo de cometer pecado. Se tivesse seguido a carreira sacerdotal seria um padre dos mais conservadores e puros (idiotas), pois me apaixonara pelo sacerdócio. Até os 16 anos, não sabia que existia homossexualismo e nem o que era masturbação. Minha primeira relação foi com uma prostituta aos 18 anos sem que nem uma vez me tivesse masturbado.

FORNINHOS

Minha vida de pastor começou por volta dos sete anos de idade, quando levava as ovelhas e cabras de meus avós para pastorear. Junto comigo ia um vizinho três ou quatro anos mais velho, com o rebanho de sua família, o José Maria do Chedas, um rapaz muito inteligente cujo pai estava no Brasil e que logo o chamou para se juntar a ele. Como ficou trabalhando no comércio, nunca desenvolveu toda a sua potencialidade.

Tanto eu como ele apenas levávamos um pedaço de pão de milho feito em casa e que seria nossa única comida até o fim do dia. Saíamos de manhã e voltávamos ao anoitecer. Claro que ficávamos com fome. Como maçãs e peras, tanto na nossa casa como na deles, eram abundantes, mas ainda estavam verdes, impossíveis de digerir, resolvemos cozinhá-las nos montes. As nossas duas propriedades eram as principais do lugar, cada uma mais que o dobro das três outras quintas, mas mesmo assim não produziam o suficiente para viver uma vida de abundância.

Construímos três fornhos de pedra: um, nas tomadas do Chedas, outro na chã da Bessada e o terceiro no lajedo, estes dois longe da população. Feitos em cima de uma laje, procurávamos pedras de pouca espessura e quando necessário as quebrávamos. O forno levava pedras nas duas laterais, na parte de trás e outra cobrindo-o. A porta era outra pedra lisa. A vedação entre as pedras era feita com bosta de vaca, pois a região, arenosa, não tinha barro adequado.

Acendíamos gravetos secos dentro dele, que ardiam por cerca de meia hora, ficando bem quente, tanto o chão como as laterais. Tirávamos as cinzas, brasas e carvões, colocando as frutas dentro e fechávamos a porta, vedando-a também com bosta; e passado perto de uma hora, estavam prontas e deliciosas para nos alimentarmos. Por vezes, algum adulto destruía nosso forno, mas o refazíamos. Desta maneira, passávamos o tempo, nos alimentávamos e sobrevivemos.

DESFOLHADAS

Hoje, quase tudo é feito por máquinas, esquecemos o trabalho que nossos pais e avós tiveram na preparação do terreno, cultivo, colheita e pós-colheita dos cereais. Antes de preparar os campos, para lavrar com arado rudimentar puxado por vacas ou bois, havia de se roçar o mato, trazê-lo em carro de vacas, forrar os currais com ele em camadas sucessivas, ou acumulá-lo nos campos em medas, chamadas localmente de moreias. Espalhava-se o mato transformado em estrume – único adubo utilizado – sobre o terreno a ser lavrado, e nem um grama de adubo químico era utilizado, por falta de dinheiro para o comprar.

Lavrar o terreno envolvia toda a família: um rapaz conduzia duas vacas puxando o arado; um homem, em geral o dono ou seu filho, pegava a rabiça do mesmo e revolvia a terra a cerca de 30 centímetros de profundidade; mulheres e crianças, munidas de sacholas ou enxadas devastavam os tor-



rões, fazendo com que o campo ficasse pronto para semeadura. Semeava-se o milho e feijão juntos. O semeador e mais outra pessoa dividiam o campo em leirões fazendo pequenos regos que depois serviriam para regar a sementeira.

Porém, não era só esperar o milho crescer: quando este ti-

nha cerca de um palmo de altura, era necessário sachá-lo, isto é, retirar as ervas daninhas e as plantas muito próximas umas das outras com a sachola, que nada mais era que uma enxada estreita. Isto envolvia toda a família e dava muito trabalho. Todas as semanas teriam de se regar as semeaduras, mesmo quando as primeiras espigas estivessem brotando. Ainda quando o milho já estivesse amadurecendo se tirava o pendão, para alimentar o gado.



Uma vez a espiga madura, era hora da colheita. Homens e mulheres, munidos de foicinhas denteadas, cortavam um a um os pés de milho e os



Canastro para guardar o milho desfolhado

amarravam em molhos que eram colocados em medeiros, pequenas medas com vários molhos em pé. Se chovesse, a água da chuva escorreria até o solo. Quando todo o trabalho terminava, se juntava todo o produto numa das bordas do campo para ser desfolhado. As desfolhadas eram um espetáculo de cooperação da sociedade. Feitas geralmente à noite, quando não mais havia sol,

mas muito calor, como são as noites de verão em Portugal. Os donos ofereciam pão e vinho e toda a vizinhança aparecia para tirar as espigas de seu folhato, alguns até usavam um prego para facilitar a retirada. Vinham muitos jovens, e muitos namoros começaram nas desfolhadas. Cantava-se toda a noite até o término do trabalho, e nisto o vinho auxiliava e muito.

Uma vez terminada esta tarefa, as espigas eram carregadas em cestos para carros de bois ou vacas e levadas para as eiras, onde seriam expostas ao sol até secar. Parte delas era recolhida em canastros ou espigueiros, de onde seriam retiradas, conforme a necessidade. Outra parte era malhada na eira onde os grãos recolhidos em arcas seriam aos poucos transformados em farinha nos moinhos da família ou coletivos.

Os malhos tinham um cabo não muito grosso e, no final, preso por couro de boi, um pedaço roliço de árvore com que se batiam as espigas até deixar livres os grãos. Minha família tinha um moinho movimentado a água, mas, no verão, quando as águas eram poucas, não funcionava. Várias vezes dormi com um empregado da casa no moinho, quando era necessário funcionar a noite inteira, para produzir a farinha.

Nos meses de setembro e outubro, tínhamos de levar o grão para moer na Freguesia da Esperança, onde ficavam as turbinas da Represa do Ermal, no Rio Ave. Eram por volta de 5 a 6 quilômetros de distância e íamos a pé por caminhos, trilhas e campos de cultivo, cada um levando um saco de grãos de milho. Geralmente ia com duas tias, levando horas para ir e voltar com a preciosa carga que durante 10 dias forneceria o pão, base de nossa alimentação.

O pão era feito em casa: as mulheres amassavam a massa numa masseira de madeira. À farinha de milho juntavam 10% de farinha de centeio, para dar consistência à massa, pois o milho não dá liga e esfarela facilmente. Cada casa tinha seu próprio forno de tijolo ou barro. Aquecia-se com madeira, por mais de uma hora, varria-se e colocavam-se as broas de cerca de cinco quilos cada uma. A porta era de madeira, betumada com bosta de vaca. O pão demorava pelo menos duas horas para estar pronto. Este ritual era realizado a cada 10 ou 12 dias.

OS LAGARES DE AZEITE

Na freguesia havia três lagares de azeite: um em Vilarinho; um em Souto Velho; e outro no Outeiro, ou melhor, em Suarribas, entretanto eu só conheci o do Outeiro, que ficava ao lado do nosso moinho.

Como era um lagar de azeite? Hoje, mesmo em Portugal, as novas gerações não o conhecem, pois foram proibidos de moer azeitona, devido às normas da Comunidade Econômica Européia. Hoje, ninguém colhe azeitona no Minho.

O azeite, após o milho e o vinho, era o principal produto agrícola da região. O lagar era um grande galpão, com uma grande roda de água externa, para onde a água de um ribeiro era canalizada e a movimentava. A roda tinha um eixo para o interior do lagar fazendo girar duas grandes rodas de pedra, dentro do mesmo. As rodas ficavam dentro de um cercado de madeira



sobre rochas, unidas também por um eixo que as fazia girar em torno uma da outra esmagando as azeitonas. Este era o primeiro passo na produção de azeite. Depois disso, a massa esmagada era posta em cestos de vime e prensada por um engenho que consistia numa grande trave de carvalho, de cerca de 10



metros de comprimento e um metro de espessura. Esta trave era fíncada, numa das pontas, num buraco de pedra e, na outra extremidade, havia uma pedra de cerca de duas toneladas presa nela por um eixo de aço de mais ou menos dez centímetros de diâmetro. Conforme a tarraxa do eixo era manobrada, a rocha era levantada e espremia a massa

informe de azeitonas, e, por meio de sulcos na pedra o azeite era levado a

um depósito também de pedra com água quente onde flutuava.

No lagar ainda havia uma fornalha com um enorme caldeirão com água. Esta era aquecida por lenha e bagaço da azeitona, ou só pelo bagaço. Uma vez retirado o primeiro azeite, os cestos com o bagaço eram repostos sob a trave e jogado neles água fervendo, soltando mais óleo. O processo era realizado mais uma ou duas vezes, recolhendo-se o azeite no mesmo depósito. O lagar funcionava mais de dois meses, 24 horas por dia, para moer as azeitonas de todos os olivais da microrregião. Além dos lagareiros, empregados do dono do lagar, a família dona das azeitonas acompanhava e trabalhava enquanto durava sua produção de azeite. Muitos rapazes passavam a noite ajudando, tornando-se uma diversão festiva.



Lagar do Império Romano

Conforme ardia na fornalha, o bagaço oleoso gerava cinza quente, onde se assavam batatas inteiras. Uma vez assadas, eram dispostas na mesa e se lhes batia com a mão fechada – eram as famosas batatas ao murro, regadas com azeite quente recém-obtido no processo. Muitas vezes, eu e outros coleguinhas vínhamos da escola e esperávamos as pessoas se distraírem e enfiávamos o pão no azeite e saímos correndo. Claro que os adultos sabiam que íamos fazer isso, mas fingiam que corriam atrás de nós.

Quem observa hoje essas estruturas industriais abandonadas, lembra com saudade dos tempos que não

voltam mais. Tempos duros, mas éramos felizes e nem percebíamos.

Viajando pela Turquia, em 2010, pudemos observar o que já havíamos visto na Itália: os montes são todos florestados com oliveiras, tornando estes dois países os maiores produtores de azeite. As encostas de Assis, na Itália, ou as da Capadócia formigam de olivais. Todavia isto remonta há milhares de anos, conforme vemos na imagem em Hierópolis, da Frígia, da época do Império Romano. O processo era o mesmo do usado em Portugal dois mil anos depois. Naquela região, ficam as famosas piscinas de Pamukkale.

LAGARES DE VINHO

O lagar de vinho tinha pouco em comum com o de azeite, exceto que, em ambos, os frutos eram esmagados para produção do alimento. Entretanto, enquanto o lagar de azeite era comunitário, o do vinho era individual, não utilizava a energia da água, apenas a energia



muscular. Este depósito de uvas era feito em pedra, tanto nas laterais como no fundo, a altura era cerca de um metro e o tamanho variável.

Só as quintas maiores possuíam lagares; nas propriedades menores, as uvas eram pisadas em dornas, que tinham o formato de um barril serrado ao meio. Era nelas que pisavam as uvas quem produzia pouco vinho. Tanto nos lagares como nas dornas as uvas eram pisadas com os pés. Mas só os homens podiam pisar as uvas, mulheres tinham de se manter afastadas do processo.

O cultivo da vinha no Minho, norte de Portugal, difere da maioria das regiões do país e da Europa. Os campos de cultivo nesta região montanhosa são em degraus, galgando a montanha. Como sua largura é estreita, o centro do terreno é usado para cultivo de milho ou centeio, e em uma das margens são plantadas árvores como salgueiros, freixos, cerdeiras (cerejeiras inférteis), ameeiros, álamos etc., que servem de suporte a videiras, que nelas são amarradas com vergas e podadas todos os anos no fim do outono. Sobre os caminhos há latadas, isto é, ferros armados e arames por onde as videiras se expandem.

Na primavera começam a brotar as folhas e frutos. Para evitar fungos, bactérias e vírus, as videiras são sulfatadas com uma mistura de cal e sulfato de cobre, duas vezes ao ano. As uvas começam a amadurecer em agosto e a colheita costuma ser em setembro ou outubro. As melhores são de safras em anos sem chuvas.

A colheita das uvas costuma ser feita pelos homens, porque há ne-

cessidade de escada bastante grande e pesada, mas nada impede que as mulheres também as colham. O vindimador leva consigo uma cesta com alça que, quando cheia, é esvaziada num cesto, levada para um carro de vacas ou bois onde uma dorna está colocada e, depois, para casa. Lá serão colocadas no lagar para serem pisadas, transformando-as em vinho.

O pisoteio das uvas é uma festa realizada à noite, quando aparecem vários rapazes para participar do evento. Todos pisam, cantam e recebem um lanche. No dia seguinte, o vinho ainda está doce e serão precisos dois dias para sua fermentação. O lagar, que estava cheio até 80



cm, com o fermentar se eleva até a borda e assim ficará até o vinho ser retirado. No fundo do lagar há um cano que, aberto, possibilitará a retirada do vinho para os barris, por meio de cântaros.

Após desativado o alambique, hortências tomam o seu lugar...

O lagar também tem sobre ele uma trave provida de uma grande pedra na extremidade, que será usada para espremer os últimos resquícios de vinho. O bagaço será depois utilizado para fazer aguardente, pois todas as maiores quintas possuem um alambique.

PREVIDÊNCIA SOCIAL

Ficar velho, não apenas no Concelho da Póvoa de Lanhoso, mas em todo o Portugal, era muito complicado. Além das doenças, falta de perspectivas numa sociedade agrícola, não existia qualquer amparo do Estado aos cidadãos. A única “Previdência Social” existente era a mesma que houve desde que o ser humano habita este planeta e se denomina “filhos”. Pois eram estes que tinham obrigação de prover os pais com os meios necessários à sua sobrevivência na velhice. Porém, quando estes fossem ingratos ou não tivessem como ajudar seus pais, os idosos passavam necessidade, quando não morriam de fome e frio.

Meu avô materno trabalhou até o fim de sua vida, aos 75 anos. Já minha avó, que passou seus últimos 15 anos dos 85 vividos sem poder caminhar, teve o amparo dos filhos até o final. Entretanto, dizia que nunca enjoaria de arroz, pois era para ela um produto assaz escasso. Minha mãe contava que, quando ela e seus irmãos eram crianças, seus pais costumavam ir à feira na Póvoa de Lanhoso e, na volta, as crianças lhes perguntavam se haviam trazido alguma coisa para elas da feira. Minha avó, com o coração apertado, lhes dava pão da própria casa e dizia que era pão da feira. Minha mãe seus irmãos diziam: “parece o nosso pão”!

Conheci velhos que passavam fome e eram humilhados pela família. Um idoso, em Vilarinho de Baixo, lugar de meu pai, que foi testemunha do fato e cujos filhos migraram, foi vendendo partes de sua casa. Primeiro, as portas e fechaduras, depois as tábuas do assoalho e por fim as traves. No inverno, sem portas e assoalho o frio penetrando por todos os lados e sem alimentação adequada, não resistiu e faleceu. Antes disso, antigos colegas, também empobrecidos, quando o viam ao longe, se escondiam para não serem importunados. Fumava, mas sem dinheiro, apanhava as guimbas (beatas) dos cigarros e as reacendia. Muitos dos velhos morriam à míngua.

Quando voltei pela primeira vez a Portugal, em 1983, as tias que me criaram, uma com 81 anos e outra com 76, eram uma alegria só. Diziam que tudo mudou, já havia luz elétrica no lugar onde vivi, e que elas tinham agora algum dinheiro, fruto de uma pensão atribuída pelo Estado a todos os que tinham trabalhado na agricultura e jamais tiveram carteira assinada. Na verdade, era uma pensão muito pequena e, caso não continuassem a colher os frutos da terra, passariam fome, mas, para quem nunca recebeu nada, se sen-

tiam ricas e estavam felizes.

E pensar que Portugal tinha uma das maiores reservas de ouro do mundo e que manteve por longos anos uma guerra sem sentido em suas antigas colônias, mormente em: Angola, Moçambique e Guiné Bissau. Os pequenos agricultores destas terras minhotas longínquas eram superexplorados com impostos (décima) que só conseguiam pagar com o dinheiro que seus filhos emigrantes lhes enviavam. Todavia, não se queixavam do governo que, através do clero e de agentes policiais, lhes faziam lavagem cerebral impingindo-lhes o medo do comunismo com as mais diversas mentiras. Algumas delas ouvi e acreditei piamente: matariam todos os velhos de mais de 70 anos, as crianças seriam afastadas dos pais e entregues ao Estado para as educar ou comer assadas. Todos os bens (afinal eram quase nada) seriam expropriados e muitos iriam morrer de fome etc.

O RIBEIRO QUEIMADO

Separando os lugares de Carreira em Sobradelo da Goma, Concelho da Póvoa de Lanhoso e Calvelos da Freguesia de Santiago de Guilhefrei, Vieira do Minho, existe um pequeno curso de água denominado Ribeiro Queimado. Não sei a origem do nome, mas suponho que, em dado momento no passado, a vegetação local composta de silvas e arbustos tenha ardido, dando o nome ao ribeiro.

Era um local sinistro e muito temido à noite. Por ficar muito longe de qualquer habitação, se algo ocorresse a alguém, ninguém ouviria seus gritos. O seguinte episódio aconteceu quando minha idade era de cerca de 10 ou 11 anos. Minha família materna, onde fui criado desde um ano de idade, tinha parentes próximos na casa do Cancela em Calvelos. Não lembro o motivo por que me mandaram lá. Comigo foi o Adelino Vilela, filho de Abel e Maria do Quelho, que trabalhava na casa de meus avós e era dois anos mais novo que eu.

Para ir da Igreja Velha a Calvelos, demorava-se cerca de uma hora, os caminhos eram horríveis, passava-se por Cabanelas e Carreira, atravessava-se o Ribeiro queimado e, por uma trilha ou carreiro que passava entre um carrasqueiro, chegava-se à Cancela em Santiago de Guilhefrei. Lembro que nos serviram o que na época se denominava uma racha de bacalhau e broa de milho. Não demoramos muito lá. Atravessamos o carrasqueiro ainda de dia, mas anoiteceu quando estávamos no Ribeiro Queimado.



Selo postal romano

Não sei como o lugar está agora, pois já vão quase 60 anos e jamais voltei àquelas bandas. Havia lendas que ali apareciam fantasmas de antepassados de famílias tradicionais de Carreira, botando fogo pela boca e brigando pelas águas de regadio. Além disso, tínhamos medo do lobo e das bruxas, cujas luzes podiam por vezes ser vistas mudando rapidamente de lugar e

dizia-se que, armadas de restelos, assassinavam pessoas. Para quem não sabe, restelo era uma tábua de meio metro de comprimento por 30 cm de largura,

cheia de pregos e usada para cardar lã ou linho. Apavorados, começamos a rezar: Padre Nosso e Ave Maria, correndo no escuro, tropeçando nos obstáculos do caminho mal cuidado que levava ao lugar de Carreira. Já mais calmos, chegamos a Cabanelas e finalmente à Igreja Velha.

Não encontramos viv'alma por todo a trajeto, como não havia luz elétrica, as pessoas recolhiam-se cedo. Somente se usavam candeias a gás (querosene) ou azeite, que nada alumiam, e quando o céu estivesse nublado nada se via e todos iam dormir cedo.

Nunca mais vi Adelino, depois que vim para o Brasil. Seu pai, que era um dos homens mais altos da freguesia, um dia, quando o filho tinha uns 13 anos, disse: “Eu levava o Adelino para trabalhar comigo na Barragem de Castelo do bode. Mas vejo como os capatazes batem nos jovens que lá trabalham, e se um batesse no meu filho, eu não iria ficar quieto”.

Em uma das viagens que fiz a Portugal soube que Adelino havia falecido defendendo seu pai: se alterou tanto que teve um infarto fulminante. Que repouse em paz, velho companheiro.

BENS MATERIAIS E FELICIDADE

Difícil encontrar na Europa uma sociedade mais carente do que a que vivi em criança. Em um continente recém-saído da 2ª Guerra Mundial, as dificuldades financeiras atingiam toda a população, mas era principalmente nas zonas rurais e montanhosas da periferia continental que os bens materiais eram praticamente inexistentes. Quase todos tinham de sobreviver com o que produziam em suas micropropriedades, que nem todos possuíam, pois o minifúndio era o padrão agrícola.

Como todos tinham muitos filhos, uma vez que certas conquistas médico-farmacêuticas, como a pílula anticoncepcional, ainda não haviam sido descobertas ou o fanatismo religioso não permitia controlar a natalidade, as terras tinham sido divididas pelos herdeiros até atingir a condição de terras insuficientes para alimentar a unidade familiar. Não havia uma única família em que pelo menos um familiar não tivesse emigrado. A maioria tinha ido para o Brasil, daí a expressão: o Minho povoou o Brasil. Contudo, a passagem era cara e havia a necessidade de “carta de chamada”, documento em que algum familiar ou conhecido residente no exterior se responsabilizava por dar emprego ao solicitante. Devido a isso, os mais pobres iam para Lisboa ou para o Porto trabalhar como ajudantes de faxina ou pedreiro e as moças migravam para trabalhar em casa de família, fazendo todo o serviço braçal, desde limpeza, lavar, passar roupa e cozinhar.

As terras produziam pouco e mesmo assim com grande esforço humano. Os solos resultantes da decomposição do granito são naturalmente pobres em vários elementos químicos como o cálcio, o potássio e o nitrogênio, e utilizar adubos estava além das posses financeiras da comunidade. Assim, usava-se o adubo verde ou estrume dos animais e do próprio homem.

O Estado, além de não ajudar em nada, ainda taxava as propriedades com impostos absurdos, contribuindo para maior empobrecimento local. E aí de quem deixasse de pagar! Poderia ser preso ou expropriado dos miseráveis campos de cultivo. O aparelho repressor estatal era temido por todos.

Dentro destas condições era de se esperar uma sociedade profundamente infeliz, com as pessoas cabisbaixas, mal-humoradas, tristes e com baixa autoestima, mas não era isto que acontecia. Apesar dos enormes problemas financeiros e de sobrevivência, vivia-se em uma comunidade alegre, com ótimo relacionamento interpessoal e bastante feliz. Aqui se comprovava

o ditado de que o dinheiro não traz felicidade, e damos razão ao postulado que veio do Butão, pequeno país asiático, encravado nas mais altas montanhas do planeta, que usa “Felicidade Interna Bruta” em lugar de PIB – Produto Interno Bruto.

As crianças, muitas delas maltrapilhas, sem um tostão no bolso, viviam felizes com o que havia. Corriam, trepavam em árvores em busca de ninhos ou de alguma fruta, brincavam de esconde-esconde, jogavam malha com pedras lisas em todo o caminho de volta da escola, procuravam tartulhos (cogumelos) na época deles, guardavam o gado e rebanho cantando, ajudavam os pais na lavoura. Por vezes, brigavam entre si sem qualquer razão, mas logo faziam as pazes.

Os adultos, além de trabalharem arduamente de segunda a sábado, usavam a missa de domingo como terapia. Profundamente religiosos nunca faltavam a ela que também servia para botar as conversas em dia: era a vaca que pariu um lindo bezerrinho, o vinho que deve ser bastante e bom, porque o tempo ensolarado concentra o açúcar, ou o contrário, choveu na época da colheita e o vinho será ruim. Da falta de água para regar o milho e mover o moinho, da carta que recebeu do filho que mora no Brasil etc. À tarde, sempre haveria o jogo de malha em frente à taberna ou no adro da capela. Tomavam uns copos de vinho e a vida seguia feliz numa população sem dinheiro.

Quando depois de muito tempo voltei à terra que me viu nascer e onde colhi frutas diretamente das árvores, encontrei as pessoas com algum dinheiro que, para elas, era muito. Todavia, a felicidade não mais habitava nas aldeias. Pelos carreiros e caminhos, não mais andavam crianças. Nos montes não havia mais rebanhos e ninguém procurava por ninhos ou tartulhos. As avezinhas haviam sumido devido aos agrotóxicos. Ainda se vai à missa, mas a fé não é a mesma. Nas tabernas que restaram, ninguém se reúne para ouvir um relato de futebol ou sequer ver um jogo com os amigos.

Muitas casas estão abandonadas, porque todos partiram. Muitas foram construídas, mas só são habitadas um mês por ano, na época das férias de países como a França ou a Alemanha. Um dia serão abandonadas, pois os filhos já não são portugueses. Quase não há vizinhos, as pessoas pararam de andar a pé, por isso não se encontram para conversar entre si. As escolas quase não têm alunos, as crianças, que as deveriam frequentar, vivem no estrangeiro. Sobradelo tornou-se uma freguesia sem alma. O fenômeno atinge todos os locais afastados das cidades.

CONFISCO DE BENS E DE PESSOAS

Portugal não entrou na Segunda Guerra Mundial, mas tampouco deixou de sofrer suas consequências. As principais foram: racionamento, fome e confisco de bens. Por algum tempo, foi o maior produtor de Wolfrânio ou Tungstênio, usado na fabricação de aços especiais e exportado ou contrabandeado para os aliados e alemães.

O que os camponeses produziam em milho, centeio, vinho e azeite eram confiscados pelo governo para atender aos países em guerra. Como o governo sabia quanto cada um produzia? O serviço de informações de Portugal estava entre os melhores do mundo e tudo controlava. Havia em cada freguesia, como acho que ainda há, mas com atuação diferente, um Regedor que tinha por obrigação informar ao Prefeito (Presidente da Câmara Municipal) tudo o que acontecia na sua freguesia e, por estimativa, quanto cada quinta produzia. Além disso, a Igreja Católica estava a serviço do Estado. Cada pároco local sabia o que cada propriedade produzia, levando-se em conta que todos se confessavam pelo menos uma vez por mês e as mulheres o faziam todas as semanas. No confessional, diziam tudo, o que nada tinha a ver com pecados, mas com a economia. Além disso, todas as famílias pagavam o dízimo (10%) do que produziam em vinho, milho, azeite e centeio ao pároco local que, desta forma, conhecia a produção individual.

O governo obrigava cada quinta a entregar uma determinada quantidade de sua produção na sede do Concelho e pagava preço tão irrisório que nem compensava produzir, pois era inferior ao custo de produção. Quem não obedecesse, simplesmente iria preso. Ainda os fiscais visitavam compulsoriamente cada casa para saber se era escondida parte da produção. Nossa casa tinha quatro lojas onde era guardado o gado, a lenha, os cereais e a adegas. Em todas elas o chão era de terra. Na loja onde ficavam as arcas dos cereais, meu avô enterrava parte do centeio, milho e feijões, para ter o que comer durante todo o ano. Meu pai, ainda namorando minha mãe, ajudou a carregar um pipo (barril) de 500 litros, cheio de vinho e enterrá-lo numa cozinha desativada. O problema ficou tão grave que minha tia Maria, que ia à missa todos os dias, pediu audiência ao Prefeito da Póvoa de Lanhoso, que também era padre, para explicar a situação da família: —“o que nos é deixado não dá para nós nos alimentarmos, somos seis adultos e ainda temos criados para ajudar no trabalho agrícola. Se entregarmos tudo o que é exigido, vamos passar

muita fome”. O padre José Dias – este era o nome do alcaide –, acabou se sensibilizando e confiscou um pouco menos.

Confisco de pessoas: hoje, o lar é o reduto inviolável da família, mas, no passado, não era assim. Na nossa casa, e pelo menos na da família Moreira, havia um alçapão, na subida das “caleiras” capaz de ocultar uma pessoa, após a remoção de uma pedra. Até ao fim do século XIX, tropas do exército entravam nas casas para ver se havia algum homem em idade de ir para a tropa e conseqüentemente para a guerra. Haja vista que a maioria das pessoas era analfabeta e não registrada, se vissem um rapaz, em idade de servir, era imediatamente levado com eles, e muitos jamais voltavam. Era essa a razão de muitas casas das freguesias terem um alçapão para esconder os filhos quando do confisco dos mesmos.

EXAMES DA 4ª CLASSE

Nas aldeias afastadas das cidades em Portugal ou mesmo as vilas com pouca expressão populacional e econômica somente se estudava até a 3ª classe e, excepcionalmente, até a 4ª classe. O ensino primário até a 3ª classe só se tornou obrigatório em meados da década de 1950. Antes disso, era opcional enviar os filhos à escola. Para emigrar para o Brasil era necessário ser alfabetizado e a maioria enviava os meninos para estudar, já a grande parte das meninas permanecia analfabeta, pois numa sociedade agrícola e rural, a mulher deveria ser sustentada pelo homem e bastava saber trabalhar com sachola, lavar, cozinhar e ter muitos filhos. Era preparada para casar.

Grande parte dos casamentos era arranjada pelos pais. As filhas dos principais agricultores casavam com os filhos de outros agricultores. Meu avô comentou que quando vinha da missa um amigo falou para outro: tenho lá uma rapariga que seria boa para teu filho. De fato, depois se casaram.

Na minha freguesia, os prédios das escolas, masculina e feminina, eram salões sem privada, bicas de água para beber ou lavar as mãos e, é claro, sem luz elétrica, como toda a aldeia. Não sei como as meninas se resolviam, mas nós, os meninos, íamos a uma privada adjacente à escola ou outra a 100 metros em frente à igreja, ou mesmo no mato. Cada privada constava apenas de um tablado de madeira com um buraco no meio e com mato por baixo até virar estrume. Estava sempre imunda com fezes por todo o lado e era difícil entrar sem pisar nelas. Sem papel, ninguém limpava o ânus e, quando o fazia, era com folha de alguma planta, principalmente videira. Teve uma vez que usei, sem perceber, urtiga, e fiquei todo empolado.

Para beber água, tínhamos de andar cerca de 300 metros numa ladeira íngreme até uma nascente que dava origem a um ribeiro. Vivíamos um tempo em que a profissão de professor ainda era na maioria masculina e garotos e garotas estudavam em salas separadas. Como poucos tinham água encanada em casa, por vezes alguém aparecia de cara suja e, além de apinhar, ainda era obrigado a ir lavar o rosto. No inverno, a água estava gelada e não tinha toalha ou papel para secar.

A Escola masculina tinha por volta de 80 alunos, todos estudando no mesmo salão. Nas três primeiras séries (classes) havia mais de 20 alunos em cada uma, e na 4ª classe só eram admitidos quatro, que eram os que pretendiam ir para o seminário, ou os filhos dos ourives ou de vendeiros. Nas três

primeiras séries, quem promovia os alunos no final do ano era o professor. Já na quarta classe, os exames finais eram realizados na sede do município de Póvoa de Lanhoso com professores (as) enviados pela cidade de Braga, capital do Distrito.

Como já tem muito tempo, quase 60 anos, não recordo exatamente como foram as provas. Sei que duraram 3 dias e Sobradelo da Goma fez os exames junto com a Freguesia de Monsul, 4 alunos de cada aldeia. Os exames constavam de: redação e ditado, matemática, desenho à mão livre, ciências e pesos e medidas. No último dia, davam o resultado final. Fui o único a ser distinto, correspondia a ter acertado tudo, mas todos foram aprovados. Nosso professor ficou satisfeito, embora achasse que pelo menos mais um deveria ter obtido nota máxima. Meu tio e minhas tias ficaram radiantes e em vez de retornar a pé para Sobradelo, mais de 10 km, voltamos de camionete (ônibus).



Foral da Vila de Póvoa de Lanhoso

MERENDAS

A merenda escolar pública não havia nas escolas portuguesas, que eram de horário integral, nas décadas de 1950 e 1960. Aliás, no Brasil era a mesma coisa, pois meus irmãos frequentaram sempre escolas públicas em Realengo e, quando cheguei ao Brasil, em 1958 e anos seguintes, nenhuma escola oferecia qualquer alimento aos alunos. Quando frequentei a escola primária em Portugal, cada aluno levava sua merenda. Eu e outros filhos de pequenos proprietários levávamos apenas um pedaço de broa de milho, geralmente dura, pois o pão era feito em casa cada 10 ou 15 dias, cada broa tinha em média 3 a 5 kg e eram delas que levávamos para a escola. Pão de trigo era um luxo para todos nós. Filhos de caseiros ou de pessoas mais pobres nada levavam para o recreio que era das 12 às 13 horas. Porém, quase ninguém ficava sem comer: eu e outros repartíamos o pouco que levávamos com quem não levava nada. Pela proximidade geográfica, os colegas de Carreira, eu e alguns mais costumávamos ajudar os de Cabanelas ou Outeiro, na época dois dos lugares mais pobres da freguesia. Os de Várzeas, Vilarinho ou Varzielas, também o faziam com os vizinhos.

Na época das frutas, verão e outono, além de côdea de pão, levávamos uma maçã, pera ou castanhas. No inverno, apenas o naco de pão e, por vezes, uma cebola crua. Não admira que aquela geração fosse muito mais baixa que as gerações posteriores.

Merendas dos pequenos pastores. As ovelhas e cabras pastavam nos altos dos montes pertencentes ao lugar de origem. Assim, as da igreja Velha, nos montes deste lugar, as de Vilarinho ou Carreira em suas respectivas montanhas etc. Quem tinha poucos animais, como minha família e muitas outras, utilizava suas crianças a partir dos 7 anos para o trabalho de pastoreio. Já quem tinha rebanho grande entregava-o a um pequeno pastor de uma família pobre, que teria por volta de 12 a 15 anos. Este pastor tocava uma buzina marinha e reunia os rebanhos de todos os proprietários antes de o sol nascer, tocando-os pelos caminhos e matagais montanhosos. Voltava um pouco antes do pôr-do-sol. Entretanto, apenas levava um pedaço de pão de milho ou nada para comer. Bebia nas nascentes ou ribeiros junto com o rebanho. Pelo menos dois eu conhecia que, pela fome, desenvolveram uma penugem branca no rosto. Eu e os pastores privados nunca os encontrávamos nos montes. Nós ficávamos nas partes mais baixas, já eles iam para os picos mais elevados.

Mas nós também só levávamos uma côdea de pão de milho para passar o dia inteiro no monte com as ovelhas e cabras. Eram tempos muito difíceis para todos.

Merendeiros – o nome não se aplicava a quem fazia merendas, mas a farnéis que as famílias levavam para festividades, longe de suas casas. Como havia falta de dinheiro, ninguém comprava nada em romarias ou festas de algum santo. Preparavam em casa uma cesta com um garrafão de vinho, broa de milho e sardinhas fritas ou um pedaço de carne de porco. Antes de chegar ao local da festa, colocavam uma toalha no chão, sentavam em volta e comiam o merendeiro. Chegavam à festa, rezavam na igreja, ficavam passeando quase o dia todo, só compravam alguns doces: cavacas e rosquilhos, para levar para as crianças, e voltavam alegres e felizes para casa. Em Sobradelo, isto era comum quando iam às festas de São Bento da Porta Aberta, Senhora do Porto d’Ave, Santo Amaro, Senhora da Alagoa, São José, na sede do Concelho, São Torcato e São Gualter, em Guimarães.

Quando voltei a Portugal, já depois do ano 2000, ainda se praticava esta tradição, quando havia excursões a Fátima.

MOLEIROS



Hoje o nome é aplicado a quem conserta ou coloca molas em automóveis ou outros veículos. Entretanto, no passado e ainda hoje em zonas rurais de Portugal, moleiro era quem moía os grãos dos cereais ou quem fazia seu transporte para o moinho e a farinha de volta ao freguês ou cliente.

O moinho tradicional, não somente em Portugal, mas em toda a Europa, era movido a água ou vento, com produtividade reduzida. Havia necessidade de alguém cuidar constantemente dele e vigiá-lo, para que não trabalhasse em vão, isto é, sem produzir farinha por falta de cereais, que caíam na mó de forma contínua.

Os moinhos de vento, embora costumem ser associados à Holanda, é na Península Ibérica que há maior concentração deles. O país com maior número é Portugal. Em Dom Quixote de la Mancha, Cervantes nos narra a luta de Dom Quixote com as velas do moinho de vento achando em sua loucura que lutava contra inimigos. Este tipo de moinho existia principalmente nas colinas ou montanhas das regiões mais secas e onde o vento era constante.

Todavia, a maioria dos moinhos era movida a água. Esta era canalizada diretamente para uma cisterna de pedra que, no seu fundo, fazia um esguicho direto em pás ou penas de madeira ou ferro dispostas em torno de



Parte de cima, com mó e depósito



Parte inferior, água êmbolo

uma esfera ligada à parte superior por uma coluna de madeira, que encaixando na mó a fazia girar constantemente. A mó era de pedra dura com ranhuras na parte inferior e ficava em cima de outro artefato de pedra com laterais mais altas e uma saída para a farinha. Os grãos eram colocados numa caixa cônica de madeira com pequena abertura na parte inferior. Os grãos caíam de forma constante, mas em pequena quantidade, no centro da mó.

Nos locais em que a água era muita, o moinho tinha uma roda grande externa que o movimentava e a produção era bem maior. Quase todos os moinhos funcionavam 24 horas por dia, a produção variava, mas o mais comum era produzir 50 kg de farinha diariamente. Durante o período do “Estado Novo” as leis eram muito restritivas. Só o próprio dono podia utilizar o moinho, e quem deixasse um familiar ou amigo usá-lo pagaria multas pesadas.

O verão no clima mediterrâneo é o período sem chuvas ou com muito pouca chuva. O volume da água dos ribeiros é insuficiente para movimentar a maioria dos moinhos. A farinha não pode ser armazenada por muito tempo, porque dá bolor e apodrece. O jeito é procurar outro lugar para moer os grãos.

Na freguesia em que morava, havia dois ou três moleiros. Eram pessoas que tinham um burro ou mula para transportar os sacos de grão para moer e, depois, de volta para casa. Contudo, não eram suficientes para atender a todas as famílias, levando-se em conta que havia mais de 500 casas espalhadas por colinas e montanhas. Assim, nós e a maioria dos habitantes levávamos diretamente os cereais para moer.

Na Esperança, aldeia vizinha à nossa, mas distante mais de uma hora de caminhada, havia moinhos a energia elétrica, e era lá que, uma vez por semana, levávamos o milho e o centeio para moer. O pagamento era feito com uma porcentagem dos próprios cereais. Para chegar lá, descíamos por uma picada ou carreiro, em pequeno trecho montanhoso, seguíamos por caminho relativamente plano, atravessávamos campos de cultivo por atalhos até chegar à Estrada Nacional. Caminhávamos mais três ou quatro km até chegar ao destino e, para tanto, tínhamos de atravessar o Rio Ave por uma Ponte Romana de mais de dois mil anos de idade. Esperávamos nossa vez no moinho por uma ou duas horas e voltávamos com um saco de farinha às costas. Essa ida e vinda demorava cerca de 4 horas. Quase sempre íamos, duas tias solteiras e eu e por vezes um criado, trabalhador agrícola. Enquanto na ida o caminho era de descida, na volta era subida, porém vínhamos com menos 10% do peso, pelo pagamento em cereais deixado ao dono do moinho.

DESLIZAMENTOS E SOCALCOS

Os campos e leiras de todo o alto Ave foram feitos em terrenos conquistados às montanhas íngremes e rochosas desde antes da Idade Média. A inclinação média das vertentes montanhosas é de mais de 30°. Para transformar as encostas em campos de cultivo, tiveram de ser construídos muros de contenção com pedras retiradas aos montes e quebradas em pedaços irregulares. Foram construídos muros de contenção contínuos, tendo em média mais de dois metros de altura.

Os terrenos foram escavados e aplainados em vários degraus formando terraços, denominados leiras, em Portugal. Estas leiras não têm mais de 10 metros de largo e dezenas de metros de extensão ao longo das encostas. Nas bordas, junto aos muros, foram plantadas videiras e árvores para as sustentar. O centro do terreno é sempre ocupado com o plantio de cereais, em geral o milho branco, com feijões pelo meio da seara.

Como o inverno no clima Mediterrâneo é muito chuvoso, com chuvas constantes e contínuas, às vezes durante mais de 20 dias sem parar, os muros são afetados. O encharcamento dos terrenos nas vertentes vai propiciar a queda de partes dos muros de arrimo. Logo que o tempo melhora, as rochas e o solo serão repostos no lugar. A isto, o povo denomina fazer um socalco, que é um remendo no muro.

No pequeno lugar em que morei houve pelo menos três grandes deslizamentos, palavra que só fui conhecer cursando Geografia, antes chamava queda de socalcos. Dois deles aconteceram antes de eu nascer, mas os efeitos ainda podem ser observados. Um foi na horta dos cortiços, até hoje metade dela tem desnível de mais de um metro. O terreno aluiu e deslizou sobre uma mina de água, o muro foi reconstituído, mas foi impossível repor toda a terra caída. O maior que se tem notícia foi no campo da eira do Chedas. O deslizamento provocou um sucessivo desmoronar de cinco campos, até ao Ribeiro da Berraria. Contava meu avô que o dono da propriedade, ele e Carneiro estavam se preparando para ir à festa de São Silvestre. Seu Zé do Chedas disse que não estava com vontade de ir, mas agora iria de qualquer jeito: “Não faz sentido ficar aqui olhando e me lamentando”. Posteriormente, parte dos muros foi refeita, mas milhões de toneladas do solo se perderam.

Na Agra, melhor campo da minha família, ocorreu a maior queda de socalco do meu tempo. O muro na parte sudoeste tinha mais de cinco metros

de altura, formando uma curva sobre uma propriedade vizinha. Deslizou um pedaço de mais de 10 metros de extensão, levando cerca de 10 metros de largura do solo. Meu avô ainda era vivo, foi um trabalho de mais de um mês na reconstrução, com seis pessoas trabalhando apenas com enxada, pá e picareta. Na época, se trabalhava praticamente pela comida, a diária seria agora de menos de dois reais ao dia. As pedras foram levadas na força muscular e, enquanto o muro estava baixo, a terra foi repostada, depois, não houve condição de a colocar para cima, pois não foi feito andaime ou rampa. Quem for hoje lá verá o desnível que ficou.

UMA FAMÍLIA DESTRUÍDA

Quando a filha Bernardina casou com José Maria, herdeiro de uma das melhores quintas de Vilarinho, seus pais ficaram orgulhosos. Nos primeiros anos, enquanto os sogros José e Deolinda estavam vivos, tudo ocorreu bem. Seu José, homem trabalhador e bom administrador, morreu cerca de 10 anos depois deste casamento, engasgado enquanto ceava. Por falta de conhecimento de primeiros socorros, distância, falta de meios de transporte, inexistência de telefone ou qualquer outro recurso de urgência, apenas existente na sede do Concelho, faleceu sem ser socorrido. A partir daí tudo mudou para pior.

Como José Maria tinha uma irmã casada com Celestino do Chedas houve a partilha dos bens. Como era tradição, o filho mais velho ficou com um terço e mais metade do restante da Quinta. A legislação portuguesa não obriga a ter um caro inventário, desde que os herdeiros estejam de acordo entre si, o que aconteceu.

O que o casal herdou era considerável: campos e leiras adjacentes à casa do Soutinho, com grande produção de vinho, frutas e milho; duas das melhores coutadas da freguesia, repletas de carvalhos centenários; e, fora isto, a casa, muito grande com eira, canastro e dois tanques enormes abastecidos por nascente de água encanada.

Logo após assumir, como dono da quinta, meu tio José Maria vendeu todos os carvalhos das matas para serem transformados em carvão. Arrecadou bastante dinheiro, que logo gastou em vinho nas vendas, pagando para quem aparecesse e emprestou para amigos de copo e caça, que jamais lhe pagaram. Continuou bebendo em excesso, endividando-se cada vez mais e acabou vendendo a quinta, que valia mais de mil contos, por apenas cem contos para um amigo de caça, o Zeca da Groba.

Com os cem contos fez uma casinha num terreno que restou. Dela se divisava a antiga propriedade. Quando se levantava de manhã, via o que foi seu e que perdera. Abandonado pelos antigos amigos, e com o corpo corroído pela bebida, entrou em depressão e morreu. Contavam as irmãs de Bernardina que, logo após o casamento, o marido e ela enchiam cada noite um garrafão de cinco litros, levavam-no escondido dos sogros para seu quarto e o bebiam inteiro.

José Maria era um homem bom. Teria eu 7 ou 8 anos. Ele e o filho

estavam a roçar mato no Fujo Velho e eu guardava as ovelhas e cabras de meu avô. Ele me viu, deu-me uma racha (pedaço) de bacalhau que tinha levado para lanche. Criança, aceitei. Ao voltar para casa com o rebanho, contei. Minha avó disse: –“não devias ter aceito, pois era a comida dele”.

A tia Bernardina visitava os pais e as irmãs com frequência e sempre levava alguma coisa para eles: cestos de ameixas grandes, brancas e vermelhas, maçãs camoesas ou pêsegos. Também foi devido a ela que provei queijo pela primeira vez, com 8 ou 9 anos.

Em uma de suas visitas, a mãe lhe deu um anho, como se chamavam os cordeirinhos: carregou-o às costas, sobre o ombro esquerdo, através das sendas e montes que levavam à sua casa. Estava grávida da filha Maria. Esta nasceu com o cabelo liso do lado direito e encaracolado feito lã de ovelha do lado em que sua mãe carregou o cordeiro. Assim permaneceu por toda a vida seu cabelo. Haverá explicação científica para isto?

Além de minha mãe e tia Bernardina havia mais duas irmãs solteiras. Quando as quatro se encontravam, na varanda da casa dos pais, falavam tão alto que, do lugar de Carreira, distante cerca de 2 km em linha reta, se escutava bem. Os moradores de lá faziam a previsão do tempo por este método. Quando elas se encontravam era sinal de chuva.

Morando no Brasil, minha mãe foi mais de uma vez visitar a irmã, em Portugal. Na última vez, encontrou-a debaixo da cama, após ter apanhado do filho. Quis trazê-la para morar no Brasil, mas ela tinha três filhas e preferiu ficar com elas. As filhas, que poderiam ter tido uma vida relativamente boa, padeceram pela vida de bebida que o pai escolheu.

O comprador da sua quinta, Zeca da Groba, tornou-se o homem mais rico da freguesia, pois tinha herdado a casa do Antunes, no Outeiro. Este e sua esposa Eva morreram sem filhos, e a sobrinha, casada com Zeca, herdou a melhor propriedade do Outeiro. José Maria morreu pobre e abandonado. Zeca morreu rico. Os dois amigos de caça estão enterrados no mesmo cemitério. A única diferença é que um tem um jazigo muito melhor que o outro. Mas na eternidade quem terá tido mais valor?

TRAVASSOS

Travassos, separada de Sobradelo da Goma pelo Rio Ave, é a freguesia mais famosa do município de Póvoa de Lanhoso, devido à ourivesaria, que a tornava conhecida em todo o norte de Portugal. No final da Segunda Guerra Mundial, foi construída neste rio, a pequena represa da Andorinha, para fornecer energia a algumas indústrias de tecidos a jusante. Entretanto, nossa aldeia, onde a barragem estava localizada, só foi ter luz elétrica 15 anos depois e mesmo assim somente no lugar de Varzielas.

Enquanto na nossa freguesia todos viviam da agricultura, em Travassos a maioria vivia do artesanato do ouro: filigranas, cordões, brincos, broches etc. Jovens de nossa freguesia começavam a estagiar lá, para poderem ter uma profissão menos desgastante e melhor remunerada que a lavoura

O pároco de Travassos, Padre Alberto, tinha fama de santo. Fundou uma organização religiosa para mulheres, semelhante a do Apostolado da Oração. A grande maioria era de beatas solteironas. Minhas tias e dezenas de mulheres da nossa freguesia pertenciam à irmandade. As que viviam mais longe eram minhas tias. Para ir à missa em Travassos demorava-se mais de uma hora. Para lá chegar, passava-se sobre a passarela para pedestres da barragem da Andorinha, no Rio Ave. Como de vez em quando me levavam, eu tremia de medo na travessia do rio, achando que iria cair na albufeira.

Padre Alberto era o confessor e conselheiro espiritual da “Santinha de Balazar”, Alexandrina, que ficou parálitica e não se alimentava, exceto da hóstia consagrada. Recebia mensagens de Jesus Cristo, não aceitava ajuda financeira de ninguém. Balazar é uma aldeia de Póvoa de Varzim e Padre Alberto ia confessá-la todas as semanas. Nunca fui lá, mas milhares de pessoas a iam visitar.

As tias iam à missa diariamente, às seis horas da manhã, chovesse, nevasse ou geasse. De tanto se ajoelhar, tinham uma pele grossa como couro, do tamanho de uma moeda grande nos joelhos, que assim permaneceu até o fim de suas vidas. Uma vez por semana iam à missa do Padre Alberto e tinham tanto fervor que acreditavam que sua irmandade é que estava salvando o mundo de uma catástrofe.

O fanatismo religioso pode levar à loucura. Padre Alberto morreu louco, embora como santo. Uma de minhas tias, minha madrinha, e várias beatas amigas dela também morreram loucas. A dedicação excessiva a uma

causa, mesmo religiosa, e o fato de guardar a virgindade para Deus, pois se consideravam esposas de Cristo, causou-lhes depressão e morreram com demência senil.

FISCALIZAÇÃO

Os montes eram divididos em dois tipos de propriedades: as cercadas por muros de pedra, denominadas coutadas, coutos ou tomadas, e outras, chamadas sortes, marcadas por marcos de pedra, que quase ninguém sabia de sua localização. Nas coutadas só os rebanhos dos donos podiam pastar. Nas outras, teoricamente, qualquer rebanho do lugar poderia pastar. Tanto umas como as outras estavam ligadas a certos campos de cultivo e quando o campo era vendido, a sorte ou a coutada o acompanhava.



As vacas pastavam nos campos de cultivo ou nas coutadas e os rebanhos de ovinos e caprinos pastavam nos montes afastados das casas. Havia pastores profissionais que levavam os maiores rebanhos para as serras. Estes pastores vinham de manhã, antes de o nascer do sol, tocavam um búzio ou buzina marinha e juntavam os rebanhos de várias casas, trazendo-os à noite. Dizer pastores profissionais era exagero, pois ganhavam um pedaço de pão diário, duas camisas, duas calças e um par de tamancos por ano e nada mais.

O rebanho de meu avô era pequeno, por isso quem o guardava era eu ou uma das filhas solteiras. Não havia noção de propriedade montanhosa, pois, para chegar à própria, tinha-se, forçosamente, de passar pela de outrem. Havia entre os vizinhos uma solidariedade socialista. Mas o mesmo não ocorria com o governo.

Um dia, estava com o Neca do Barreiro guardando as ovelhas. Era costume sempre os pastores juntarem os rebanhos para compartilhar a segurança, pois todos tinham medo do lobo, além de ter alguém para conversar. De repente, apareceram, naquele fim de mundo, que a ninguém interessava, pois só havia mato espinhoso e penedos, dois policiais ou guardas municipais. Perguntaram-me a quem pertencia aquela sorte, e eu lhes disse que não sabia. Neca, que era mais velho 4 anos que eu, devendo ter doze ou treze

anos, disse: – “é dos Debaixo”. Que era a menor quinta do lugar. Lavraram uma multa elevada e meu tio teve de pedir ao pároco local para intervir, pois o presidente da Câmara ou prefeito também era padre.

Um governo que nada fazia pelos agricultores ou trabalhadores, satanizava os comunistas e agia pior que estes, pois se considerava mais dono que os próprios proprietários. A propriedade privada nada valia, pois acima do dono havia o governo, que dizia como e quem poderia utilizá-la. Extorquia os agricultores cobrando a décima, ou 10% de tudo o que produziam. Os caminhos eram consertados em mutirão pela comunidade, não havia atendimento sanitário, água encanada, luz elétrica ou telefone. A escola pública só ia até o 3º ano primário. O padre era mantido pelos paroquianos.

As pessoas tinham tanto medo da polícia que, por vezes, os guardas passavam pelos lugares e pediam a alguém para assinar a constatação de que eles estavam trabalhando e todos diziam que não sabiam escrever. Eu mesmo tinha tanto medo deles como, dizem, “o diabo tem da Cruz”.

O governo tudo sabia, através dos padres e dos professores. Os padres, porque todos se confessavam; as mulheres, principalmente, que contavam a vida de toda a família. Embora teoricamente o segredo da confissão seja um dos dogmas mais exigidos pelo papado, na prática isto não ocorria. Até se alguém não votasse no candidato do governo, através da confissão da mãe ou da irmã o fato era repassado às autoridades.

O PINHEIRAL

Quase todas as aldeias do norte de Portugal tinham uma mata de pinheiros, que não excedia a 2 ou 3 km², mas provia de madeira e lenha bastante gente. Até a década de 1970, dificilmente aconteciam fogos nessas matas, embora o pinheiro, devido à resina que segrega, seja altamente inflamável. Todavia, como toda a agricultura utilizava a compostagem como adubo, o terreno era roçado com frequência e o mato estava sempre baixo. Como o fogo se propaga pelo chão, não me lembro de ter observado qualquer incêndio florestal.

Atualmente, mãos criminosas, com interesses econômicos, ateam fogo às matas. No ano de 2008, estando em Portugal, pude observar de nossa



casa, que fica na montanha, 14 incêndios florestais simultâneos. Os pinhais estão sendo paulatinamente substituídos por eucaliptos, mais resistentes ao fogo, pois suas sementes vêm dentro de uma cápsula que estoura com o calor intenso, propagando as espé-

cies. O eucalipto é árvore exótica à Europa e esgota o solo. Os pinheiros, uma vez ardidos, não brotam de novo, os troncos ficam escurecidos e morrem. Disto se aproveita a indústria de laminados e aglomerados para os comprar por preços ínfimos.

A quinta de meus avós tinha um pinheiral de pequenas dimensões, num lugar chamado Barbeito. Junto dele existiam quatro leiras, um olival e dois pequenos campos onde se plantava centeio, que é um cereal rústico capaz de produzir em terras de sequeiro. A falta de água de regadio dificultava o cultivo de milho, principal cereal cultivado no norte de Portugal. Tínhamos também na área um pequeno carrasqueiro com cerca de 3.000 m² cuja lenha era utilizada para uso doméstico.

O pinhal tinha alguns milhares de pinheiros bravos de tamanhos di-

versos. Era através da venda de 50 a 100 pinheiros anualmente que meu avô conseguia algum dinheiro para a manutenção da família e o pagamento dos impostos abusivos. O comprador marcava os pinheiros a serem cortados e depois os retirava com mínimo dano aos pinheiros menores.



Todos os pinhais da região eram constituídos da espécie denominada pinheiro bravo, de madeira macia e ótima para construção e móveis. Deve-se lembrar que na Europa não dá cupim. Outra variedade, conhecida como pinheiro manso, com copa parecida com a da araucária ou pinheiro do Paraná, era pouco difundida na área. Sua madeira é mais consistente e produzia pinhões maiores, que eram comercializados.

Os pinhões do pinheiro bravo vêm dentro de uma pinha menor que a do pinheiro manso e são muito pequenos. Quando a pinha amadurece, abre-se, e

os pinhões têm uma espécie de asa, que faz com que o vento os disperse para longe. É desta maneira que acontece a propagação da espécie. Os pinhais vão aumentando sua superfície incorporando as terras vizinhas.

As pegas, pássaros da família do corvo, com penas pretas e brancas ou azuis e brancas, só nidificam em pinheiros e, exceto alguns gaios e águias, eram os únicos pássaros a aí fazerem seus ninhos. Estas coníferas, apenas têm ramos nas copas. Conforme crescem, vão perdendo naturalmente seus galhos inferiores. Conforme se tornam adultas se lhes podam os rebentos, para seu tronco não apresentar nódulos que desvalorizem sua madeira. Era difícil descobrir ninhos de pegas.

Nos grandes pinhais se extraía a resina, com cortes no tronco semelhantes aos das seringueiras e se colocavam vasilhas de barro para apará-la. Esta resina era vendida para a indústria que a processava produzindo breu, terebintina e óleos essenciais. As folhas dos pinhais, perenes, tipo agulhas, eram utilizadas para forrar armários das cozinhas e também, na época de nevoeiros de primavera e verão, para queimadas como defumador para afastar doenças, segundo a lenda popular.

Para todos os agricultores da região o dinheiro era escasso. O milho era para consumo próprio e o azeite e o vinho, quando se vendia algum, tinha-se de lhes restringir o consumo. Como sabemos, o agricultor é o primeiro

elo de comercialização, e, quando vende seus produtos para o comércio ou indústria, vende-os baratos. Já quando compra alguma coisa para alimentação, vestuário e mobília, ele é o último elo, já passou pelo produtor, distribuidor e comércio, onde todos precisam ganhar. Em outras palavras, o agricultor vende barato e compra caro.

Os produtos que entravam lá em casa eram entre outros: bacalhau, sardinhas, arroz, açúcar, sabão em barra e cevada como substituto de café. Roupa, apenas uma por ano. Quase todos só tinham uma roupa domingueira e duas para uso no campo. Carne de boi, só se comia quando uma vaca ou boi de algum vizinho sofria um acidente e toda a freguesia se cotizava para comprar um pedaço de carne do animal.

MISSAS E TERÇOS

Numa sociedade sem luz elétrica, telefone, rádio e sem ao menos um automóvel, ir às missas e aos terços de domingo eram o principal acontecimento social da população. Cabia aos paroquianos a manutenção econômica do pároco de qualquer freguesia. Nossa freguesia era uma das mais populosas do Concelho ou Município. Essencialmente rural a região, na época das colheitas, todos os agricultores contribuía com o dízimo em colheitas. Conforme a produção das quintas contribuía-se com milho, vinho, azeite, centeio e feijão.

A casa paroquial, situada ao lado da Igreja, tinha arcas para receber os cereais e vários pipos, ou grandes barris para depositar o vinho. O azeite costumava ser depositado em ânforas de barro. Minha família contribuía com cerca de dois almudes de vinho. O almude correspondia a cerca de 30 litros. Um cântaro de azeite, isto é, 12,5 litros, cinco rasas de milho e uma de centeio. A rasa é uma antiga medida correspondendo a 13 litros.

Como a freguesia tinha mais de 100 quintas, o padre vendia uma parte substancial dos produtos. Outra medida usada, mas para comprimento, era a vara, que era cerca de um metro e 20 centímetros, e a braça, correspondendo a braços abertos de um homem, medindo cerca de 2, 20 metros. Ainda é usada no meio rural.

Todos os dias havia uma missa às seis horas da manhã. No verão, amanhecia às 5 horas, mas, no inverno, às 7h e 30 minutos ainda estava escuro. Entretanto, nunca havia menos de 50 pessoas na missa, quase todas mulheres que comungavam diariamente e depois iam trabalhar nos campos e fazer os serviços domésticos. Minhas tias nunca faltavam à missa. Aos domingos, havia a missa das seis e a missa de dia, começando 9 horas da manhã. Quem não ia à primeira, ia à de nove horas. Era nelas que os moradores colocavam as conversas em dia, e muitos homens aproveitavam o final para irem até as tascas tomar uns copos de vinho. Ninguém trabalhava aos domingos, exceto para alimentar o gado ou, quando no verão, regar os cultivos. O lazer era jogar malha, namorar, ficar nas tascas bebendo ou ir a uma festa de um santo em outra freguesia ou município.

Os terços, realizados após a catequese, ocorriam às três horas da tarde. A Igreja ficava cheia, com mais de 100 pessoas. Duravam cerca de uma hora. Quando era inverno, já terminavam na escuridão e havia necessidade

de lumieiras, para não se cair nos caminhos e quelhos irregulares. Quando saí para o Brasil, já havia eletricidade e rádio perto da Igreja, e os jovens preferiam ouvir os relatos de futebol, ocorridos à mesma hora.

Quando voltei a Portugal, após 25 anos no Rio de Janeiro, a frequência às missas havia diminuído em mais de 50% e os terços em cerca de 80%. Os meios de comunicação e as facilidades de locomoção tornaram a população menos religiosa, menos crente e mais liberal em termos de comportamento.

PÁROCOS

Conheci apenas três padres comandando a freguesia em mais de 60 anos. Quando era criança, padre Guilherme é quem me batizou e permaneceu até eu ter 5 ou 6 anos. Pouco posso falar sobre ele, exceto que era irmão de um dos donos da Confeitaria Colombo, do Rio de Janeiro. Saiu de nossa aldeia e foi ser pároco na sua terra de origem, a pouca distância de nossa freguesia. Ao contrário de seu irmão, não enriqueceu. Agora, perante Deus, qual teve mais valor? Pois nada nos pertence nesta vida, onde estamos de passagem.

Tinha eu cerca de sete anos quando aportou em Sobradelo da Goma o padre Albino. Recém-formado, pleno de energia e prepotência, como a maioria dos jovens que saem das Universidades, julgava que o mundo girava em torno dele. Chegou à freguesia dando ordens a todos. Como a maioria era analfabeta, obedecia. Mas ele extrapolava, chegando a brigar fisicamente com paroquianos.

Murmurava-se que padre Albino tinha tido relações sexuais com as jovens da Juventude Operária Católica. Foi acusado de ter engravidado a Odete do Alcouce, que teve um filho deficiente. Negou. As beatas, incluindo minhas tias, o defendiam com unhas e dentes. Ainda não havia exame de DNA. Mas, tantas fez o moço que a Cúria o transferiu para o Concelho de Amares, onde faleceu com mais de 80 anos.

Como não havia luz elétrica, não existiam campainhas e as pessoas batiam na porta das residências. Em uma homilia ouvi: – “Estas mulheres ficam batendo na minha porta, pensando que estão batendo na porta de um moinho!”

Na Páscoa, é costume na região do Minho a imagem do Cristo Resuscitado ser levada a todas as residências pelo Pároco, carregada pelo mordomo da festa do Senhor, e acompanhada pelo sacristão e ajudantes da missa. As famílias esperavam ajoelhadas a bênção do sacerdote. Se, por qualquer motivo, a família tivesse deixado de pagar o dízimo, a procissão passava de frente da casa sem entrar, deixando a família humilhada e crianças e mulheres chorando.

O padre Aquilino o sucedeu. Homem amável e equilibrado. Permaneceu mais de 50 anos na freguesia. Trabalhou por seus paroquianos, conse-



Padre Aquilino, no aniversário de 60 anos de casamento de meus

poder aquisitivo era imensamente maior do que nos anos 1950 e 1960. Quase todos seus paroquianos o amavam e, ao que se sabia, jamais se meteu em confusões. Cheguei a ajudá-lo em suas missas, quando estava de férias do Seminário.

guindo várias melhorias. Claro que a época era outra. Toda a freguesia tinha luz elétrica, telefone, e os caminhos e carreiros viraram estradas asfaltadas. Muitas pessoas possuíam automóveis, e o



Aniversário do Pe. Aquilino (à esquerda), um padre amigo, e eu, ao fundo, no Restaurante do Gerês*.

* Gerês - Parque Nacional Peneda-Gerês, único Parque Nacional de Portugal, situado entre o Nordeste do Minho e Trás-os-Montes, estendendo-se pela Galiza. É considerado pela UNESCO como Reserva Mundial da Biosfera.

ARAR OU LAVRAR OS CAMPOS

O arado é um instrumento de madeira e ferro, utilizado na agricultura para preparar e revolver o solo antes da sementeira. Arar descompacta e



aumenta a porosidade que favorece o crescimento das plantas. Favorece a infiltração de água no solo e a aeração e permite melhor arejamento do mesmo, possibilitando o desenvolvimento de organismos úteis, como as minhocas. Expõe o solo à ação

do sol, ajudando a aumentar a temperatura e apressar o degelo. Ainda enterra restos de cultivos agrícolas anteriores, esterco e ervas daninhas existentes.

O arado surgiu possivelmente na Mesopotâmia, mas o arado tradicional, puxado por animais, procede do arado romano. Consta de uma rabiça de madeira (para guiar), uma lâmina de ferro para revolver o terreno e ainda uma roda de ferro na extremidade dianteira para facilitar os movimentos. A ele é atrelada uma junta de vacas ou bois, unidos por uma canga ou um jugo. Esta era colocada no que chamavam de cachaço (pescoço) das vacas, para que seu ritmo de caminhar fosse uniforme. Na região, as vacas eram mais utilizadas, pois produziam bezerros que eram vendidos, ajudando a economia dos pequenos agricultores.

Lavar os campos para semeadura era tarefa dos homens e, em geral, o dono ou um de seus filhos é quem realizava a tarefa, que necessitava de relativa força física. Um ou uma adolescente conduzia as vacas num ritmo lento. Um sulco era aberto na ida e depois, chegando ao fim do campo, voltava-se, abrindo outro sulco na mesma direção. Ao revolver a terra, formavam-se torrões ainda compactos e toda a família, munida de sacholas, os desmembrava, conforme a terra era lavrada. O trabalho ia de sol a sol, isto é, começava ao amanhecer e terminava ao anoitecer. Havia uma parada para o almoço, geralmente em casa, ou, quando o trabalho era longe, no próprio campo. Era também oportunidade para alimentar e dessedentar os animais.

Após lavrado o campo e parcialmente destorreado, passava-se a gra-

de para um destorroamento maior. Depois, era a hora da semeadura de milho e feijões. Esta podia ser feita por uma única pessoa ou mais de uma. Neste caso, dividia-se a propriedade para não haver superposição das sementes. Isto feito tornava-se a passar a grade, que era um instrumento de madeira com vários pinos que uniformizava o terreno e também enterrava as sementes. Terminada esta etapa, o campo era dividido em leiras por sulcos, para que, na época de regar, a água pudesse chegar a todas as partes do terreno.

Daí a alguns dias, o milho começava a brotar e, com ele, também as ervas daninhas. Era hora de sachar, isto é, retirar estas ervas e o milho que nascesse colado a outro, roubando deste a energia. Fazia-se isto com a sachola e toda a família, até as crianças de mais de sete anos, participavam. Trabalho cansativo e repetitivo, mas necessário. Daí a quinze dias repetir-se-ia o processo e dava-se a primeira rega. As canas do milho iriam servir de suporte para os feijoeiros, que amadureciam mais cedo. Regar-se-ia o campo uma vez por semana. Quando as espigas brotavam e da palha do milho brotava um pendão, algum adulto percorria o campo, cortando o pendão para alimentar o gado nos estábulos. Esperava-se amadurecer a espiga para fazer a colheita.

FUNERAIS

Ter uma vida longa era exceção até a década de 1960. Morria-se por doenças banais, hoje controladas. A tuberculose era a que mais matava. Dizia-se que, quando uma criança tinha os dedos longos, certamente contrairia a doença. Aos 50 anos, as pessoas estavam envelhecidas, fruto de má alimentação e trabalho excessivo na lavoura. As crianças morriam como moscas. Lembro que, na véspera de completar sete anos, ia para o catecismo e o sino tocava pela morte de uma criança. O badalar do sino de crianças até sete anos (anjos) era suave e delicado; já o de adultos era profundo e lúgubre. Pensei algo que só uma criança boba pensaria: se morrer amanhã os sinos já não vão tocar alegremente, lamentava.

Quando alguém falecia, era velado na própria casa. Não havia atestado de óbito, pois só havia médicos na vila e cobravam caro para se deslocar às aldeias. No velório, juntava toda a família, vizinhos e conhecidos. Era uma gritaria medonha. Toda a freguesia e aldeias vizinhas sabiam do acontecimento e vinham. Antes de falecer, o pároco dava a extrema unção, hoje chamada unção dos enfermos. Era o último sacramento da Igreja, e tinha como objetivo obter a graça do Espírito Santo que libertava a alma dos pecados, para partir para a casa do Pai ungido pelos óleos santos. Não era admissível alguém partir para a eternidade sem este sacramento.

Ainda competia ao pároco quem levantava e acompanhava o féretro. Chegando à casa do falecido, orava por ele junto aos presentes, e fechava o caixão. Pelo menos quatro homens o pegavam pelas alças e o levavam até a Igreja. Havia o revezamento durante o percurso pelos caminhos ruins da época. Lugares como Igreja Velha ficavam a mais de 4 km de distância. Ninguém da família acompanhava o cadáver. Todos ficavam chorando e gritando: – “Ladrões, que levam meu pai, mãe etc.” Até que um dia, um padre falou: – “Ladrões não”. E mandou devolver o morto à família. Esta pediu por amor de Deus que o levassem. A família só saía de casa na missa do 7º dia. Minha avó falou para as filhas: – “Não vão me deixar queimando no purgatório por uma semana. No dia seguinte, vão à missa”.

O cortejo era acompanhado por uma multidão e por inúmeras bandeiras de congregações religiosas, não apenas da paróquia, mas também de paróquias vizinhas. Uma vez na Igreja, o padre celebrava a missa de corpo presente, sem a presença da família. Terminada a missa, o cortejo se dirigia

ao cemitério para o enterro e, uma vez mais, o padre fazia alguma oração, antes de baixar o caixão à terra. Ao completar uma semana, havia a missa de 7º dia. Aí toda a família comparecia e recebia os pêsames.

À época, só dois ou três jazigos eram particulares. Todo cemitério era comunitário, porém dividido: 1/3 era dedicado aos anjos, (crianças mortas com menos de 7 anos). Num canto, não consagrado, estavam os suicidas (muito poucos), que não tinham direito a cortejo fúnebre, nem à missa de 7º dia, pois iam direto para o inferno. Nunca seria celebrada uma missa, nem rezada uma oração por eles. As crianças nascidas mortas também ocupavam um local não consagrado. Iam para o limbo, que era um lugar escuro para onde ia quem não fosse batizado. Foi o Papa João Paulo II, que teve uma irmã natimorta, que nem enterrada foi e que foi jogada no lixo, que acabou com a noção de limbo.

MEMÓRIAS DE UM VELÓRIO

O senhor Manuel faleceu em casa, como acontecia com quase todas as pessoas da freguesia. Já tinha quase 80 anos. Imediatamente, todos choram em altos clamores. Um parente lhe dá um banho e veste-o com suas melhores roupas que, aliás, eram as únicas não remendadas. Calça-lhe os sapatos pois, ao contrário do que ocorre no Brasil, o defunto é enterrado com sapatos ou botas. O papa-defuntos local, já esperava que isto acontecesse, e em breve chega com o caixão.

É um mistério de como, numa comunidade sem telefone, automóvel ou outro meio de comunicação, as notícias se espalhavam tão rapidamente. Daí a pouco, toda a freguesia e parentes de locais distantes começavam a chegar. Todos choravam em altos berros. Com a chegada da noite todos se acalmavam. Sob a luz bruxuleante de uma candeia a querosene ou azeite, a família, vizinhos e curiosos se dirigiam para a cozinha onde o lume ficava aceso a noite inteira aquecendo o ambiente, enquanto o corpo repousava solitário sobre uma mesa na sala.

Na cozinha, os homens jogavam sueca, para fazer o tempo passar. Uma dupla ganha a primeira partida: “o primeiro milho é dos pardais”, retrucam os perdedores. Enquanto isso, alguém vai ao pipo de vinho com uma caneca (jarro, no Brasil) e enche os copos dos vigilantes: este ritual repetir-se-á várias vezes. Pão de milho com chouriço ou carne de porco crua e salgada, serve para acompanhar a bebida. Não se chora nem se dorme. De vez em quando se faz uma oração próximo ao cadáver.

Amanhece, e, como por encanto, parentes de freguesias distantes e mesmo de municípios circunvizinhos aparecem vindos a pé por caminhos e trilhas de difícil acesso. Lembram aspectos da vida do falecido. Sua primeira namorada foi a Mariquinhas do Crasto. Ficou solteira, tornou-se beata, não faltava à missa nunca, nos 365 dias do ano. Também os homens ficaram escassos. Todos emigram e mais de 50% das mulheres ficam solteiras. Entra o sapateiro, olha o corpo e vê que os sapatos dele são os mesmos em que botou meia sola e umas tombas (remendos). Pensou: “ficaste-me a dever o conser-to, perdi!” Um parente de Vieira chega e fala: – “como podador e vindimador não havia quem lhe chegasse aos pés”. Alguém acrescentou: – “roçava um carro de mato em menos de uma hora”. Não perdia uma festa de São Torcato ou São João. Sempre levava a concertina e era a alegria de todos. Diz al-

guém: –“Trabalhamos juntos quando o salário de um operário era apenas um tostão, tempos difíceis! Lembras daquela briga na feira da ladra? Sendo um dos melhores jogadores de pau, botou mais de 10 para correr. Também era bom caçador de coelhos e perdizes. Aos domingos, sempre havia carne para a família. No início de novembro, era sempre chamado, pois era o melhor matador de porcos.”

De repente, chega o senhor abade com seu séquito, para retirar o corpo e levá-lo para a missa de corpo presente, na Igreja, distante 4 ou 5 km. O clima esquenta de vez. Como é costume, a família não irá ao enterro nem à missa. Aliás, permanecerá reclusa por uma semana. A algarra é imensa, com choro pungente de toda a família. Gritam a plenos pulmões: “ladrões, que nos roubam nosso pai” (ou avô). O senhor abade tem vontade de retornar com o corpo no caixão, mas não o faz. De repente, aparecem cerca de 20 bandeiras das várias confrarias religiosas a que ele pertencia. Ou alguém da família o fazia. Confraria da Santíssima Trindade, do Sagrado Coração de Jesus, Filhas de Maria, Juventude Operária Católica. Do Concelho de Vieira vem a Associação de São Silvestre e a Confraria de Santiago de Guilhefrei. De Guimarães, vem a Confraria de São Gualter; de Fafe, a Confraria de São Miguel do Monte; de outras freguesias vizinhas do município chegam bandeiras das Confrarias de Nossa Senhora de Fátima, de Nossa Senhora da Conceição, de São Bartolomeu etc.

O corpo é carregado nos ombros de quatro homens, que se revezarão pelo caminho. Mais de 200 pessoas acompanham o féretro. Nos próximos dias, todos comentarão o grande cortejo e o sucesso dele. Familiares, vizinhos e conhecidos enviarão cartas ao Brasil contando como o senhor Manuel era querido. Antes, porém, de abrir a correspondência, saberão que ele faleceu, pois as cartas têm uma tarja preta em toda a volta. Finalmente, o cortejo chega à Igreja, o corpo é colocado sobre a eça e é celebrada a missa de corpo presente. Na homilia, o senhor abade exaltará as qualidades religiosas do falecido que, sem dúvida, foi para o céu, onde gozará da presença de Deus e será recompensado pela vida laboriosa que teve na Terra. Muitos dos presentes chorarão e todos rezarão por sua alma que, nessa hora, se encontra no paraíso.

Após o término da Santa Missa, o corpo é retirado da Eça por quatro homens que o levam ao cemitério, distante cerca de 100 metros da igreja. Como sempre, o pároco irá junto, assim como as 20 bandeiras das várias associações ou confrarias religiosas. Ao contrário do que ocorre no Brasil, a cova é funda, tendo realmente sete palmos de profundidade. Quase nenhuma sepultura é de propriedade particular, mas durante sete anos nenhum outro

corpo aí será sepultado. O povo se afasta rezando e chorando. Como foi dito anteriormente, nenhuma pessoa da família compareceu ao cemitério, porém, após a missa de sétimo dia, depositarão flores em sua campa e aos domingos repetirão o ritual. Além disso, durante muito tempo serão celebradas missa por sua alma. Sua família direta: filhos, irmãos e cunhados vestir-se-ão de preto durante um ano. Já a esposa ficará de luto até o fim de sua vida.

O ATO DE ROÇAR O MATO

Um arbusto espinhoso, característico de solos pobres em cálcio, também denominado tojo, é o mato tradicional das regiões graníticas montanhosas da região mediterrânica. Mais de 90% do mato roçado, na região do Minho, era deste vegetal. Além dele cresciam, e ainda crescem, nos montes desta área: urzes (érica) nos lugares mais elevados; fentos comuns, que são as nossas samambaias, sendo ótimas para estrume por não serem lenhosas; torga, planta lenhosa sem espinhos, que cresce colada às rochas ou rente ao chão e que muitas vezes arranquei e trouxe para queimar no lume no inverno; trovisco, planta tóxica, que os aldeões relacionavam à presença de águas subterrâneas e soube que infelizmente é usada para dizimar gaios, pardais e melros, cozinhando-o com grãos de milho depois espalhados nos campos de cultivo; erva comum (capim), que crescia ralo nessas montanhas de solo pobre; e giestas, usadas como vassouras, antes da chegada da piaçava e que não existiam nas vertentes da Igreja Velha e íamos buscá-las em Deva, encosta de Vilarinho, voltada para o norte e com mais umidade. Silvas são vegetais que crescem nos vales e talvegues. São muito espinhosas e dão como fruto amoras silvestres que, por vezes, matavam nossa fome. São da mesma família da roseira.

O gado bovino somente comia as herbáceas. As cabras e ovelhas se alimentavam de todas as outras plantas, mesmo as espinhosas, exceto o trovisco. Todos os montes eram roçados constantemente com a enxada e o mato carregado em carros de bois, levado para forrar as cortes ou estábulos onde o gado pernoitava e aí tinha suas atividades fisiológicas. Pelo menos de três em três meses, havia de se colocar nova camada de mato sobre a anterior, já semicurtida. Na época de lavar os campos, se espalhava sobre o solo, como único adubo que se usava.

Quem hoje observa o mato alto, não tem ideia de como ele era escasso para os agricultores até cinquenta anos atrás. Os montes estavam sempre roçados e aos vegetais não tinham mais de meio metro de altura. Por vezes, comprava-se um lote de mato dentro da propriedade de um vizinho. Lembro que, escasseando o mato de minha família, meu tio pediu ao cunhado do Soutinho, uma parcela de cerca de 20 por 50 metros. Estava de férias do seminário e fui com Avelino do Quelho roçá-lo. Ele, embora um pouco mais novo, era melhor que eu, pois nunca tive grande aptidão para o trabalho bra-

çal. Mas, enfim, demoramos um dia para realizar o trabalho. Só paramos para ir almoçar. Água, bebíamos no ribeiro vizinho, na época não poluído.

Outro episódio que lembro foi no Vale Grande: eu e as tias íamos para ajudar a carregar o mato roçado para o carro de bois. Lá pelas tantas, apareceu um sujeito chamado Catrina, parente da esposa de meu tio. Veio de Guilhefrei pedir a concertina (sanfona) do tio para uma festa em homenagem a Santa Catarina, padroeira da localidade, e cujo nome a família dele herdara. Sua filha tinha emigrado para o Brasil e lhe enviado várias calças masculinas usadas. Naquela época de vacas magérrimas era comum reaproveitar roupas usadas e adaptá-las à sua silhueta.

Esse tempo, não tão distante assim, parece de um mundo perdido. Existiu e contribuía para que não houvesse incêndios florestais, pois o substrato estava sempre limpo, o que não ocorre agora, num mundo mecanizado e que a utilização do adubo verde e compostagem é apenas uma lembrança de um tempo que se perdeu na memória.

O LAZER DOS CAMPONESES

Todas as comunidades precisam alternar o trabalho com períodos destinados à diversão e descanso mental. As oportunidades de lazer, nessas terras montanhosas, sem luz, telefone, rádio, de maioria analfabeta, com trabalho de sol a sol, eram poucas, mas todos as aproveitavam ao máximo. Posso afirmar que o povo era bastante feliz e alegre. A missa de domingo, ao mesmo tempo em que era uma obrigação, tornava-se um local de encontro. No final, muitos homens iam para a



Jardim de Póvoa de Lanhoso



Castelo de Póvoa de Lanhoso, do qual só resta a torre de menagem, principal ponto turístico da região.

taberna próxima onde ficavam por algumas horas. Também aproveitavam para fazer algum pequeno negócio, ou marcar encontros. Os jovens tinham a oportunidade de conhecer alguém para namorar. As mulheres contavam os casos que lhes haviam acontecido. Muitas pessoas somente se encontravam neste local, pois a freguesia era espalhada por residências a vários quilômetros de distância umas das outras, ligadas por caminhos horríveis.

As feiras da Póvoa e também de Rossas e Vieira do Minho eram outro ponto focal. Eram nelas que se vendia ou comprava gado, levavam os porquinhos e galinhas para vender, compravam utensí-

lios agrícolas e iam passear. Minhas tias levavam quase todas as semanas duas dúzias de ovos, que vendiam. Dificilmente a família os comia, embora tivesse grande necessidade de proteínas. Iam e vinham a pé, como todos faziam. Ninguém tinha automóvel na freguesia e as caminhonetes só passavam na estrada 3 vezes por dia, fazendo o percurso de Braga para Cabeceiras de Basto ou Vieira, passando pela Póvoa de Lanhoso. As crianças, e havia muitas naquele tempo, esperavam que lhes trouxesse caramelos ou rebuçados ou um pão de trigo. Ganhavam a maioria das vezes um pedaço de pão de milho, que os adultos, sem dinheiro, lhes davam da própria casa.

Nas tardes de domingo, jogava-se malha nos adros das capelas ou em frente a tabernas, neste caso valendo vinho. As malhas eram redondas, de ferro e havia um marco de madeira ou ferro. Sempre dois jogadores (também se jogava em dupla), cada um com duas malhas, pesando cerca de 500 gramas. Um marco de ferro ou madeira era disposto a cerca de 10 metros de distância. Acertar o marco, derrubando-o, marcava 2 pontos e a malha que ficasse mais próxima do marco, um ponto. A rodada terminava quando um dos competidores atingisse 30 pontos.

De noite, principalmente nas noites frias, vizinhos jogavam sueca. A sueca é um jogo de cartas tipicamente português. Utiliza um único baralho, era o único jogo de cartas que se conhecia por lá. Realizado em geral na cozinha fracamente alumiada por uma candeia a querosene e aquecida pela lareira, jogava-se em duas duplas por várias horas. Sem ter nada para fazer, as crianças observavam e as mulheres faziam tricô e, por vezes, serviam vinho e chouriço cru aos competidores, mas raramente participavam do jogo. Contavam-se causos e assim o tempo ia passando. Havia ainda o jogo do pau, jogado por dois rapazes com um pau de lodo (madeira) de cerca de 1,5 metro. Além de ser arma defensiva, demonstrava a agilidade dos jovens competidores. Este jogo reproduzia as lutas da Idade Média e há similaridade com jogos japoneses.

AS REFEIÇÕES DOS CAMPONESES

Em fins da década de 1940 e toda a de 1950, comia-se pouco e mal nas regiões rurais portuguesas. As pessoas se alimentavam apenas dos frutos da terra.

A base da alimentação era o pão de milho, batatas, feijões, vinho, legumes e frutas da época. As refeições tinham nomes diferentes dos que se usavam nas cidades e que hoje se usam. O café da manhã denominava-se almoço e se restringia à infusão de cevada com pão de milho, no lugar do café, ou, para os homens, meio copo de aguardente, principalmente no inverno, e uma côdea de pão de milho.



A refeição do meio dia era chamada de jantar. Era a principal refeição dos camponeses. Nunca havia dois tipos de alimentos, o mais comum era feijões com couves, regados a vinagre e azeite, mas jamais levavam carne,



pois não havia dinheiro para a comprar. Batatas cozidas com casca em água e sal e comidas com molho de alho ou cebola, vinagre e azeite, ou milhos, que é a nossa canjiquinha, porém salgada. Os feijões ou milhos eram servidos em malgas ou pratos pela cozinheira. Já as batatas eram postas na

mesa num alguidar ou gamela e cada um ia se servindo num prato com molho de azeite, alho e vinagre. Arroz e macarrão apenas se comia em alguns

domingos, e aí eram cozidos com carne de porco ou chouriço. Quando se comiam batatas, aos domingos, eram cozidas com um pouco de bacalhau ou carne de porco.

O jantar, a que chamávamos ceia, era apenas um caldo de couves com feijões, sem qualquer tipo de carne. Na época de sua colheita adicionavam-se pedaços de abóbora verde. Como curiosidade: ninguém comia abóbora madura, ao contrário dos hábitos brasileiros; ela se destinava aos porcos. Muitas vezes, ao caldo verde adicionava-se farinha de milho, formando as papas, também base da alimentação vespertina dos camponeses. Outro item que fazia parte da ceia eram as sardinhas, vendidas de porta em porta pelas sardinheiras com um cesto à cabeça. Comiam-se com pão de milho e vinho tinto, mas cada pessoa comia uma única sardinha.

E os mais pobres, como se alimentavam? Quase todas as crianças e adolescentes tinham uma espécie de penugem no rosto, como fruto da fome. Muitas vezes vi famílias de Vilarinho de Cima e Cabanelas procurando labrestos e outras ervas no mato e campos, para fazer uma sopa sem nada além de água e capim. Tivemos um criado que veio trabalhar em nossa casa praticamente em troca de comida. Ele confessava que nunca tinha enchido a barriga de comida até trabalhar com meu avô. Hoje, quando vejo tantas críticas ao bolsa-família, sei que quem critica nunca soube o que é fome.

Como eram conservados os alimentos? Numa sociedade sem luz, é claro que não havia refrigeração. Desta forma, a conservação dos alimentos variava com o seu tipo e condições. O milho, principal cereal da região, era guardado depois de seco em espigas nos canastos e retirado conforme necessário. Já o centeio e feijões eram malhados para os retirar das espigas ou vagens. Bem secos, eram guardados em grandes arcas em lojas com pouca umidade, consumidos durante o ano todo. Batatas, eram guardadas nos sótãos, murchavam, mas ficavam comestíveis por vários meses. Para cebolas e alhos eram feitos cabos que nada mais eram que tranças com sua rama seca e palha de centeio. Penduravam-se na adega ou na cozinha e duravam o ano inteiro sem apodrecer.

A carne de porco era guardada em salgadeiras ou no fumeiro. Mataba-se o porco em novembro, quando a temperatura é por volta de zero grau. Este porco – ou os que tinham sido engordados durante dois anos no eido da casa –, após morto, imediatamente se lhe retiravam as vísceras e o sangue. Colocavam-no preso pelos pés numa trave onde ficava escorrendo o resto de sangue e outros líquidos por 48 horas. As tripas eram esvaziadas das fezes, lavadas e iriam servir para fazer os chouriços (linguiças) e salpicões (paio). O sangue era misturado à farinha e também se faziam chouriços de sangue.

Os chouriços, salpicões e eventualmente os pernis eram colocados numa roda, similar à das carroças, pendurados e elevados sobre o lume da cozinha para curtir e defumar. O toucinho ou bacon, a orelheira e pernis eram salgados para serem usados o ano inteiro. O salgamento era feito pelo dono da casa em uma salgadeira, que era uma caixa retangular de razoável dimensão. Na época, não havia sal refinado, todo o sal era grosso. O salgador esfregava com força sal com vinho tinto nas carnes. A salgadeira ficava na adega e o seu sal serviria também para temperar a comida do dia a dia.



O azeite era guardado em talhas ou ânforas capazes de alojar até 100 ou 200 litros. Estes recipientes também eram guardados nas adegas, como também o era o vinagre de vinho. As nozes e castanhas ficavam temporariamente no chão da adega, até serem consumidas ou vendidas.

As azeitonas, apanhadas nos dias gelados do inverno, permaneciam por até um mês nos cestos, até serem levadas ao lagar de azeite, quando fosse a nossa vez de as moer, uma vez que o lagar atendia aos lugares do Outeiro, Igreja Velha, Carreira, Alcouce e Berraria. Cabanelas não produzia azeitonas.

MOUTAS

O que hoje chamamos *bullying*, expressão nova de língua inglesa, mas aceita no Brasil e em Portugal, é algo que caracteriza coerção verbal, emocional ou física dirigida a outra pessoa. No passado, isto era chamado gozação, ofensa ou humilhação, mas, em geral, os pais não interferiam, e o ofendido reagia ou não, e nunca o caso ia parar nos tribunais. Era comum botar apelidos nos colegas ou conhecidos. Uns pegavam, outros não. Pegavam quando o alvo deste se irritava e se aborrecia. Quando não ligava para o que dissessem dele, o caso acabava por aí. Hoje, na ânsia de super proteger os filhos, familiares ou amigos, o fato toma proporções inimagináveis e muitas vezes o prejudicado é a própria criança que não aprende a reagir ou conviver com situações constrangedoras.



Na varanda da casa onde fui criado, com Tio Clemente e Tia Luiza

Deveria ter cinco ou seis anos, quando meu tio Clemente, a título de



Família Mouta: Eu, Emanuela, Tia Maria, sua neta Jéssica e meu pai, no quintal de casa.

gozação, colocou-me o apelido de moutas. Isto se devia a que eu era filho do Manuel da Mouta, que era a casa de meus avós paternos. Mouta é uma parede que suporta um campo ou eventualmente uma casa. Também pode se referir a uma pequena vegetação arbustiva. A casa de meus avós paternos tinha, e ainda tem, uma de suas paredes servin-

do ao mesmo tempo de parede da cozinha e suporte de uma horta. Daí o nome da casa da mouta.

Criado e educado na casa de meus avós maternos, via com preconceito a casa dos avós paternos. Achava Vilarinho um lugar feio e que eu morava no mais bonito da freguesia. A realidade é outra: Igreja Velha fica num vale cujo cenário é pobre; já Vilarinho fica na vertente de uma montanha com uma vista magnífica de uma vasta região.

Meus avós maternos e minhas tias repreenderam meu tio, mas, apesar disso, o apelido pegou e paulatinamente todos foram me conhecendo por moutas, tanto na escola como em toda a freguesia. Aos poucos, fui me acostumando com o nome e passei a vê-lo naturalmente e em nada me prejudicou na vida. Penso que poucos na freguesia sabiam o meu verdadeiro nome. Só quando fui estudar no Seminário, em Braga, é que passei a ser chamado de Veloso.

No Brasil, meu nome de guerra evoluiu de António, no colégio ou no Curso de Geografia, a Veloso, como professor da UFF, na Academia do Corpo de Bombeiros, no ensino médio do Estado da Guanabara, e na própria família, a ponto de uma vez telefonarem para nossa casa perguntando por António e meu filho, com cerca de quatro anos, responder que não havia ninguém com este nome. Ele também era Antonio Joaquim, mas só o chamávamos de Júnior, entretanto no colégio o chamavam de Quim.

DEFICIENTES

Se a vida para as pessoas comuns era muito difícil nos anos do pós-guerra, imagine como seria para quem tinha deficiência física ou mental. Lembro apenas de três rapazes: um, em Cabanelas, com deficiência mental, na época chamada de mongolismo, e hoje, de excepcional; um surdo-mudo, no Outeiro; e um com as pernas atrofiadas, em Várzeas. O preconceito era bem maior na época do que nos dias atuais, pois se acreditava que era castigo divino. Não havia escolas ou ajuda governamental, para minimizar os efeitos das deficiências.

O rapaz excepcional chamava-se Joaquim, filho de Firmino, que trabalhava como jornaleiro, o que, no Brasil, chamam de biscateiro. Era diarista nos campos de alguém e ainda consertava guarda-chuvas e pratos ou malgas (tigelas). Era época difícil e os pratos de porcelana, quando quebravam, eram emendados por grampos de arame na sua parte externa. Hoje parece ficção, assim como consertar guarda-chuvas. Por ordem do governo, Joaquim foi mandado para a escola. Sofreu o que hoje se chama *bullying*. Nas aldeias distantes se dizia: – “Dou-te um pontapé que te passo a meia língua”. Falou isso e ganhou o apelido de pasta a língua. O professor não sabia o que fazer com ele e mandou-me ensiná-lo a escrever. Eu estava na 4ª classe. Fui ensiná-lo e tentou me morder, sem o conseguir. Entretanto, um colega qualquer disse para o professor: – “Joaquim mordeu o Antônio”. Eu disse: – “ele não chegou a me morder”. Mesmo assim o professor lhe deu dois bolos.

Após 25 anos de estada no Brasil, fui a Portugal, em 1983. Joaquim tinha uma força descomunal. Os excepcionais têm dotes distintos dos nossos, vivem em mundos diferentes, mas são, realmente, uma exceção em alguma coisa que fazem muito bem. Quando fui à casa onde vivi, estava trazendo às costas um barril de 100 litros de vinho, cheio. Meu tio lhe perguntou: – “sabes quem é este?” Respondeu: – “é o Moutas”. Era o apelido que eu tive em razão de ser filho do Manuel da Mouta. Continuou: – “eu mordi-o na Escola”. Não foi verdade, mas ficou-lhe na memória aquilo que outros afirmaram ser. Nunca aprendeu a ler ou escrever, mas fazia trabalhos nos campos onde a força física era exigida.

O “aleijadinho” de Várzeas não me lembro de seu nome nem a que família pertencia. Tinha imensa pena dele, quando o via ir às missas aos domingos se arrastando por mais de 1.500 metros, em caminhos e carreiros hor-

ríveis. Alguém, talvez seus pais, lhe adaptaram uma espécie de tamanco às mãos, para não se ferir nas rochas e cascalhos. Subir a calçada que levava à Igreja, com ângulo de mais de 30°, e de pedras rústicas, era algo que doía o coração. No inverno, quando a geada tomava conta dos caminhos era um sofrimento só. Poderia ter sido diferente, se o governo se preocupasse mais com a população rural.

O mudinho, como as pessoas o tratavam, vivia no Outeiro, nunca soube seu nome, a família creio ser de sobrenome Bouças, tinha casa, atrás da família Rego. Quando a Virgem Peregrina veio a Póvoa de Lanhoso, suas irmãs ofereceram todas as jóias para que ele ouvisse e falasse. Em vão, esse escambo não sei se seria bem recebido por Deus. Viveu até idade avançada.

UM CONTO DA PÁSCOA

A Páscoa era a festa mais comemorada em Portugal. Enquanto o Natal era uma festa de reunião das famílias, a Páscoa comemorava-se abertamente com foguetes e música. O Natal ocorria em pleno inverno, já a Páscoa nos dias floridos da Primavera. Não era costume dar presentes no Natal, mas, na Páscoa, todos os padrinhos davam alguma coisa aos afilhados. Sempre recebia de meu padrinho e avô uma rosca grande de trigo, pesando mais de 500 gramas. Para quem comia diariamente pão de milho esfarelento, e por vezes duro e até mofado, comer pão de trigo era uma delícia que raramente acontecia.

Sábado de aleluia, bem cedo, eram soltos foguetes no adro da Igreja, rodeada por campos de milho. Quem os soltava era o senhor Abade, isto é, o pároco. Cada foguete era composto por um dispositivo de bambu, de uns 10 cm, com pólvora, enrolado com um cordel banhado em piche e uma cana da índia ou bambu de mais de três metros que lhe dava estabilidade para se projetar no espaço. Nós, os meninos, corríamos para apanhá-lo após a queda e levá-lo para casa como um troféu. Afinal, o cordel resistente dava para fazer fundas, para atirar pedras em grande distância, quando guardávamos os rebanhos nos montes, e o bambu, um bom cajado para guarda das ovelhas.

Nesse distante sábado de aleluia, 1º de abril de 1950, consegui o meu foguete, caído no milharal da Feliz, disputando-o com outros garotos. Levei-o para casa, embora sabendo que nada estava certo. Meu avô, no ano passado, tinha-me dado na Páscoa uma enorme rosca de trigo de Fafe, o melhor da região. Essa Páscoa ele passaria na cama. Já alguns dias antes, fortes dores nas pernas o faziam gritar o dia todo e o impediam de andar. Nos dias seguintes seriam chamados os médicos da Corredoura e da Póvoa. Conseguiram abrandar suas dores. Tomou muito soro, transfusão de sangue e outros procedimentos que eu não entendia. Minhas tias, quase todos os dias, após a missa de madrugada, iam à farmácia mais próxima, em Taíde, comprar remédios e todos rezávamos por sua recuperação.

Nesse dois de abril não ganhei minha rosca de Páscoa, mas fiz promessa de que, se ele ficasse bom, todos os dias que levasse as ovelhas para pastar, rezaria o terço, pelas almas do purgatório. Achava que elas, como estavam prestes a ir para o Céu, poderiam ajudar. Mas a saúde dele só piorava. Até que na véspera de seu falecimento, começou a falar, como se um mi-

lagre lhe tivesse devolvido a saúde. Ouvi-o dizer: – “As dores eram demais, então, quando eram da vermelhinha ou da Índia, eram insuportáveis”. O vocabulário dos camponeses era limitado e, por vezes, recorriam a figuras de linguagem, hoje em desuso. Passado algumas horas daquele despertar repentino da saúde, faleceria. Dizia-se que a saúde veio visitá-lo, até hoje isto acontece com muita gente.

Aquela Páscoa e dias seguintes foram dos mais tristes de minha vida. Afinal, desde a idade de um ano ele tinha cuidado de mim. Não entendia direito o que se passava, apenas sabia que nunca mais tornaria a vê-lo e a receber minha prenda da Páscoa.

ANTIGAS PROFISSÕES DAS ALDEIAS

Mesmo sendo sociedades pouco complexas e pré-industriais, havia necessidade de uma série de profissões ligadas a trabalhos agrícolas, para que as comunidades pudessem funcionar adequadamente. Além dos agricultores, que eram ao mesmo tempo pecuaristas, roçadores de mato, podadores das parreiras, sulfatadores, vindimadores e fazedores de vinho, e do padre e do professor, as duas mais importantes pessoas da freguesia, havia várias outras profissões, em tempo integral ou não.

Lagareiro, ligado ao lagar de azeite, pois o lagar do vinho é tocado pelos agricultores, era uma profissão temporária, dos meses de outubro a janeiro, quando as azeitonas eram colhidas. O lagar, onde as azeitonas eram moídas e o azeite era fabricado, exigia cerca de 8 a 10 homens trabalhando em turnos, pois o engenho funcionava dia e noite, interruptamente. A maioria era de jornaleiros que, no Brasil, chamar-se-iam biscateiros e que ficavam desempregados no inverno.

Moleiros, trabalhadores dos moinhos que funcionavam o ano inteiro, mas predominavam no verão, quando os moinhos familiares deixavam de funcionar por falta de água. Ainda eram denominados moleiros os que apa-



Sapateiro

nhavam os cereais nas casas e os levavam em burro ou mula aos moinhos e traziam a farinha de volta..

Sapateiros havia pelo menos três na freguesia. Raramente faziam sapatos ou botas, tinham muito trabalho em consertá-los. Colocavam meias solas, ou tombas, que eram remendos no calçado que, por vezes, duravam dez anos ou mais.

Ferreiro, só conhecia um na aldeia, e tinha muito trabalho na época de cultivo: refazia arados, enxadas, sacholas, tarraxas dos carros de bois e ferraduras de cavalos.

Carpinteiros, muitos deles eram verdadeiros artistas: faziam móveis,

carros de bois, portas, janelas, barris (pipos) e dornas para vinho. Também refaziam o madeirame dos telhados e soalho de quartos e salas, arcas para cereais etc.

Tamanqueiros, quase todos eram também barbeiros. Como o solado de madeira desgastava muito, em tamancos e chancas, eles os repunham com madeira de amieiro, extremamente leve e resistente.

Pedreiros e trolhas: quase sempre o pedreiro era um profissional classificado, denominado trolha, que seria nosso mestre de obras, pois além de trabalhar como cantei-

ro, ainda era pintor, caiador e marceneiro. Na reforma de igrejas, capelas ou solares, era quem fazia de tudo, acompanhado por um ou dois ajudantes jovens.



Costureiras

go que eram de algodão e que, por obra das costureiras, eram transformados em camisas e até vestidos para as crianças.

Cesteiros, só havia um em Varzielas, e, com galhos de vime e salgueiro, fazia cestos e cestas. Os cestos eram para transporte de legumes, uvas e até mato. Já as cestas eram providas de alça, para coletar as uvas ou frutas. Com auxílio de



Tamanqueiros

Alfaiates eram quem fazia os ternos ou roupa domingueira do sexo masculino, pois não se comprava roupa feita. Já as do sexo feminino eram feitas pelas costureiras, que também faziam as camisas dos homens. Lembro que, cada vez que um de meus tios voltava a Portugal levava sacos de farinha de tri-



Cesteiro



Sardinheiras

líquido e elas não tomavam banho, fediam a peixe, mesmo quando iam à missa.

Padeira era uma vendedora ambulante de pães de trigo. Como o pão comum era de milho, traziam da única padaria das vizinhanças o pão de trigo, consumido principalmente pelos doentes.

Jornaleiros não têm nada a ver com vendedores de jornais; o jornaleiro era um diarista de trabalhos agrícolas. Nas épocas da sementeira e colheita, havia necessidade de mão de obra extra ao grupo familiar. Contratavam-se pessoas com remuneração diária para ajudar nos trabalhos. Esta contratação poderia ser a seco ou não. A seco, significava sem comida ou bebida fornecida pelo “empresário”. Ainda se contratavam jornaleiros quando caía algum muro e era preciso recompô-lo. Criados, em geral menores de idade, contratados por ano pelos agricultores. Trabalhavam quase só pela alimentação, e ganhavam um par de tamanco, uma calça e duas camisas anualmente. As meninas iam trabalhar em casas da vila ou cidade, mas era também um trabalho semiescravo.

Latoeiro trabalhava com folha de flandres, fazendo cântaros para vinho, regadores de metal, almotolias (espécie de garrafa de zinco) e outras vasilhas de latão. Consertava alambiques e serpentinas de aguardente e ainda soldava canos de água que, na época, eram de ferro com solda ao longo de toda a extensão.

Ourives, desde há pelo menos dois séculos a vizinha Travassos era

escada, estas eram despejadas nos cestos, para serem levadas em carros de bois até o destino final.

Capador era um trabalho itinerante: percorria a freguesia e aldeias vizinhas para capturar os porcos.

Sardinheira, vendedora de sardinha a domicílio: andava por todos os lugares da freguesia, com um cesto redondo à cabeça, revendendo sardinhas ou xixarros pelas casas. Como do peixe escorria



Padeira

pólo de ourivesaria. A profissão começava a atrair jovens do lugar de Varzílias, separado pelo Rio Ave dessa freguesia. Cordões, brincos e outras filigranas de ouro, um artesanato que se iniciava em Sobradelo, e que hoje emprega muitos jovens.



Oleiro

Oleiro – havia apenas uma olaria, principalmente para elaborar cântaros, bilhas, ânforas e outros objetos de barro.

Caseiros, o caseiro em Portugal não tem a mesma função do que existe no Brasil. Caseiro era o que, no interior, é denominado meeiro ou parceiro, aquele que trabalha as terras de

outro, em troca de uma porcentagem das colheitas. Como a emigração para o Brasil era cara, a Europa do pós-guerra não oferecia empregos, além do crescimento vegetativo elevado, por não haver métodos anticoncepcionais, os casais mais pobres eram levados a trabalhar em terras que não lhes pertenciam. O dono da quinta fornecia casa, uma ou duas juntas de vacas, um carro de bois, arado, e outros utensílios agrícolas, além de sementes. O casal e seus filhos trabalhavam as terras e ficavam com 50% das colheitas, em média; para vinho e azeite esse percentual era cerca de um terço para quem trabalhava. Havia quem tivesse mais de um caseiro. Com a entrada de Portugal para a CEE, os caseiros foram trabalhar no exterior, muitos campos de cultivo viraram matagais e outros passaram a ser trabalhados com máquinas agrícolas.

Vendeiros e taberneiros: numa região pobre, o comércio faturava muito pouco, mas era necessário para compras do dia a dia. Havia cerca de 8 vendas e apenas uma delas não funcionava como taberna,



Taberneiro

isto é, vendia bebidas, na época apenas vinho. Café, arroz, açúcar, cevada, sabão em barra e bacalhau eram os produtos vendidos. Nas tardes de domingo, homens e rapazes paravam para tomar um quartilho ou meia canada de vinho tinto, acompanhado de bacalhau ou chouriço de porco. Por vezes, jogavam malha ou sueca e quem perdia pagava as despesas.

Coveiro e sacristão não chegavam a ser profissões, pois não eram remunerados. O coveiro era um homem da comunidade, trabalhador agrícola que, quando alguém falecia, era chamado para o enterro. Recebia um *pró-labore* insignificante da família do morto. O sacristão era um rapaz, morador próximo à Igreja, que tocava o sino, convocando para as missas e terços. Eventualmente, ajudava à missa, mas a limpeza da Igreja e ornamentação dos altares era feita por voluntárias das várias confrarias.

Fonte das imagens: Internet.

A CHEGADA DA LUZ ELÉTRICA E DO TELEFONE

Apesar de contar em seu território de uma pequena represa, a da Andorinha, que gerava energia para várias fábricas do Alto Ave, até a década de 1950 Sobradelo da Goma não possuía energia elétrica, nem um mísero telefone. Por volta de 1951 ou 1952, finalmente chegou à região a energia elétrica, porém, o primeiro telefone apenas em 1955 seria implantado na venda da Olímpia. Devemos lembrar que a freguesia tinha 10 lugares ou bairros e apenas um, denominado Varzielas ou Barzielas, por onde passava a Estrada Nacional e onde se localizava a Igreja, passou a ter luz elétrica. Os outros locais tiveram de esperar até meados da década de 1960, para serem iluminados.

Com a chegada da luz elétrica, veio o rádio e o conhecimento de que havia vida além do horizonte. Como o rádio não fazia parte dos desejos de consumo dos camponeses, apenas três locais o introduziram: a venda do Aristides, a da doceira e a casa do professor. Este novo meio de comunicação despertou a juventude para algo quase desconhecido: o futebol. Eu havia tomado conhecimento e me apaixonado pelo desporto quando entrei para o Seminário. A venda do Aristides passou a ser ponto focal da juventude. Além disso, seu filho Alberto, jovem idealista e sempre bem humorado, fazia com que cada um se sentisse à vontade. Sporting, Benfica, Porto, Belenenses, Braga e Guimarães foram os clubes preferidos da mocidade. Eu mesmo era Belenenses.

Esta venda fervilhava de gente aos domingos, para ouvir os relatos dos jogos. Além disso, a caminhonete de carreira, que passava defronte desta venda, partindo de Braga em direção a Vieira, passou a vender os jornais *O Comércio do Porto* e o *Primeiro de Janeiro*, às segundas-feiras, com as crônicas dos jogos. Antes, quase ninguém lia jornais. Todos os jornais de Portugal à época traziam um carimbo no alto da primeira página. Este número foi visado pela censura. Creio que o mais importante foi a mudança de atitude dos jovens em relação ao mundo, criando uma visão diferente da que os mais velhos possuíam. Não havia nem uma bola de couro (capão) em toda a aldeia, mas começou-se a jogar futebol com pequenas bolas de borracha, e uma nova forma de lazer foi introduzida.

Quanto ao telefone, foi colocado numa venda próxima à Igreja. Provido de uma ampulheta com areia fina, que marcava o tempo de cada ligação, poucos o utilizavam, por não haver para quem ligar ou por ficar com

medo do aparelho, que lhes parecia uma invenção diabólica. Lembro da minha primeira ligação em 1954. Fui em setembro para o retiro espiritual do meio das férias grandes. Esqueci de levar uns quadros do Coração de Jesus que havia trazido para vender. De lá, liguei para Travassos, a cerca de oito km de nossa casa. Na minha inocência, achava que iriam avisar: ledo engano. Ter telefone público, por vezes, era ser garoto (a) de recados da população.

Por volta de 1970, minha tia Maria me escreveu: “Agora tudo são luzes na Igreja Velha. A luz elétrica chegou a todos os lugares da freguesia. Já podemos ir à missa, sem tropeçar ou cair”. Falava do evento como se fora uma grande novidade, e era, para ela e demais moradores, que haviam sofrido nas noites alumiadas unicamente pelo luar e a luz das estrelas. Uma coisa não se pode negar: a observação do Céu era muito melhor, antes da disseminação da eletricidade. A Via Láctea era vista em sua plenitude. Era chamada “Caminho de Santiago”. Minha avó dizia: “quem não for lá em vida, terá de ir depois da morte”.

INSETOS



Vespa

Tudo bem, só que, quando a retirou, um enxame delas voou sobre ele. As vespas têm um ferrão que causa uma dor insuportável. O rapaz saiu gritando: “salve-me Nossa Senhora, meu Deus do Céu” etc. Felizmente, à época, ainda havia os reservatórios de água para irrigação e ele se jogou numa das poças do monte e se livrou das vespas que, em grande número, são capazes de matar.

Estávamos, José Maria do Chedas e eu, nas nossas coutadas perto de um ribeiro. Ele teria dez, e eu sete anos. Havia um velho carvalho centenário oco, com besouros que chamávamos “sete matam um cavalo”. Eram semelhantes a vespas, mas 3 vezes maiores. Como o carvalho ficava em uma ribanceira e havia um caminho na parte superior, resolvemos jogar pedras no enxame de besouros. Um deles ferrou a sobrancelha de meu amigo e imediatamente inchou tanto que ficou sem visão. Fiquei tomando conta do gado e ele correu gritando de dor para casa.

Vínhamos da Escola, por volta de 15 horas, passando na mata do Leocádio, em Souto Velho. Fui o primeiro a ver um enxame de abelhas, alojadas num buraco de um carvalho. Como de costume, quem vê primeiro é o dono. Corri a casa e meu tio, após pedir autorização ao dono da mata, se armou de um cortiço

Três histórias verídicas: a primeira refere-se a vespas, inseto parecido com nosso marimbondo. Andávamos com o gado nos Longais, perto do rego que levava as águas das Poças do Monte para os campos de cultivo. Num buraco do chão, onde elas fizeram seu ninho e saíam a toda a hora para buscar alimento, José da Florinda, irmão do criado de nossa casa, resolveu enfiar uma varinha.

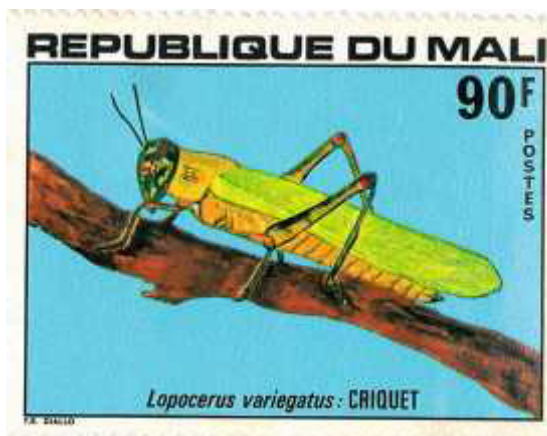


para as tirar. Só que, quando chegamos ao local, o enxame já havia voado para outro lugar.

Os saltões, como chamávamos os gafanhotos, só os encontrávamos nos montes. Nem imaginávamos que este inseto pudesse se transformar numa praga. Todos havíamos

escutado nas homílias ou lido na Bíblia, único livro que tínhamos, sobre as pragas do Egito, mas não o associávamos aos saltões. Nos campos de cultivo não aparecia. Só aparecia entre a vegetação rasteira montanhosa. Quando qualquer animal ou vegetal se transforma em praga é porque há um desequilíbrio ambiental: ou a vegetação foi eliminada e, com isso, sua comida levando-os a atirarem-se sobre as plantações, ou após crescimento vegetativo desordenado, pela eliminação de seus predadores.

Era comum, quando levávamos as ovelhas para os montes e, sem nada para fazer, capturar alguns gafanhotos e ficar medindo seus saltos numa



Vaca loura

disputa entre o que cada um capturou. Nossa medida era o palmo, e havia saltões que pulavam cerca de um metro ou mais. Criança sempre encontra algo para fazer passar o tempo, sem maltratar a natureza. Vacas louras são besouros grandes com chifres e sua revoada era no fim da primavera. Alojavam-se em nódulos de carvalhos velhos, onde corria um líquido de que se alimentavam. Seus chifres serviam de moeda nos jogos da garotada. Extraímos-os e o inseto continuava vivo, não sei por quanto tempo. Por vezes, feriam nossos dedos, que sangravam e inchavam. Hoje sei que eram atos antiecológicos, mas, naquela época, ninguém pensava nisso.

INSETOS CASEIROS



Imaginemos as casas dos agricultores, com as cortes dos animais forradas com mato e feno, no andar inferior, com a família morando no andar de cima. Cachorros convivendo com a família por toda a casa. Falta de higiene corporal das pessoas, invernos rigorosos, inexistência de energia elétrica, velhos colchões de colmo e a falta de banheiros em todas as casas. Teremos aí um ambiente

extremamente propício aos insetos caseiros: carrapatos, percevejos, pulgas, piolhos e lêndeas, proliferavam por toda a região.

Carrapatos atacavam e se alojavam nos órgãos sexuais e orelhas do gado bovino, caprino, ovino e suíno, mas raramente atacavam os humanos. Eram retirados manualmente dos animais, sem auxílio de luvas e pisoteados. Percevejos se alojavam nos encaixes das camas. Como a maioria era de ferro, viviam nas junções e, de noite, atacavam as pessoas. Era raro quem não possuísse marcas de



suas mordidas. Tentava-se acabar com eles, pondo querosene nos locais que frequentavam. Sua maior proliferação era no inverno.



Pulgas atacavam animais e humanos indistintamente. Não havia dormitório ou curral que não estivesse infestado de pulgas. Era quase impossível combatê-las. A erva de Santa Maria era usada para forrar galinheiros, e não sei se afugentava ou

matava os insetos. Não sei se havia alguém em toda a freguesia que não tivesse sido picado por pulgas.

Piolhos e lêndeas, estes insetos eram o terror da garotada. Se alojam unicamente no couro cabeludo, provocando coceira. A lêndea é, em verdade, o ovo do piolho e não seu feminino, mas pega nos fios do cabelo sendo muito difícil de se tirar. Seu período de incubação é de cerca de oito dias. Na escola, em qualquer tempo, todos eram infestados por piolhos. Esta era a razão de cortarmos o cabelo rente. Devemos lembrar que o corte de cabelo dos soldados bem curto se deve aos piolhos. As meninas e mulheres tinham mais lêndeas que os meninos e homens, não necessariamente mais piolhos. Era costume as mulheres terem cabelos longos. Lembro de minha tia Augusta, quando teve a primeira filha, pedia-me para catar seus inúmeros piolhos.



Moscas acasalando

Tinha eu 6 anos e era costume as parturientes não fazer nada nem lavar a cabeça por um mês. Tanto ela como qualquer pessoa só combatia os piolhos com pente fino. Já as lêndeas permaneciam grudadas aos fios. Desde que entrei nos Seminário, nunca tive mais piolhos.

Moscas e mosquitos: estes, quase não existiam; já as moscas e moscardos eram uma enfermidade.

Ao contrário dos mosquitos, que proliferam na água, as moscas proliferam em estrume, lixo e fezes dos animais. Em criança, pensava que as moscas se originavam nos bugalhos, pois em todos havia no centro um ovo com uma larva de mosca. Minhas tias compravam uma fita com um líquido pegajoso e cada semana centenas de moscas nela ficavam presas. Quem quisesse descansar de dia tinha de escurecer o quarto. Na cozinha pousavam em tudo. Os alimentos tinham de ser cobertos. Mas isto era natural, pois se convivia com o gado: os currais ou cortes eram no térreo das casas.

OS FELIZARDOS

Em qualquer região de Portugal ou do Brasil, felizardo significa pessoa feliz ou que encontrou a felicidade. Porém, no lugar onde nasci, essa palavra significava: trifulha, ladrão, safado, mentiroso e enganador.

Vivíamos no sopé de uma montanha, e, no seu topo, a cerca de 8 ou dez quilômetros acima, está localizado São Miguel do Monte, município de Fafe. Um de seus lugares (bairros) é Luilhas, ainda mais pobre que meu local de nascimento. Era mais frio, não tinha oliveiras e não produzia azeite. A relação entre as duas povoações era esporádica e difícil, tanto em termos físicos quanto em sociais.

Não havia um caminho ligando as duas localidades, sua comunicação era feita através de montes espinhosos e pedregosos por onde só transitavam cabras e ovelhas. O nosso povo raramente subia a Luilhas, que nada tinha a oferecer, mas eles sempre desciam ao nosso povoado. Não sei se por realidade ou preconceito, os felizardos, que eram também chamados de montanhões, eram tidos como ladrões e trapaceiros. Dizia-se que roubavam os cordeiros e cabritos aos pastores e, como os ciganos, roubavam crianças para as vender a quem quisesse adotar. Ainda roubavam roupas dos varais, espigas nos campos e estupravam as raparigas (jovens). Nada disso era confirmado.

Os montes que nos separavam, e também ligavam, eram de nosso lugar até o fujo velho, uns 5 km em extensão e 500 metros em altitude. Pertenciam à Igreja Velha e, a partir daí, a São Miguel do Monte. Logo após a divisa, havia um grande pântano chamado lameiro, que o povo, sem qualquer noção de geologia, dizia que quem caísse ali ia direto para o mar. Lá existia uma vegetação a que davam o nome de Erva Tabaqueira, usada para fazer cigarros rudimentares, com gosto parecido ao tabaco. O restante eram só pedras amontoadas, dificultando a circulação.

O que era certo é que os felizardos eram extremamente hábeis, para não dizer trapaceiros nos negócios. A um morador da nossa freguesia conseguiram vender uma máquina de fabricar dinheiro. A ambição do morador e a esperteza do montanhão geraram o negócio. Não é preciso dizer que nunca mais se viu o vendedor. Era comum venderem burros velhos ou quase cegos, como se novos fossem. Até meu tio fez um mau negócio com eles. Tínhamos um alambique completo de cobre, em que fazíamos aguardente no tempo de

meu avô. Constituído de caldeirão, capacete e serpentina, o conjunto pesava entre 100 e 200 kg. A caldeira furou e, por falta de dinheiro, não foi conser-tada. Apareceram uns felizardos e se propuseram a comprá-la. Por falta de tino para os negócios, meu tio vendeu-o por uma ninharia. Na época, o cobre já era muito valorizado.

Quando eu e os demais pastores levávamos os rebanhos para pastar, tínhamos verdadeiro terror de que os felizardos aparecessem para roubá-los. Nunca aconteceu. Minha avó paterna, originária de São Silvestre, município de Vieira do Minho, tinha o nome de Felizarda, demonstrando que somente em nossa freguesia este nome era estigmatizado e ninguém daria a um filho este nome, pois seria o mesmo que chamá-lo de ladrão. Hoje tudo mudou, uma estrada liga as duas localidades, um primo meu casou com uma moça de Luilhas. Já se cultivam oliveiras, demonstrando que não as havia porque não eram plantadas. Não há mais felizardos, mas cidadãos.

MAR PORTUGUÊS

O mar é simplesmente o mar, não há mar português ou brasileiro, existem terras portuguesas ou de muitos outros países banhadas pelo oceano, mas este não pertence a ninguém, exceto aos organismos que aí vivem. Mas a linguagem popular falava no nosso mar. Desde criança que me falavam e explicavam o que era o mar. Contudo, só aos treze anos de idade tive minha primeira visão



dessas imensas águas. Não morávamos tão longe do mar. Em linha reta, eram menos de 50 km e, pelas estradas da época, não mais de 80 km, mas tanto eu como qualquer jovem de minha idade na aldeia, desconhecíamos o mar.

Ter carro, na época, era coisa de rico; nenhum automóvel havia na freguesia. Para chegar ao litoral, Póvoa de Varzim ou Vila do Conde, teríamos de ir até Braga de caminhonete e de lá pegar outra até uma das localidades. Como não havia sequer um telefone, era difícil saber os horários dos veículos. Estes só passavam pela aldeia três vezes no dia. Além de o dinheiro ser escasso, os agricultores trabalhavam de sol a sol.



Minhas tias contavam que foram com meus avós a Póvoa de Varzim quando eu ainda não era nascido. Foi a única vez que viram o mar. Posso afirmar que cerca de 80% dos habitantes da região jamais tinham ido ao litoral.

Estava no seminário quando, através da venda de estampas, o reitor conseguiu verba para alugar um autocarro (ônibus) até Viana do Castelo. Visitamos os estaleiros, onde se construía dois navios: Flores e Corvo, nome de duas ilhas do Arquipélago dos Açores. Hoje sei que eram duas corvetas. Foi também a primeira vez em que vi um navio. Ao olhar para o mar foi uma enorme emoção, embora só o visse através do porto. A maioria dos seminaristas era do litoral e só uns 5% nunca tinham visto o Atlântico. Eu era o que aqui se chama de bicho do mato, pobre e sem qualquer conhecimento da realidade. Tinha na época 13 anos de idade.

Quando voltei de férias para minha terra natal, todos queriam saber como era o mar, qual era a cor das águas? Era muito grande? Viste algum barco pescando as sardinhas que nos eram vendidas? Respondia que a cor das águas era parecida com a das folhas do loureiro. Nem conseguia ver o tamanho, pois até onde podia ver, era só água. Não vi nenhum barco, nem observei qualquer peixe. Hoje, isto me parece mentira, que alguém em Portugal, terra de navegadores e pescadores, fosse tão ingênuo sobre o oceano. Ainda mais que o Rio Ave, que banhava nossa aldeia, ia desaguar em Vila do Conde, 50 km a jusante.

ENXERTO DE ÁRVORES FRUTÍFERAS

Apesar dos solos pobres, ausência de adubos químicos na agricultura e baixo índice de alfabetização dos camponeses, nossa região era grande produtora de frutos. A introdução de novas espécies era rara, mas a melhoria, através dos enxertos, era comum. Impressionante que agricultores analfabetos fossem exímios enxertadores. Não só lá, mas parece fazer parte do inconsciente coletivo da humanidade que certas pessoas tenham *mão boa* para plantar e enxertar.

Como todos nós somos parte da natureza, temos antepassados comuns com plantas e animais, desde há pelo menos um bilhão de anos, quando um mesmo organismo unicelular gerou todos os seres hoje existentes – daí nossa relação íntima com todos os seres vivos –, então, qual a razão de algumas pessoas serem tão bem sucedidas ao lidar com plantas e animais, e outras nem tanto?

Conheci pelo menos duas pessoas capazes de matar plantas ornamentais ou aves de estimação apenas olhando para elas ou elogiando-as. Qual o mistério da energia negativa produzida por tais pessoas?

Minha esposa, que cuida melhor do que eu das plantas, quando semeia ou muda uma pimenteira, esta fica sem ardência alguma. Um senhor nordestino que fazia minhas hortas, em Itaipuaçu, qualquer galho que enfiava-se no chão brotava. Por quê?

Sobradelo da Goma tem este nome devido a um fenômeno atmosférico que teria ocorrido há mais de 300 anos: um enorme temporal de saraiva (granizo) destruiu todas as vinhas da região. Milagrosamente, em Sobradelo, nada aconteceu. Atribuiu-se o milagre à Nossa Senhora da Goma, isto é, dos cachos de uvas, por essa razão ao nome Sobradelo foi acrescentado da Goma. Nossa Senhora da Goma é até hoje a padroeira do lugar.

Na década de 1930 veio uma determinação governamental mandando que todos os agricultores cortassem as videiras americanas. A maioria obedeceu, alguns não o fizeram e uns poucos as enxertaram. Meu pai contava que meu avô paterno foi com ele para cortarem as parreiras em um de seus



Enxerto de fenda

campos. Chegando lá, olhou-as e disse para seu filho: – “Vamos embora, depois eu as corto”, e jamais o fez. O enxerto aqui visava substituir uma espécie por outra.

Existem vários tipos de enxerto, com várias finalidades, como veremos a seguir. Não há dados de quando se começou o enxertio, mas ele já era conhecido dos egípcios, fenícios e chineses, e seu uso recebeu forte impulso a partir do século XVIII.



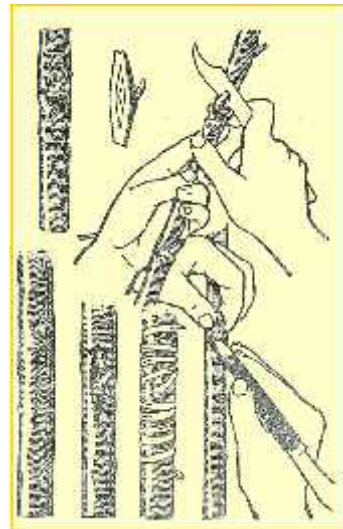
O enxerto consiste na união entre a parte de um galho ou provido de um ou mais gomos, que constitui o garfo e um caule ou tronco de outro indivíduo, chamado *cavalo*.

Devemos distinguir entre enxerto e alpoque, uma vez que neste não há geração de uma nova planta, apenas se enterra um galho ou, através de um saco com argila e esfagno adaptado a um dos galhos, geram-se raízes para uma mesma planta, que é cortada e colocada no solo.

O enxerto traz várias vantagens: permite melhorar a frutificação das plantas; obtém-se frutos de variedades diferentes; maior resistência ao ataque a doenças; e frutificação em prazo mais curto. Há certas condições para que o enxerto possa dar certo: afinidade, polaridade, contato íntimo e época adequada.

Sem qualquer conhecimento teórico de botânica ou de agronomia, e quase todos analfabetos, os camponeses eram capazes de efetuar os enxertos com sucesso.

Afinidade: conheciam a afinidade, isto é, o tipo de madeira, a época de rebentação idêntica entre o cavalo e garfo. Enxertavam em geral indivíduos de espécies diferentes, mas do mesmo gênero: laranja ou tangerina sobre laranjeira agra, ou videira sobre videira americana. De gêneros diferentes, mas da mesma família: pereira sobre calheiro ou espinheiro e pessegueiro sobre marmeleiro.



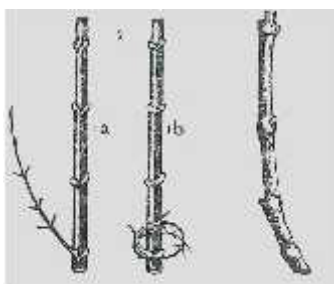
Enxerto de borbulha

Polaridade: na união do garfo com o cavalo, os gomos devem conservar a posição normal, isto é, o broto deve estar para cima.

Contato íntimo: há necessidade de o cavalo e o garfo estarem em contato direto, para realizar-se a soldadura e o enxerto pegar.

Época adequada: os agricultores sabiam qual era a época adequada para cada espécie; em geral, a primavera ou outono.

Na primavera, quando a vegetação rebrota, utilizavam principalmente o enxerto de garfo, com colocação de cartucho de argila em volta. Já no

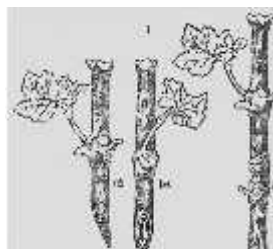


Estaca de videira preparada, com o rebento envolvido no anel, antes de ser enterrada.

outono usavam prioritariamente o enxerto de borbulha, com ligadura, feito principalmente

em videiras. Conheciam na prática condições de temperatura e umidade, realizando-os sempre em dias sem chuva e ao anoitecer ou de madrugada. Posteriormente, cuidavam deles como se fossem filhos: supressão da ligadura, desbaste do cavalo, esvaziamento da

argila do cartucho no momento adequado, supressão de ervas daninhas em torno da árvore enxertada etc.



Garfo para enxerto inglês simples, visto de lado e de trás; à direita, garfo e cavalo unidos.

MALHADAS

O processo de extrair os grãos das espigas, hoje feito por máquinas, era no passado realizado batendo-se nas espigas até soltar os grãos e chamava-se malhada. Era realizado principalmente no centeio, uma vez que as espigas de milho eram guardadas em canastro e retiradas conforme a necessidade da família. No norte de Portugal não se plantava trigo. O centeio era cultivado nos campos mais secos e pobres. Por ser um cereal rústico aguentava bem a ausência de rega. Uma vez semeado, dependia das condições atmosféricas até a colheita. Uma vez que a irrigação era feita umedecendo o solo, não se conhecia a rega por gotejamento. Por isso, só o milho era irrigado. Na casa de meus avós cultivavam este cereal onde não havia poças ou tanques para represar a água de irrigação. Nos Barbeitos, próximo de um pinhal, num olival no Alcouce e em duas leiras próximas ao campo da agra.

Quando as espigas estavam quase maduras, junto com os grãos aparecia um parasita vegetal, denominado cornicho. Minhas tias costumavam tirá-lo das espigas e vendê-lo caro. Não sabia qual a finalidade desse parasita, só depois de adulto soube que o LSD, uma droga poderosa, era obtida dele. A ceifa era realizada quando estava maduro, cortando-se as palhas, próximo ao solo com uma foicinha, instrumento cortante em forma de meia lua e ser-



Malho de centeio

rilhado. Faziam-se molhos, denominados medeiros, que eram postos em pé, com as espigas para cima, até serem transportados para as eiras, onde secavam um pouco mais. Após seco, o centeio era espalhado pela eira, sempre com as espigas para o mesmo lado, para ser malhado. O malho usado para o centeio era composto de um cabo de um metro e meio de comprimento e um pouco mais grosso que o cabo de enxada, ligado por duas tiras de couro a outro pedaço redondo de tronco de árvore de cerca de meio metro de comprimento e com pelo menos o dobro da grossura do cabo.

Malhar era um trabalho cansativo. Além do dono da casa, eram usa-

dos jornaleiros que, como vimos antes, eram pessoas contratadas para determinada tarefa. Malhavam por várias horas, caminhando por cima da palha do centeio e batendo-lhe fortemente. Para malhar todo o cereal levava-se mais de um dia, contando em geral com três ou quatro homens.

No final de cada camada malhada, era retirada a palha e o grão recolhido. No final do processo de malhação, o grão apresentava-se cheio de impurezas: restos de espigas e palha. Passava então o cereal por uma peneiração em uma ciranda. A ciranda é uma peneira ou crivo retangular, com cerca de um metro na vertical e meio metro na horizontal, suportado por ripas laterais e suporte na parte de trás. Aqui no Brasil é muito usada em obras de construção para peneirar a areia. Jogavam o cereal com as impurezas na ciranda, com auxílio de uma pá. As impurezas ficavam na frente e o centeio passava a tela. Finalmente era guardado em arcas de madeira. Grandes caixas capazes de acomodar uma tonelada cada. Durante o ano seria retirado para moer e misturar com a farinha de milho, para fabricação do pão.



À farinha de milho precisa lhe ser adicionado entre 10% e 20% de centeio, caso contrário a massa fica sem liga e o pão esfarelento. A palha de centeio, mais quebrada, é guardada para alimentar o gado no inverno; a mais inteira irá encher os colchões em substituição às antigas, que é jogada nas cortes onde gado pernoita, gerando estrume no futuro. Palhas bem inteiras ainda eram usadas para tranças feitas à mão e depois chapéus de palha, tipo sombrero mexicano.

AS ÁRVORES FRUTÍFERAS

A Oliveira

A oliveira é um caso à parte entre as árvores frutíferas. Seu fruto, a azeitona, por ser muito azeda, não é comestível sem tratamento apropriado. É preciso colocá-la em salmoura, durante certo período para poder ser digerida. A oliveira é uma árvore longeva, podendo durar muito mais de 500 anos. Há exemplares com mais de 2.000 anos. As árvores, que no sul de Portugal são baixas, na região chegam a ter entre 10 e 20 metros de altura. Seus galhos são retorcidos e muito resistentes. Quando a árvore é baixa ou seus galhos permitem a coleta manual puxam-se os frutos para uma cesta antes de os colocar num vasilhame maior. Entretanto, o mais comum eram os homens subir nas árvores com uma vara e bater nos galhos para o fruto cair. Lençóis ou mantas eram colocados debaixo da oliveira para a coleta. Muitas azeitonas iam parar longe e mulheres e crianças catavam-nas à mão. O processo era muito penoso, pois os frutos amadurecem em pleno inverno, as mãos enregelavam e por vezes feriam-se com o frio intenso. Era preciso coragem para subir nas árvores, o que, na época, vários camponeses o faziam.

No lugar onde nasci havia oliveiras com mais de 300 anos de idade: no adro da Igreja e no adro da Capela na Igreja Velha. Algumas delas tinham mais de 10 metros de altura. Quando regressei a Portugal, após 25 anos no Brasil, todas estas oliveiras haviam sido cortadas ou arrancadas. Explicaram que ninguém mais queria subir nelas e era preciso dar lugar a estacionamento de automóveis.

Com a fuga de mão de obra para os países da CEE, para trabalhos braçais, restaram poucos jovens na região; hoje, os anciãos são mais de 30%. Além disso, quando retornam, têm outros valores socioeconômicos, diferentes das tradições de seus antepassados. Passam a valorizar os bens materiais, em detrimento dos tradicionais. Como têm pouca ou nenhuma cultura, destroem o que seus antepassados lhes legaram com tanto sacrifício. Junte-se a isto a política econômica e ambiental da CEE, que mandou desativar todos os lagares de azeite tradicionais. Exigiam normas sanitárias impossíveis de serem cumpridas nas indústrias de azeite prensado a frio e movidas a água, mas que produziam um produto mais puro e de melhor qualidade que os estabelecimentos altamente mecanizados. Hoje, os lagares estão abandonados e a

azeitona amadurece, cai e apodrece, sem ninguém a colher.

A oliveira começa a florescer em maio ou junho, seus frutos desenvolvem-se lentamente, demorando cerca de seis meses para poderem ser colhidos. Até começarem a amadurecer, todas as azeitonas são verdes, tornando-se pretas ou violeta-claro quando maduras. As azeitonas verdes, vendidas no comércio, são colhidas antes de amadurecer. Existe uma trova popular que diz:

*verde foi meu nascimento;
mas de luto me vesti;
para dar ao mundo luz;
mil tormentos padeci.*

Isto porque durante milhares de anos as candeias apenas eram abastecidas com azeite. Algumas parábolas de Cristo sobre o azeite: Parábola do bom Samaritano; parábola das dez virgens, cinco virgens previdentes e cinco relapsas, que foram encontrar o esposo sem levar azeite para as lâmpadas. Além disso, Cristo, antes de ser preso, agonizou no Jardim das Oliveiras.

Quando há grandes empreendimentos comerciais de oliveiras, estas são podadas para não crescerem muito e facilitar a coleta dos frutos. Na região onde nasci poucas árvores atingiam menos de 5 ou 6 metros de altura e nunca eram podadas ou enxertadas. Sua propagação era feita por rebentos que surgiam próximo às raízes. No Domingo de Ramos, todas as pessoas levavam um galho de oliveira para ser benzido e este permanecia em casa o ano inteiro, para livrá-la de tempestades ou terremotos. As crianças, em geral, enfeitavam o ramo com fitas coloridas, nesse domingo festivo. Na véspera, eu costumava ir a um olival, próximo a casa, subir numa árvore e colher o melhor ramo que pudesse, ainda o enfeitava com fitas coloridas, ia todo orgulhoso à missa de Ramos, e depois deixava-o no altar doméstico de minha avó.

Nunca vi, em Portugal, oliveiras cultivadas nos montes e outeiros. Porém, recentemente, as vi, quando estive na Itália e na Turquia. Na Itália, na região de Assis, a vegetação das montanhas é toda de oliveiras não muito altas; na Calábria são mais elevadas, e sob elas ficam penduradas, permanentemente, telas de plástico para coletar seus frutos. Na Turquia, viajamos de ônibus de Éfesus até a Capadócia, distantes cerca de 400 km uma cidade da outra, e de clima semiárido. As montanhas e colinas, todas são plantadas de oliveiras. Os vales, mais úmidos, são plantados de figueiras e romãzeiras. Talvez em função do clima ou variedades diferentes, o azeite turco e o grego são mais ácidos e amargos que o Português ou Espanhol e não sendo bem aceitos ao paladar brasileiro.

A cerejeira

No Brasil, quando se fala em cerejeiras, pensa-se no Japão como o país dessas árvores que, afinal, são nativas do Extremo Oriente. É a árvore nacional do Japão. Entretanto, variedades silvestres, chamadas cerdeiras pela população, são nativas da Europa e dão excelente madeira.

A cerejeira é uma árvore de clima temperado, sendo comum na região entre os Rios Douro e Minho. As primeiras cerejeiras foram introduzidas no Brasil ainda na época colonial, mas é depois da imigração japonesa que se tornam mais populares entre nós. No norte de Portugal, há grande produção de cerejas, entretanto, no passado, eram apenas para consumo familiar. Como têm pouca durabilidade, e não existiam geladeiras, seu consumo era imediato.

Na casa de meus avós havia muitas cerdeiras (cerejeiras), a maioria de frutos vermelhos, também eram comuns as de frutos negros e as ginjas, maiores, mais duras e brancas. São estas as utilizadas para o Cherry Brand. Sua floração começa em março e os frutos amadurecem em junho e julho. Quando chega agosto, não há mais cerejas nas árvores. Quando criança, a única na família, trepava com facilidade nas cerejeiras e trazia coiradas delas para minha avó e tias. Como não levava cesto, apanhava-as e colocava entre a camisa e o corpo grande quantidade dos frutos. Ninguém se preocupava em lavá-los. Fazia isso quase todos os dias. Quando entrei para o seminário em Braga, tinha 15 dias de férias no Natal e 15 na Páscoa. Delas, só via as flores e o nascimento dos frutos, quando voltava, nos fins de agosto, já havia passado a época das cerejas. Às vezes, em uma cerejeira de cerejas negras ainda havia algumas, mas bichadas. Comia-as, assim mesmo, sem as abrir. As vermelhas e ginjas nunca mais comi diretamente das fruteiras.

A flor da cerejeira, que desabrocha antes das folhas, é maravilhosamente linda e significa o amor, a beleza feminina, a felicidade, a esperança e a renovação. Já seu fruto significa sensualidade, erotismo, sexualidade e paixão, por seu vermelho intenso. Existe mesmo uma ligação erótica com a cereja. Aparentam, quando se comem, os lábios de uma amante, pois parecem sangrar. Uma cereja provada não é mais virgem, associando-se ao desejo insaciável, paixão e luxúria. Já como tatuagem, representa a castidade e a pureza femininas. Como fruto, além de prevenir o envelhecimento precoce, tem propriedades antirreumáticas, refrescantes, diuréticas e laxativas. Quando enfeita as criações culinárias, completa em especial bolos e tortas. Costumamos dizer que, quando alguma coisa completa determinado assunto é a cereja no bolo. Ex.: a realização das Olimpíadas no Brasil foi a cereja no bo-

lo de nosso esforço desportivo. O nascimento de um filho é a cereja no bolo de nosso casamento etc.

Em 1983, voltei à região com minha esposa e filhos. Fui procurar a grande cerejeira que tantas vezes subi para apanhar cerejas para minha avó e tias. Era resultante de enxerto, começava com tronco de dois a três metros e se dividia em dois troncos paralelos. Todos os anos dava milhares de frutos. Mas, não existia mais, tinham-na cortado, assim com várias outras árvores frutíferas. Na casa onde meu pai nasceu acontecera a mesma coisa: tinham cortado quase todas as cerejeiras. A nova geração abandonava as tradições de seus antepassados.

Figueiras

Figueiras produtoras de figos comestíveis, em Portugal e em toda a região do Mediterrâneo. São árvores de grande porte atingindo até oito metros de altura e não arbustos, como ocorre no Brasil. Não confundamos estas árvores com as figueiras do gênero *ficus*, que são árvores enormes e não produzem figos, existindo em climas tropicais e subtropicais em todos os continentes. Sob uma delas, a *ficus religiosa*, Buda atingiu a iluminação. Mas não é destas que queremos dissertar. Falaremos exclusivamente da figueira europeia ou figueira comum de figo comestível que é a primeira árvore descrita na Bíblia, quando Adão, após comer do fruto da árvore proibida, vendo-se nu, se cobre com uma folha de figueira. O evangelho de São Mateus diz que Cristo amaldiçoa uma figueira que estava sem figos e imediatamente ela se- cou. Diz uma lenda portuguesa que um escudeiro acompanhava duas prince- sas. De repente, apareceu um bando de malfeitores tentando sequestrar as donzelas. O escudeiro cortou um galho de uma figueira e com ele espantou os bandidos. A partir desse dia, o rei lhe deu por sobrenome Figueiredo. Nome atual de muitas famílias.

Esta árvore é bastante frágil, quebrando facilmente seus galhos com o peso de um adulto. Sua propagação é feita por estacas e não por sementes. As figueiras costumam dar frutos duas vezes por ano: a primeira, uma pequena safra temporã, em fins de junho, que chamávamos figos de São João. Um mês ou dois depois, havia a principal safra. Na região, os figos verdes, chamados bacorinhos, eram os mais comuns, mas os figos roxos eram maiores e mais gostosos. Os figos eram bastante comercializados frescos. Muitas mu- lheres levavam cestos de figos à cabeça para comercializar na Vila. Também era comum o comprador rematar toda a produção de uma figueira e tirando seus frutos conforme ficavam maduros. Como o figo é delicado e perecível,

para conservá-lo por longo tempo, é seco ao sol ou artificialmente. Vendedores ambulantes de figos secos vinham com um jumento carregado com figos em ceiras e os vendiam nos mais remotos lugares, dizia-se que andava com um burro sendeiro, pois caminhava com o burro carregado de figos pelas sendas ou trilhas inóspitas.

Muitos jovens costumam fazer um bronzeador caseiro com látex ou folhas de figueira. Uma minha irmã, quando adolescente, fez esse preparado junto com amigas e foi para a praia. Esse preparado é extremamente tóxico, destruindo a pele, quando o corpo fica exposto ao sol. Como ficaram o dia inteiro na praia, tiveram problemas sérios, o efeito do bronzeamento foi a morte dos tecidos cutâneos e ferimentos generalizados.

Quando visitei a Turquia, em 2010, na viagem de ônibus entre Esmirna e as piscinas naturais de Pamukkale, distantes cerca de 400 km, todos os vales eram plantados de figueiras. Por esta razão, a Turquia é o maior produtor de figos do mundo e nós somos um de seus maiores clientes.

Carvalhos



Carvalho, no Parque de Bom Jesus do Monte, servindo de suporte a um *bouganville*.

As matas e o que outrora foram florestas, das quais restaram apenas exemplares dispersos, eram todas de carvalhos, a árvore predominante nas florestas europeias. Na ficção, temos as histórias de Robin Hood que mostram as florestas de Nottingham (Sherwood) ou Yorkshire, onde ele e seu bando se escondiam, no século XIII, do malvado Rei João Sem Terra, que usurpou o trono inglês do Rei Ricardo Coração de Leão. As árvores eram carvalhos. Não só na Inglaterra, mas também em Portugal, as florestas destas árvores, entraram em declínio com a navegação transoceânica. Cada navio construído exigia dezenas de troncos desta árvore. As grandes navegações começaram pela conquista de Ceuta, primeira cidade ocupada pelos Europeus, fora da

Europa. A frota era de 212 navios; já a conquista de Azamor, cem anos depois, foi realizada por 500 navios. Imaginem o impacto sobre as florestas

portuguesas. Na Inglaterra, lançada à conquista dos mares a partir do século XVI, o impacto foi imenso, destruindo quase todas as florestas da Ilha. Não parou por aí a destruição florestal. Veio a época das ferrovias. As travessas para assentar os trilhos consumiam em média 158 metros cúbicos por km da via. Para 3.000 km eram consumidos quase 480.000 metros cúbicos de madeira. Para aparelhar os dormentes ou travessas era desperdiçado pelo menos 50% do tronco e todos os galhos e copas das árvores. Além disso, os dormentes tinham de ser trocados em, no máximo, 30 anos.

Por todas estas razões, não admira que nem 5% das florestas de carvalhos na Europa sejam originais, restando por todo o continente apenas exemplares isolados ou pequenas matas de carrasqueiros, carvalhos arbustivos.

Apesar destes problemas, todos os carvalhos restantes eram de suma importância econômica, pela excelente madeira, frutos produzidos e copas abundantes. Embora existam cerca de 600 espécies de carvalho, apenas três existiam na região: o carvalho roble, a carvalha e o carrasco. A carvalha é uma árvore de 20 a 30 metros de altura. O carvalho é baixo e seus ramos crescem horizontalmente formando uma copa tipo sombreiro com diâmetro de mais de 10 metros. Convém notar que, em muitos lugares, chamam carvalho ao que, região do Minho, é denominada carvalha. Móveis de excelente qualidade e barris de carvalho, utilizados para vinho ou aguardente, são o principal destino desta madeira. Na Escócia, Irlanda e Inglaterra, o whisky é envelhecido neste tipo de madeira.

Lembro que, quando criança, via frequentemente alguém descascar inteiramente os troncos e galhos grossos deste tipo de árvore. A planta morria dentro em breve, pois é alimentada pela seiva que percola entre a casca e o tronco. A árvore era abatida para lenha. Não tinha a mínima ideia para que servia a casca destas árvores e que era vendida a um preço razoável pelos donos das matas. Soube depois que ela é rica em tanino, substância encontrada na casca do carvalho, que torna as peles imputrescíveis, sendo, por isso, usada em curtume após ser reduzida a pó. Os taninos também fornecem tintas. São empregados em medicina como adstringentes tônicos. Em infusão, serve para aliviar hemorróidas, fissuras no ânus, no bico dos seios, bem como combater frieiras e doenças da pele.

Nos carvalho nasciam umas bolas, um pouco maiores que uma noz, chamadas bugalhos. Um bugalho é uma pequena bolha do tamanho de uma bola de ping-pong. Ele forma-se nas folhas e nos ramos dos carvalhos, e é uma defesa que a árvore cria para se proteger dos invasores. Porém, nasce do tamanho de uma azeitona, é verde, e se desenvolve até ficar da cor de tijolo,

secar e cair. Era muito utilizado para fazer arruados e enfeitar arcos nas festas religiosas. Há insetos, como as vespas e moscas ou moscardos, que põem os seus ovos nos ramos do carvalho e, ao mesmo tempo, dão fortes picadas na árvore. Esta, que não gosta nada de estar constantemente a ser picada, cria bolas onde os ovos se vão desenvolver. Os bugalhos são o ninho destes insetos e é no seu interior que o "embriãozinho" passará por diversas etapas: larva, ninfa e inseto. Em adulto, faz um furo no bugalho e sai para o exterior.

Castanheiros

O castanheiro, que o povo chamava castinheiro, é uma árvore de grande porte, podendo atingir 20 metros de altura, frondosa, de tronco reto e sua madeira é a melhor produzida em Portugal, rivalizando com a madeira de lei do Brasil. É no norte e centro de Portugal que estas árvores são mais abundantes. O fruto do castanheiro é o ouriço que contém as castanhas. A floração é no fim da primavera, ou no início do verão, quando nascem os ouriços que amadurecem no outono. Quando maduros, abrem-se e depois deixam cair as castanhas. Quase todos os ouriços têm três castanhas e podem ter até seis. Entretanto, quando as castanhas começam a cair naturalmente, é hora da colheita. Esta é feita subindo na árvore com uma vara comprida e varejando os ramos até todos os ouriços caírem. São apanhadas em cestos e armazenadas por longo tempo.



Esta é feita subindo na árvore com uma vara comprida e varejando os ramos até todos os ouriços caírem. São apanhadas em cestos e armazenadas por longo tempo.

As castanhas eram muito importantes na alimentação do povo até pouco tempo atrás. Porém, foram muito mais importantes até o século XVIII, quando os castanhais eram muito mais numerosos, e as castanhas, junto ao trigo e ao centeio, eram a base da alimentação lusitana. Quando o milho e a batata foram introduzidos na Europa, diminuiu sua importância. Assim mesmo, as castanhas ainda têm importância na pauta de exportações portuguesas, sendo o Brasil o principal destino.

É tradicional e obrigatório comer castanhas no Natal, em nosso país. Vendedores e vendedeiras de castanhas assadas em potes de barro perfurados

ainda são comuns nas cidades portuguesas no inverno.

Meu avô tinha uma assadeira de castanhas de cerca de meio metro de diâmetro. Era um tipo de panela com fundo em grade, tipo crivo, por onde o fogo entrava, assando as cascas das frutas que tostavam e se abriam. Chamavam de magusto a uma quantidade de castanhas assadas em uma reunião de pessoas que as degustavam bebendo bastante vinho, cantando e dançando, muito parecida com os nossos churrascos.

Muitas das leiras ou campos possuíam o que chamavam mina. Que não era nada mais que uma cova, com cerca de dois metros dentro da encosta, e que servia para nos abrigar, enquanto tomávamos conta do gado, após as colheitas ou quando trabalhávamos aí. Um irmão de minha mãe, chamado Manuel, enviou uma carta a minha avó, analfabeta, e eu a li para ela. Dizia que seu maior sonho era voltar a Portugal para comer um magusto de castanhas na mina do Barbeito. Como sempre trabalhou de empregado no comércio, jamais pode concretizar seu sonho.

Tínhamos um olival afastado de casa, num lugar chamado alcouce. Levei as vacas para lá pastar. Estava um frio tremendo, com geada. Abriguei-me na mina lá existente. Só tinha dois fósforos e havia muitas folhas secas lá. O primeiro fósforo perdi, mas consegui fazer uma fogueira com o segundo. Juntei mais gravetos. Naquele momento, a felicidade era ter um lume para me aquecer.

Quando criança, gravei meu nome na casca de um castanheiro e, cinco anos depois, o nome estava muito visível, pelo crescimento da árvore. Quando voltei a Portugal pela primeira vez, o castanheiro não existia mais. As dificuldades financeiras obrigavam a vender estas árvores, muito valorizada para móveis.

Nogueiras

Não havia em toda a região cultivo comercial de nogueiras e de outras árvores frutíferas, exceto de oliveiras e parreiras. Toda a produção era de subsistência, não impedindo que algum excedente fosse vendido. Na quinta de meus avós existiam apenas cinco nogueiras. Como estas árvores são de grande porte, cada uma produzia entre 200 e 500 nozes. A noz tem uma casca dura envolta por uma parte mole chamada cascarão ou sobrecasca. Similar aos cocos, que têm uma casca dura envolta por outra verde que prende o fruto ao cacho. Essa parte mole deixa-se apodrecer, para saírem mais facilmente as nozes, mas deixa nódoas nas roupas e nas mãos.

A nova geração brasileira tem, por vezes, dificuldades em saber o

que é este fruto realmente, em virtude de serem apresentados, nos desenhos animados, traduzidos do inglês, landes ou bolotas de carvalho, como nozes, usadas como alimento principalmente pelos dois esquilos “Tico e Teco”.

Sabemos da pobreza das línguas anglo-saxônicas para determinados assuntos. Tanto isto é verdade que, até o século XVI, tanto a língua inglesa quanto a alemã eram denominadas línguas das estrebrias. A classe dirigente e mais educada falava o francês. Com a expansão do Império Britânico, e após Shakespeare, é que essa língua atingiu desenvolvimento universal, mas para seus usuários, nozes (nuts) são frutas que têm casca dura ex.: *coconuts* (coco), *brazilian nuts* (castanhas do Pará), *oak nuts* (landes), *chest nuts* (castanhas) etc. Assim como qualquer fruta pequena é denominada berries: amoras (*black berries*), morangos (*strawberries*), mirtilos (*blue berries*) etc. As línguas latinas têm palavras diferenciadas para cada fruta.

Por tradição, no Brasil consome-se a noz, principalmente nas festas natalinas. Isto se deve à sua colheita no fim do outono no Hemisfério Norte e, pela sua durabilidade, é consumida durante todo o inverno.

Portugal ainda é um exportador de nozes, mas a maioria das que consumimos vem dos Estados Unidos, seu maior exportador, além da Turquia, Itália e China.

Deveríamos consumir estas sementes com maior frequência, pois está provado que combatem enfermidades cardiovasculares e eliminam os altos índices de colesterol. Contém ainda antioxidantes e aminoácidos, sendo muito ricas em ômega-3, ajudando ainda a fertilidade masculina. Pena que quase só seja consumida no Natal e, mesmo assim, por uma parte reduzida da população.

VINDIMAS

A vindima era, não sei se ainda é, uma das atividades mais prazerosas aos camponeses. Mesmo sendo um trabalho por vezes cansativo, todos o faziam com prazer. Como vimos anteriormente, as videiras apoiavam-se em árvores altas ou ramadas próximas à residência, mas também altas. A vindima, que é a retirada dos cachos de uvas dos ramos das parreiras, necessitava também de escadas de madeira altas, além de cestas e cestos. O vindimador subia com uma cesta provida de um gancho que pendurava na escada ou na árvore. Como sempre tinha as unhas fortes, devido aos trabalhos braçais, cortava o cabo dos cachos facilmente com elas e as depositava na cesta.



Meu pai, colhendo uvas... Quando estava cheio, descia com ela e alguém, em baixo, derramava o conteúdo num cesto maior ou em uma dorna, estacionada sobre um carro de bois.



Meu pai, eu, Marlene, Jéssica, prima Sameiro (mãe de Jéssica), Manuela e o pequeno Tiago, irmão de Jéssica)

Quanto trabalho tivera para chegar à colheita! No início da primavera, começaram a brotar os primeiros cachos, era preciso sulfatá-los. Para realizar esta tarefa, havia de ser comprada cal. Hoje a cal vem moída, mas em meu tempo de criança vinha em calhaus ou blocos: era colocada em uma barrica e, ao se lhe adicionar água, fervia, gerando calor e os blocos derretiam, tornando o líquido leitoso. A ele era adicionado sulfato de cobre, poderoso fungicida. Formava então a calda bordalesa, que seria aspergida nas plantas. O sulfatador levava às costas um bidão de folha de flandres ou cobre, cheio da mistura. Deste depósito saía uma mangueira, acoplada a uma seringa com a qual se fazia a aspersão das videi-

ras. Este processo era cansativo e difícil. A calda é tóxica, o camponês usava roupas velhas e um chapéu de palha, para proteger o rosto e olhos. As nódoas no rosto, mãos e braços, não saíam com água, por isso esfregavam nelas laranjas agras, que operavam com êxito. A laranja agra é parecida à nossa laranja da terra. Serve de cavalo para enxertos de laranjas, tangerinas e limões europeus.

Posteriormente, quando os cachos já apresentam bagos desenvolvidos, de novo é preciso fazer outra sulfatação com o mesmo material, para acabar com fungos resistentes. Na época, era comum perto de estradas ou caminhos muito movimentados, após as uvas começarem a amadurecer, lhes borrifar roxo rei, substância vermelho-escura que deixava as uvas roxas para impedir que os transeuntes as comecessem. Quando íamos para a romaria da Senhora do Porto d’Ave ou suas novenas, todas as uvas do caminho estavam com esta substância. Se era tóxica, como pensávamos, como seria o vinho destas uvas? Nas aldeias ninguém usava esta tinta nas uvas.

Mas eis que é chegada a hora de vindimar. As cestas não tiveram outro uso além da colheita de frutas, já os cestos foram usados para retirar estrume das cortes e o levar para adubar os campos. Claro que foram lavados, mas apenas com água, pois se desconheciam outros produtos de limpeza. Entretanto, o contato das uvas com o recipiente era superficial. Era pecado mortal misturar uvas americanas com as de vinho verde. Aliás, as americanas, muito mais doces e precoces, utilizavam-se como uvas de mesa para produzir o vinho temporão consumido em casa. Normalmente eram feitas várias viagens com os carros de bois, providos com dornas e tudo era despejado no lagar de pedra. Quando a colheita era pequena, as uvas eram pisadas na própria dorna.

O pisoteio era quase sempre à noite, à luz de candeias. Por tradição, jamais as mulheres poderiam pisar as uvas. O lagar tinha em média 60 cm de altura, apareciam convidados e não convidados, para ajudar a esmagar os frutos. Era servido a eles um lanche e muito vinho. Antes, lavavam os pés e pernas, e o faziam também no final. Ficavam horas cantando junto com as moças e crianças que os olhavam. No dia seguinte, o líquido fervia e o bagaço subia à tona. Alguém o baixava com enxada ou engajo (ancinho), mais de uma vez. O vinho ainda era doce e embriagava. No segundo dia, tornava-se a repetir o processo. Quando o bagaço não mais subia, o processo de fermentação terminara e o vinho estava pronto para ser levado para os pipos, onde permaneceria alguns meses para maturar e descer a borra que sedimentava no fundo dos barris. O vinho poderia então ser engarrafado.

A PODA DAS VIDEIRAS

Terminadas as vindimas, as videiras perdem as folhas e entram em repouso. É hora de fazer a poda. Na Região do Minho, norte de Portugal, as videiras crescem ao lado de árvores plantadas para lhes dar suporte, ou em latadas ou ramadas sobre os caminhos próximos às casas ou sobre os eidos, tendo no mínimo três metros de altura. Na Galiza, o método é o mesmo. Nove séculos de separação política e sete séculos com língua diferente, pois a língua portuguesa se origina do Galego e só com Dom Dinis passou a ter vida própria, não foram capazes de modificar o modo de vida e tradições dos dois povos. Até se diz que o Galego é mais próximo do português do Norte que o Alentejano ou Algarvio. As ramadas ou latadas eram constituídas de barras de ferro vazadas, por onde corriam arames, onde eram atados os ramos com fita vegetal de uma espécie de dracena.

A poda era tarefa do dono da casa, seus filhos e criados. Raramente se contratavam jornaleiros para a tarefa, pois os camponeses acreditavam que havia uma relação afetiva entre o homem e as plantas. A produtividade dependia dessa relação fatalista. As principais árvores, que apoiavam as parreiras, que são trepadeiras, eram: salgueiros, cerdeiras (cerejeiras silvestres), amieiros, castanheiros e álamos, com altura entre 3 e 6 metros. Estas eram podadas, juntamente às videiras, para que não sombreassem os sarmentos. As árvores eram plantadas sempre nas bordas dos campos e leiras, assim não prejudicavam os cereais que exigiam sol direto. Havia necessidade de uma escada de madeira leve com 4 ou 5 metros de tamanho. O podador usava um cinturão de couro com dispositivo para prender a fouce (foice) e tesoura de poda.

Às mulheres e crianças cabia a tarefa de recolher os galhos e os amarrar em molhos com vergas do próprio material. Depois seriam levados para uma loja ou alpendre na casa, guardados para cozinhar durante o ano inteiro e aquecer as pessoas ao lume no inverno. Lembremos que o único combustível usado nas aldeias era a lenha e havia de economizá-la para o frio inverno. Antes e após a ceia, as pessoas reuniam-se em torno da lareira. O terço era rezado sempre após a comida. O lume permanecia aceso até irmos para a cama. Como nos aproximávamos muito do fogo, era comum adquirir murras. As murras eram manchas avermelhadas nas pernas, devido ao calor do lume no inverno.

Teria eu seis ou sete anos, quando meu avô e meu tio podavam as videiras em umas leiras a que denominavam suavinha. Lá pelas tantas, resolvi ir embora. Falei: – “Já vou embora”. Para mexer comigo meu tio disse: – “Já vais tarde”. Respondi: – “Agora já não vou”. E por várias vezes repetiu-se o diálogo. Até que uma tia falou: – “Eu vou contigo”, para resolver o imbróglio. As crianças e adultos pouco mudaram sua relação, desde então. Entretanto, hoje os galhos resultantes da poda são queimados no próprio local. Todos têm fogão a gás, mas a lenha ainda é utilizada nas lareiras durante o inverno, mesmo quem tenha aquecedor elétrico. As árvores frutíferas nunca eram podadas. Havia inclusive um tabu, que não se podia subir nas figueiras, que no Mediterrâneo são árvores altas, com os sapatos nos pés. Minha avó contava que uma vez, um emigrante do Brasil, foi colher figos em sua casa, quando solteira. Ficaram com vergonha de lhe mandar tirar os sapatos, posteriormente a árvore secou. Por não serem nunca podadas, algumas árvores frutíferas como as noqueiras, oliveiras e castanheiros, por vezes tinham mais de 10 metros de altura. Para se colher seus frutos, subia-se nelas, com uma vara comprida, batendo-se nos frutos para cair e apanhar depois no chão. Isto não podia ser feito com maçãs, peras, cerejas ou laranjas, apanhadas à mão com auxílio de escada e uma cesta com gancho para ser dependurada.

CASAMENTOS NA ROÇA

Casamento no interior de Portugal era para toda a vida, mesmo já existindo divórcio, desde 1910, com a Proclamação da República. Quem tinha terras casava com alguém que também era proprietário; os caseiros, criados e jornaleiros sempre casavam com jovens pobres. Hoje, isto parece incrível, mas era o que ocorria. Por vezes, os pais incentivavam o namoro e, em outras, o proibiam. Eu vinha da missa com meu avô e outras pessoas e, de repente, um dos caminhantes falou para outro, que não me lembro quem era, pois tinha menos de sete anos: – “Olha tenho lá uma filha que seria boa para teu filho”, e deu casamento. Mas o normal era o rapaz começar o namoro. Em geral, os primeiros encontros eram na Juventude Operária Católica ou nas missas da Igreja. Nada de beijos ou de abraços, namorava-se no portão da casa da moça e separados por cerca de um metro de distância. Todos vigiavam o futuro casal, e, se uma criança visse os dois se beijar, espalhava para todo o mundo e era um escândalo.

Também era obrigatório a rapariga casar virgem. Uma filha de um caseiro do Chedas, que namorava há muito tempo, ficou grávida do rapaz com quem tinha casamento marcado. O pai dela lhe deu tamanha surra, que a deixou de cama por três dias. E todos acharam normal que o pai tomasse essa atitude. Casaram em menos de um mês. Minhas tias falavam, e depois minha mãe confirmou, que quando namorava meu pai, uma vizinha foi falar com o pároco: “Eu não vi nada, mas é como se visse eles terem relações.” Como ela era um pouco idiota, o padre Guilherme ainda lhe passou um sermão, para ela não tirar conclusões daquilo que não vira. Essa mulher morreu solteirona e maluca. Mas isto é para termos ideia de como era o ambiente nas aldeias. Depois do casamento, a mulher passava praticamente a ser propriedade do marido. De um casal, que após o casamento trabalhou como caseiro e foi morar numa casa defronte a de minha família, ouvíamos quase todas as noites a esposa gritar, pois levava uma surra diária. No domingo, os dois iam e vinham abraçados da missa no maior amor. Daí vem a frase: na briga entre marido e mulher ninguém mete a colher. Mas pelo que sei a maioria dos maridos não batia na esposa.

Os casamentos eram sempre religiosos, nunca ouvi falar de um casamento unicamente no civil. Meses antes do casamento eram lidos pelo padre os proclamas e depois afixados na igreja do casamento, para que, se alguém

soubesse de algo que o impedisse, pudesse se manifestar.

Os casamentos aconteciam sempre pela manhã, vivíamos num tempo em que não havia luz elétrica na freguesia. No dia do evento, as famílias dos nubentes vinham com eles e se encontravam na Igreja; nada de a noiva atrasar ou o noivo não poder ver seu vestido que, quando possível, era branco, mas muitas vezes era o que podia a noiva ter. Após o casamento, eram jogados confeitos sobre o casal e as crianças faziam a festa, apanhando-os no chão e comendo sem qualquer restrição. Tempos em que a poluição era muito menor. Depois é que o casal e convidados iam para a casa do pai do agora marido para um almoço de confraternização. Nada de viagem de lua-de-mel ou em outro lugar que não fosse a casa de seus pais, agora compartilhada com eles. Por vezes, no dia seguinte, o casal já estava trabalhando na agricultura. Minha mãe conta que, no dia seguinte ao seu casamento, foi à sede do município comprar pratos e talheres. Quase não se davam presentes e, quando o faziam, eram em alimentos da agricultura.

Como tudo mudou. Hoje se fazem festas em uma quinta, com salão alugado, lautos jantares com inúmeros convidados. Entretanto, os casamentos, na maioria das vezes, duram pouco tempo e os casais são menos felizes. Casava-se para se ter muitos filhos e a aldeia era alegre. Hoje, quase não há crianças na aldeia e cada matrimônio tem apenas um ou dois filhos. A vida ficou mais complicada. Antes, os filhos, que desde cedo ajudavam no trabalho agrícola, eram analfabetos em sua maioria; hoje, com a agricultura abandonada, têm de estudar, pois o perfil do trabalho mudou. Com isso, acarretam despesa à família, até se tornarem adultos. Portugal e toda a Europa incentivam a natalidade, devido ao crescimento vegetativo negativo, isto é, morre mais gente do que nasce. Um grande problema para o futuro dos países, pois têm de importar mão de obra, que não é familiar às tradições da sociedade local ou dos países europeus.

O CÉU DA MINHA ALDEIA

A falta de luz elétrica na freguesia onde nasci tinha algumas vantagens, a principal delas era observar o céu estrelado, e mesmo as pessoas analfabetas, a maioria, podiam conhecer todas as constelações visíveis do Hemisfério Norte e orientar-se pelas estrelas. Céu assim tão brilhante só voltei a observar dezenas de anos mais tarde, em trabalhos de campo, com alunos da Universidade, em Itatiaia, e no Pico da Bandeira, onde, por vezes, pernoitávamos nos abrigos ou em barracas. No Pico da Bandeira pude observar a passagem do cometa Halley, dificilmente visto da Cidade do Rio de Janeiro ou Niterói.



Naquela época, via-se perfeitamente a Via Láctea como uma mancha esbranquiçada dominando toda a esfera celeste. As pessoas nem tinham noção de que eram bilhões de estrelas. Chamavam-lhe “Caminho de Santiago”. Sobre isso, minha avó falava-me: – “Quem não for lá em vida, terá de ir depois de morrer”.



Eu, silenciosamente, me perguntava: como alguém poderá ir ao Caminho de Santiago em vida, se está tão alto? Nem eu, nem qualquer habitante do lugar tinha noção da distância em que as estrelas

se encontravam, nem de seu tamanho. Afinal, no livro do Apocalipse dizia que elas poderiam cair na Terra. Meus avós nunca foram a Santiago de Compostela, que fica a cerca de 200 km em linha reta da sua casa. Mas a distância é relativa aos meios que se utilizam para atingir qualquer lugar do planeta. Se eles tivessem ido lá o fariam a pé e teriam de atravessar montes cheios de espinhos, rios sem pontes e ainda a barreira fiscal entre Portugal e Espanha. Teriam de levar comida para a viagem, pois em poucos lugares havia vendas. Hospedarias, só em vilas, mas o mais comum era pedir a alguém para os deixar dormir em palheiros. Ainda havia o risco de serem roubados pelos caminhos portugueses ou da Galiza. Nas minhas viagens de férias a Portugal, nos últimos 15 anos, já fui a Compostela pelo menos cinco vezes. Indo e voltando no mesmo dia. Ainda há quem o faça a pé, mas em peregrinação com bastante conforto e por estradas excelentes.

Outro fenômeno observado frequentemente no espaço celeste eram as estrelas cadentes, como os habitantes denominavam os meteoros. Todos pensávamos que eram verdadeiras estrelas caindo do céu e não simples pedaços de rocha ou metal entrando em contato com a atmosfera terrestre. Quando observávamos, nos ensinavam a dizer: “Assim corra a minha alma para o céu”. O aparecimento raro de um cometa era presságio de tragédias. Falava-se que prediziam fome, pestes, guerras, mortes de reis e navios afundando. Era o próprio Demônio que os enviava para espalhar o mal na Terra.

Hoje quase ninguém observa o céu. Olhar o céu noturno significa alegria de viver, felicidade e bem-estar. Como nos grandes centros, a luz elétrica ofusca a visão do firmamento e o céu fica desinteressante. Minha visão é que as pessoas são bem mais infelizes hoje, vivem correndo atrás do dinheiro, vão para o exterior, ganham pouco, mas o pouco de lá, é muito em Portugal. Constroem belas casas nas aldeias. Casas que ficam subutilizadas, pois só nas férias alguém as habita. Depois ficarão abandonadas, pois os filhos nascidos em outros países e acostumados à vida urbana, não as utilizarão, ficando como testemunho do abandono da vida, do abandono dos ideais, do abandono do que foi sua terra Natal. As pessoas têm muito mais dinheiro, mas a vida de comunidade findou. Daí o antigo ditado: Dinheiro não traz felicidade.

O MEIO AMBIENTE NA DÉCADA DE 1950

O impacto das atividades dos camponeses e artesãos sobre o meio ambiente em Portugal, no século XX, até o final da década de 1950 e início da de 1960, era praticamente nulo, pois ainda se vivia numa época pré-industrial, onde os cultivos eram feitos com arados e carros de tração animal e utilização da enxada e força muscular em quase todas as atividades econômicas. Desde tempos imemoriais, séculos ou milênios, as montanhas haviam



Trabalhando no campo de centeio,
“ajudado” pelos filhos.

sido escavadas e construídos campos de cultivo, estreitos e com muros de arrimo, feitos com as pedras graníticas que abundavam na região e foram despedaçadas na base da marreta e cunhas de ferro e madeira. Desta maneira, os terrenos tornaram-se estáveis e propícios aos cultivos dos cereais. Quase nada

tinha mudado desde que os celtas, iberos, romanos, árabes e visigodos passaram pela área, deixando suas marcas na população, porém muito poucas no amanho das terras, por sinal de solos pobres, resultantes da decomposição do granito.

A grande modificação nesta região ocorreu na época da descoberta da América, quando o milho se tornou o principal cereal cultivado na região Galaico-Duriense em substituição ao centeio de menor rendimento por hectare, mas continuando a ser cultivado nas terras de sequeiro em pequena quantidade, necessária para adicionar à farinha de milho. A batata, originária dos Andes peruanos, também foi introduzida não só na região, mas em toda a Europa, impedindo que milhões de pessoas morressem de fome. Como a Inglaterra foi a principal importadora deste tubérculo recebeu o nome de batata inglesa em muitos países. No Peru dos Incas, havia mais de quatro mil variedades deste legume e hoje ainda há pelo menos mil e duzentas variedades. Foram os ingleses que adaptaram umas quatro ou cinco variedades que se espalharam por todo o continente Europeu. Na nossa região, era e é cultivada

em terrenos com declive não encharcados pelas águas. Também era o único cultivo em que, na época, utilizava-se adubo químico. Cada batata plantada deveria produzir entre 20 ou 30 para ser rentável.

Sendo os campos estreitos, em suas beiradas eram plantadas videiras, junto com árvores que lhes serviam de suporte. Este método tinha a vantagem de proteger as laterais contra desmoronamentos e escorregamentos e não sombrear os terrenos onde os cereais eram cultivados. Hoje, com o abandono dos campos, as videiras produzem menos, pois quando se lavrava o terreno e se estrumava, fortalecia-se o terreno e mantinha-se a produtividade. Os caminhos por onde se atingiam os campos, quase sempre eram calçados com rochas irregulares formando as calçadas ou quelhas, onde a erosão era insignificante. Quase sempre por cima destes caminhos havia ramadas ou latadas com armação de ferro e arame para suporte de parreiras que produziam as uvas protegendo também o solo.

O mato era constantemente roçado e trazido dos montes para as cortes (currais) do gado ou diretamente para os campos, para se transformar em adubo verde. Com isto, os montes estavam sempre limpos e quase não havia queimadas, pois o fogo se propaga pelo chão com fetos, ervas, giestas ou tojos (mato). Hoje, o abandono dos campos de cultivo torna desnecessária sua adubação e o mato cresce até a altura de um ou dois metros. No verão fica seco e os incêndios florestais tornam-se um flagelo na região. Após sua ocorrência, as chuvas, encontrando o terreno desprotegido, causam erosão máxima. Sem haver ainda sido inventada, podemos afirmar que a pegada ecológica nestas terras era extremamente leve.

A *pegada ecológica* foi criada em 1996, como um índice para medir a pressão do ser humano sobre a biosfera. Ajuda-nos a entender a quantidade de recursos que usamos para apoiar nosso estilo de vida. A *pegada ecológica* mede a pressão sobre os recursos naturais devidos ao consumo e estilo de vida da população. Estima a área biologicamente produtiva necessária para fornecer os recursos naturais que usamos na nossa vida diária; os recursos utilizados na casa em que vivemos, os móveis e objetos, as roupas, o transporte que utilizamos, o que comemos, o lazer que fazemos e os resíduos que produzimos. A *pegada ecológica* é medida em hectares globais (hag) e hectares globais *per capita* (hag/pc). Um hectare global quantifica a produtividade média mundial para terras e águas produtivas em um determinado ano. É uma medida de *biocapacidade*. A biocapacidade é a porção de área biologicamente produtiva para agricultura, pastagens, florestas e pesca, que está disponível para atender às necessidades do homem. Um hectare global *per capita*, refere-se ao espaço necessário para suportar o estilo de vida de um

indivíduo.

Observando-se o estilo de vida da população à época, constatamos que até as fezes humanas eram aproveitadas como adubo das hortas e campos de cultivo. Praticamente a população era autossuficiente em recursos alimentares, vestuário e mobiliário agrícola. Plantava-se linho que, depois de moído, cardado e fiado em rocas simples, se transformava em teares caseiros em peças de vestuário e toalhas de mesa. Até os resíduos de estopas e tomentos serviam para camisas rústicas. A lã das ovelhas, após tratamento, tinha destino idêntico: usei-a, assim como toda a família, em meias de lã e em suéteres, principalmente no inverno; além disso, as mantas das camas eram tecidas de lã ou farrapos. Bancos, mesas, escanos, arcas e baús também eram feitos com a madeira de pinho ou cerejeira produzida localmente. Cozinhava-se com azeite ou unto (banha) de porco. Bebia-se o vinho que se produzia; cerveja e refrigerantes (laranjada) nunca entravam na dieta local. A coca-cola era proibida em Portugal durante o regime Salazarista.

Como os camponeses quase nada compravam ou vendiam tinham uma *pegada ecológica* super leve, pois pouco contribuía para a destruição ambiental. Hoje, a agricultura mecanizada na maioria dos países tem-na bastante pesada, com forte ameaça à sustentabilidade da nossa civilização.

O DIA A DIA NA PERIFERIA

A vida dos camponeses nas regiões afastadas dos centros municipais variava muito pouco; contudo, mesmo nestas, havia variações de acordo com o poder aquisitivo dos aldeões. Em Sobradelo da Goma, freguesia distante da vila de Póvoa de Lanhoso, havia algumas quintas mais produtivas, mormente em Várzeas e Varzielas, onde também se localizavam alguns artesãos e vendeiros com relativo poder financeiro. Já lugares mais afastados com Cabanelas, Igreja Velha, Outeiro e Vilarinho de Cima a situação era um pouco pior. Embora todos vivessem do que a terra produzia, e era explorada ao máximo, o tamanho dos minifúndios era diferente, bem como a fertilidade dos solos. Se bem que todos os solos eram pobres, resultantes da decomposição do granito. Aqueles às margens dos cursos de água, ribeiros e talvegues eram bem mais produtivos que os de áreas de sequeiro.

A rotina do dono das terras, sua família e criados era semelhante o ano inteiro, se bem com atuação diferente de acordo com a estação do ano. Para eles, havia apenas duas estações: o verão e o inverno. O nascer e pôr-do-sol comandavam suas atividades. Trabalhava-se mais horas no verão que no inverno, pois no inverno amanhecia por volta de 8 horas e escurecia um pouco depois de 4 h (16 horas), enquanto no verão o raiar do dia era por volta de 6 horas e só após as 10 da noite (22 horas) ficava escuro. Férias só para as crianças na escola, quando elas a frequentavam, porém os trabalhadores nunca deixavam de trabalhar.

Trabalhava-se de segunda a sábado e apenas se descansava aos domingos, Dia do Senhor. Como os meses de dezembro e janeiro eram e são ainda muito chuvosos, com chuvas constantes por mais de 15 dias, interrompidas por, no máximo, dois a três dias de bocanho, isto é, sem chuva ou neve, os trabalhadores ficavam em casa, pois não havia o que fazer, não havia luz elétrica, e a televisão ainda nem havia chegado a Portugal e, como a maioria era de analfabetos, não lia jornais, que também nunca chegavam às periferias. Iam consertar algum socalco, desobstruir um rego, apanhar ervas para o gado ou galhos secos para o lume, mas nada de lazer.

A missa aos domingos era sagrada, pois era pecado mortal faltar a ela. Ainda se rezava o terço coletivamente nas tardes dominicais. Havia muitas mulheres solteironas, pelo fato de os homens terem emigrado, principalmente para o Brasil e as mulheres permanecido na terra de origem, causando

desequilíbrio de gênero. Frequentar a Igreja diariamente, como compensação para a falta de atividades sexuais, tornava-se prática comum. Todos os dias da semana, as missas realizadas às 6 horas da manhã tinham uma frequência elevada, quase sempre só de beatas que, mesmo chovendo a cântaros, estavam sempre presentes. Voltavam para ajudar no trabalho agrícola ou doméstico. Tanto quanto os homens, elas eram escravas das terras. Todos trabalhavam praticamente para se alimentar e mal. O que eventualmente sobrava, era gasto para consertar os carros de bois, comprar uma camisa, uma calça, pagar a décima (imposto sobre a propriedade) muito cara. O Governo arrancava os últimos tostões dos camponeses que, embora revoltados, eram obrigados a pagar.

Lazer somente aos domingos, após a missa e restringiam-se a frequentar as tabernas, jogo de malhas de ferro ou sueca, jogo de cartas, geralmente a valer um quartilho de vinho. Dançar era proibido pela Igreja na Arquidiocese de Braga. O que era pecado era crime na época do Estado Novo. Além do campo, a vida girava em torno da religião. Ai de quem não frequentasse a Igreja: era repudiado por toda a população da paróquia. Outro costume das pessoas, e que pode ser tomado como lazer, era aos domingos de tarde visitar os parentes distantes ou não. Como durante a semana o trabalho era extenuante e apenas em razão de doença se visitavam familiares, aos domingos era a oportunidade do que hoje chamamos de “jogar conversa fora”, principalmente filhos e netos tinham o costume de visitar seus progenitores. Famílias do interior sempre foram muito unidas. Era também aos domingos que se depositavam flores nas campas dos antepassados.

QUELHAS, QUELHOS E CAMINHOS

Os locais por onde as pessoas transitavam nas aldeias tinham nomes diferentes de acordo com a largura, piso ou comprimento: as quelhas eram e ainda são, caminhos calçados com rochas irregulares para evitar a erosão. Quase sempre as quelhas estão situadas em terrenos irregulares e ladeadas por campos de cultivo. Por elas passam os carros de bois que levam estrume ou mato para os campos e trazem os cereais, uvas, azeitonas ou palhas para as eiras, canastros ou lagares. Muitas das quelhas são atravessadas por regos que levam as águas das poças para regar os campos.

Quelhos são locais para trânsito de pessoas, mas estreitos o bastante para impedir o tráfego de carros de bois. O quelho, em geral, também é calçado de pedras irregulares, ficando entre duas paredes de campos diversos. Este local de trânsito, na maioria das vezes, levava a uma fonte ou bica de água onde os moradores locais, que não possuíam água encanada em casa, se abasteciam dela para cozinhar e para higiene pessoal, que não era mais do que lavar a cara e mãos pela manhã. A vasilha utilizada era o cântaro de barro, parecido com uma ânfora grega. Por ser de barro, não durava muito tempo. Daí o ditado popular: “o cântaro tantas vezes vai à fonte que um dia deixa a asa lá”. A asa era o local por onde se pegava o cântaro, para colocá-lo às costas. Era ainda usado para transportar vinho ou azeite dos lagares para os pipos ou barris. Apanhar água na fonte, desde os tempos bíblicos, era tarefa de mulher.

Quando estava fora dos povoados e era apenas uma trilha nos montes, feito pelo caminho de pastores ou caminhantes que desejavam um atalho para chegar de um lugar a outro, este tipo de local de trânsito de pessoas, que unia campos ou aldeia, recebia o nome de carreiros ou sendas. Daí o nome de burro sendeiro: animal usado para transportar carvão, ou alimentos, através de trilhas montanhosas.

O caminho diferia da calçada por não ter piso artificial e pedras irregulares no chão. Ainda se diferenciava da estrada, por ser menos largo e não ser calçadado ou asfaltado. De modo geral, era construído em terrenos planos ou quase planos, poucos sujeitos à erosão. Sua largura ultrapassava pouco a de um carro de bois. Quando, eventualmente, estes se cruzavam, um deles procurava refúgio na entrada de um campo ou leira. Porém, isso era raríssimo. Pelos caminhos fluía quase todo o transporte dos camponeses, assim

como o trânsito de pessoas. Todos os lugares tinham um caminho que convergia para a Igreja. Os caminhos uniam os lugares da freguesia, os montes de onde vinha o mato e a lenha, e a Igreja e a escola. Os carros de bois eram proibidos de transitar pelas estradas e a fiscalização disso era feita pelos cantoneiros, que tinham poder de aplicar multas a quem



Minha esposa, observando a queimada num caminho de Vilarinho de Cima

transgredisse a lei. Contudo, muitas vezes este trânsito era permitido, para levar doentes ao hospital, sempre localizado na vila ou cidade. Como não havia telefone e talvez só houvesse uma ambulância para todo o município, vi várias vezes pessoas com fratura exposta nas pernas serem levadas em carro de bois ao hospital municipal, o que demorava quase duas horas e causava enorme dor ao paciente, que nem sempre aguentava tanto sofrimento.

ANIVERSÁRIOS NATALÍCIOS

Como em qualquer lugar do mundo à época, a natalidade e mortalidade infantis eram altas. Nascia-se em casa, com a ajuda de parteira ou da própria mãe da parturiente. A mãe que dava à luz ficava em geral 30 dias sem trabalhar e comendo quase que exclusivamente caldo de galinha. Era comum se oferecer galinhas vivas, logo que o bebê nascia. A família da mulher ia lhas preparando durante um mês. Também não podia tomar banho e nem lavar a cabeça nesse período, razão pela qual seus cabelos ficavam infestados de piolhos e lêndeas que nem o pente fino conseguia eliminar. Tinha eu seis anos quando nasceu minha primeira prima. Como demorasse a nascer, tiveram de chamar o médico, que a extraiu com o auxílio de fórceps. Fui mantido longe do quarto do casal, mas pude ouvir os gritos de minha tia. Ainda não se praticavam cesarianas, principalmente nos rincões distantes das grandes cidades. Um carpinteiro fez um berço tosco com as laterais ovaladas, para a criança ser embalada e poder dormir mais rápido. Também minha tia ficou com a cabeça infestada de piolhos e lêndeas que nem com pente fino saíam. Como eu ainda não frequentava a escola, pois não tinha sete anos completos, a tia me pedia para lhe catar os piolhos me dando um pedaço de



Tia Maria, assoprando as velinhas e, à sua esquerda, Junior.

galinha cada vez que o fazia.

Quando a criança completou um ano, o fato passou despercebido, como os anos seguintes. As pessoas lembravam, mas não faziam qualquer comemoração. Às vezes, os pais lhe davam uma nova peça de roupa, mas nada mais que isso. Os padrinhos costumavam

dar um presente (que lá chamavam prenda) pela Páscoa, mas não pelo Natal, e quase sempre era uma grande rosca de pão de trigo ou uma fogaça. Ainda era costume o nome do recém-nascido ser escolhido pelos padrinhos e não

pelos pais. Hoje, parece absurdo, mas, naquela época, era considerado normal.

Quando retornei a Portugal pela primeira vez, em 1983, fizemos uma festa comemorando o 4º aniversário de nosso filho, Antônio Junior, e aproveitamos para comemorar também os 81 anos de minha tia Maria, completados uma semana antes: foi a primeira festa de aniversário que ela teve na vida. E também a única.

RIBEIROS

No Brasil raramente usamos esta palavra para pequenos cursos de água; utilizamos córrego, riacho, talvegue ou até rio, para nos referirmos à drenagem com águas pouco abundantes, permanentes ou não. Mas, em Portugal, a palavra é comum para vales com pouca água, na maioria resultando de nascentes montanhosas. A palavra rio somente se usa para cursos de água com relativo volume hídrico e em geral navegáveis. Os riozinhos têm (ou tinham) grande importância para a irrigação da agricultura. Em todos se faziam pequenos açudes, denominados poças, para represar suas águas. A maioria dessas poças foi feita há centenas de anos pelos camponeses. Sua manutenção era primordial para a agricultura familiar e era feita em mutirão. Cada propriedade tinha direito a seu uso em determinado dia da semana e não raro havia conflito pela sua posse. Eis um dos “casos” fantásticos contados por lá e que as pessoas acreditavam piamente: um dos homens mais corajosos da freguesia, vindo de noite pelos montes de Carreira, ouviu um barulho de enxadas batendo no chão. Foi ver o que era. Eram dois proprietários de terras, já falecidos, que batiam com as enxadas no chão e botavam fogo pela boca. Um dizia: – “as águas são minhas”. O outro retrucava: – “são minhas”. O corajoso gritou: – “que porra é essa?” Mas, ficou com tanto medo, que chegou a casa e se meteu debaixo das cobertas e em breve morreu do susto.

De modo geral, os ribeiros recebiam o nome do lugar que atravessavam. Assim, tínhamos o ribeiro de Carreira, o do Outeiro, de Vilarinho etc. Quase todos, exceto o de Vilarinho, eram drenados para o ribeiro de Várzeas. Este, além de ser o mais caudaloso, era o único que tinha pequenos peixes e enguias. Também suas poças conseguiam até no verão movimentar o maior moinho da freguesia, além do maior lagar de azeite. No verão, todos esses pequenos cursos de água eram utilizados para irrigação dos campos de milho. No inverno, quando o volume de água era muito maior, pois em Portugal as chuvas concentram-se no outono e no inverno, moviam moinhos de grãos e lagares de azeite onde o caudal era maior. Várias quintas tinham moinhos, mas o governo só permitia que moessem grãos para uso familiar. As multas eram altas para quem cedesse o uso, ainda que gratuitamente, para vizinhos ou conhecidos.

Nem todos os ribeiros tinham águas comunitárias; os menores, cujas nascentes eram em quintas particulares, onde se faziam reservatórios de á-

gua, eram de propriedade unitária. Devemos lembrar que, em Portugal, diferentemente do Brasil, as águas do subsolo são propriedade de quem possui as terras onde estão os mananciais localizados, podendo os donos dispor do recurso hídrico a seu bel-prazer, usando-o ou vendendo-o a terceiros. Meu pai, por exemplo, comprou uma nascente, para poder ter água própria encaçada na sua residência.

Enfim, os ribeiros eram essenciais às populações locais e nas suas margens ficavam as terras mais férteis e propícias ao estabelecimento das comunidades humanas.

DITADOS POPULARES I

Todas as culturas, todos os países e regiões têm seus ditados populares que, muitas vezes, diferem de áreas muito próximas. Outros são de domínio público e até hoje se usam, não só em Portugal, mas também no Brasil:

TÃO VELHO QUANTO A SÉ DE BRAGA. Este ditado, ainda usado tanto em Portugal como no Brasil, refere-se a alguma coisa que alguém diz como novidade, mas que todos conhecem. Waldir Amaral, maior locutor esportivo brasileiro, repetia-o frequentemente em relação a algum fato futebolístico trazido como novidade.

PELO SANTIAGO PINTA O BAGO. São Tiago ou Santiago Maior é comemorado em 25 de julho. Por esta data começam a amadurecer as uvas. Nas festas locais costumava-se colocar um cacho de uvas maduras na mão da estátua do santo.

PELO SÃO MIGUEL. Esta frase era usada pelos camponeses referindo-se ao dia de S. Miguel Arcanjo, data em que começavam as colheitas dos cereais.

SENHORA DA LAPA, dai a codicha à papa. Sua capela, na Serra da Cabreira, é vista da freguesia. Quando era sua festa, quem tinha recebido alguma graça por seu intermédio, realizava peditório para ajudar à celebração. Contavam que uma criança com fome comeu papas sem que a mãe soubesse. Como estas formam uma crosta superior, e com medo do castigo da mãe, pediu à Santa que desse uma nova crosta às papas. Falavam: – “uma esmola para a Senhora da Lapa, para ela dar codicha à papa”.

DOU-TE UM PONTAPÉ QUE TE PASSO A MEIA LÉGUA. Quando dois rapazes ou homens discutiam, um deles, para mostrar superioridade, dizia esta frase. Entretanto, mesmo dentro da freguesia não era usada em todos os lugares, tanto que um rapaz com deficiência mental usou-a na escola e ficou conhecido como pasta à légua.

O CÂNTARO TANTAS VEZES VAI À FONTE QUE UM DIA DEIXA A ASA LÁ. Cântaros de barro, com capacidade de cerca de 12 litros, eram o vasilhame mais utilizado para apanhar água nas fontes públicas. Era grande o número de casas sem água encanada. As donas de casa iam várias vezes por dia encher estas vasilhas nas fontes. Por sua fragilidade e uso cons-

tante, o cântaro quebrava ou perdia a asa por onde era segurado, daí o ditado.

SUBIR CALÇADO NA FIGUEIRA, MATA A ÁRVORE. Em Portugal, a figueira é uma árvore e não um arbusto, como no Brasil. Para colher os figos, devia-se trepar na árvore descalço. Minha avó contava que uma vez, na casa dos Pereira, de onde era originária, um emigrante brasileiro subiu numa figueira com os sapatos. Como era visita, não lhos mandaram tirar. A árvore começou a murchar e dentro em breve secou.

MULHERES NÃO PODEM PISAR UVAS. As mulheres podiam vindimar, transportar e derramar as uvas nos lagares, mas eras-lhes proibido pisá-las para fazer o vinho. Vinho que fosse pisado por mulheres não poderia ser usado na celebração da missa.

TRABALHO DE CRIANÇA É POUCO, MAS QUEM O PERDE É LOUCO. Desde os sete anos ou menos, as crianças trabalhavam ajudando nos campos de cultivo ou principalmente tomando conta dos rebanhos. Na época, ter muitos filhos era ter mais pessoas para trabalhar.

QUANTO MAIS RALOS MATE, MAIS RALOS FICAM. O ralo é um inseto que prolifera nos solos cultivados da região. Ele corta as raízes do milho novo fazendo a planta morrer. Como não se usavam agrotóxicos, eram exterminados com a enxada. O ditado certo era: quanto mais ralos se matassem, mais *raros* ficariam.

FAZER A ÁFRICA OU O BRASIL. Emigrar e ficar rico.

DA ESPANHA NEM BONS VENTOS NEM BONS CASAMENTOS. Os ventos originários de Espanha são ventos secos, que não trazem chuvas às plantações, e mesmo os ventos do Saara (Suão) secos passam pela Espanha trazendo problemas à agricultura. Quanto aos casamentos, refere-se a casamentos da realeza que comprometeram a Independência, em 1580.

SEM EIRA NEM BEIRA. Como não havia fábricas na região, a riqueza estava concentrada na posse de terras, e, quem não tinha terras, era considerado pobre. No lugar onde vivia havia cinco famílias, apenas três tinham eira. A eira era o local de secar e malhar os cereais e quem produzia pouco não precisava de eira. Beira referia-se aos campos ou leiras. Hoje a expressão semelhante é: “Não tem onde cair morto”.

MARIA ENQUANTO DOBA NÃO FIA. Atualmente, ninguém sabe o que é dobar, e fiar relaciona-se a vender fiado. Fiar era o processo de fazer o fio de lã ou linho, a partir do material cru: colocava-se uma maçaroca destes materiais no fuso da roca e as mulheres iam produzindo o fio artesa-

nalmente. A doba ou dobadora era uma espécie de roda, onde o fio era enrolado. No Brasil, há uma expressão similar: “assobiar e chupar cana ao mesmo tempo”.

QUEM SEMEIA VENTOS COLHE TEMPESTADES. Dito popular muito usado para quem faz o mal ao próximo ou sempre tenta prejudicar alguém.

QUEM FAZ UM CESTO FAZ UM CENTO. Isto é: quem comete qualquer falta ou erro é capaz de cometer muitos outros. Não acreditavam na regeneração do criminoso.

QUEM TEM CAPA, SEMPRE ESCAPA. A capa da época era feita de colmo ou junco, por onde a água da chuva escorria. Também era usada quando se tinha um padrinho que os livrasse de uma enrascada.

DITADOS POPULARES II

MARIA VAI COM AS OUTRAS. Não se referia apenas ao sexo feminino, mas a qualquer pessoa sem personalidade e que fazia o que alguém determinava. A expressão ainda é usada, inclusive no Brasil.

OLHA O SENHOR RALHANDO. Era comum as mães e avós, durante trovoadas, dizerem às crianças que era Deus brigando (ralhando) com elas ou chamando-lhe a atenção por não se terem comportado bem.

TREMER FEITO VARAS VERDES. Com a poda, brotavam galhos finos nas cerdeiras e salgueiros que, com o vento, vergavam. Quando alguém levava um susto ou se acovardava tremendo de medo, utilizava-se este ditado.

QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA. Muito usado pelas camponesas que, deixadas a sós por emigração dos maridos, tinham o hábito de cantar, enquanto trabalhavam nos campos.

QUEM NÃO TEM CÃO CAÇA COM GATO. Usado quando alguém se queixava de não ter material apropriado para realizar alguma coisa.

FALAR COBRAS E LAGARTOS. Numa discussão, dizer isto significava dizer impropérios ao oponente na forma de xingamentos e palavrões.

FALAR CARVALHOS E SALGUEIROS. Quando alguém falava palavrões, a pessoa que ouviu, para não os repetir ao comentar com outro, dizia que ele tinha falado assim.

MATAR DOIS COELHOS COM UMA CAJADADA SÓ. Todos os pastores usavam um cajado ou vara, com cerca de um metro ou um pouco mais, para se apoiar e tocar os rebanhos. Os coelhos se escondiam no mato e, por vezes, os pastores conseguiam o almoço do dia seguinte ou domingo. Muito raramente dois coelhos se alojavam num mato rasteiro e, se acontecesse, poderiam ser mortos com uma única cajadada. Mas o refrão era aplicado a ter sucesso em dois eventos simultâneos.

DESSE MATO NÃO SAI COELHO. Isto é, não espere nada de alguma coisa ou de alguém. O Barão de Itararé tinha frase semelhante: “de onde menos se espera, daí é que não sai nada”.

VERMELHO AO POENTE, SOL DE REPENTE. Quando ficava avermelhado o pôr-do-sol, haveria a seguir tempo bom (ensolarado).

ARCO DA VELHA, nome que se dava ao arco-íris. Já, “Coisas do Arco da Velha” são casos fantásticos ou inverídicos. Os famosos “causos” do interior do Brasil.

IR À BRUXA, ir consultar uma rezadeira que, no Brasil, seria uma Mãe de Santo, para adivinhar o futuro ou se qualquer negócio iria dar certo.

UM PARIR DE MULA. As mulas, resultado do cruzamento de jumento com égua ou cavalo com jumenta, são estéreis. Mas dizia-se que uma em mil poderia ficar prenha, daí que quando uma coisa era quase impossível, utilizava-se este ditado.

HORÁCIO, sinônimo de mentiroso. Dizia-se que um pastor chamado Horácio, gritou uma vez: – “Lobo!! Lobo!!” Todos na aldeia correram para ajudar a espantar o animal, e ele dava risadas de deboche. Passado algum tempo, repetiu o gesto, e, novamente, os camponeses correram para ajudá-lo. Numa terceira vez, o lobo apareceu de verdade, ele gritou, mas ninguém o socorreu e ele perdeu vários cordeiros, devido à mentira que havia proferido por duas vezes. Horácio era alguém que mentia sempre.

POR FORA BELA VIOLA, POR DENTRO PÃO BOLORENTO. A nova geração dificilmente sabe o que é pão de milho bolorento (dizíamos balorento). Todas as famílias rurais faziam pão de milho em fornos caseiros. Este pão durava de uma a duas semanas. Além de duro, pelo menos no inverno muito úmido, ganhava um fungo, ficando mofado e com uma cor diferente, que variava do branco, esverdeado ao cinzento e o gosto era ruim. Mesmo assim, não era desperdiçado. Hoje, por vezes, o pão de forma acondicionado em plástico, mesmo em geladeira, também fica mofado. O ditado é usado hoje, por exemplo, para certos pregadores religiosos ou oradores acadêmicos que têm um belo discurso, mas a prática é o contrário do que pregam.

UMA NO CRAVO E OUTRA NA FERRADURA. Pelos anos 1950, ainda existiam ferradores, embora em extinção. Os cavalos precisavam ter ferraduras, para não gastar demais a sola de suas patas, uma vez que eram animais de montaria. Nem todos podiam ter cavalos, pois sua manutenção era cara. Mas, para ir à cidade ou vila ou ainda namorar longe do local de origem, o cavalo era o que hoje é o automóvel ou motocicleta. Nem todos os ferradores eram exímios. Por isso se usava esta expressão, quando alguém fazia alguma coisa certa e outra errada.

NÃO ACERTAS NEM NUM CARRO DE MATO. Máxima usada muito por caçadores de coelho ou perdiz. O carro de mato, puxado por bois, numa região sem trens ou caminhões, era o maior objeto móvel. Não acertar nele significava mau atirador.

QUER VER SEU CORPO, MATE SEU PORCO. Numa época sem livros ilustrados e muito menos sem filmes ou vídeos, os camponeses não tinham ideia de como era o interior de seu corpo. Como no início do inverno se matavam porcos e os deixavam pendurados para escorrer o sangue, podia-se ver suas vísceras e órgãos.

DITADOS POPULARES III

CONFUNDIR ALHOS COM BUGALHOS. O escritor e humorista Millor Fernandes dizia que o difícil é saber o que são bugalhos. O bugalho é uma bolota do carvalho, árvore europeia, desconhecida no Brasil. Não é comestível, mas era utilizada como enfeite em arruados em festas religiosas, ou como brinquedo de crianças. Seu formato é parecido ao dos alhos, daí a expressão.

AOS TRANCOS E BARRANCOS. Se um conterrâneo de Dom Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, fosse transportado aos anos 1950, não sentiria grande diferença entre os hábitos e trabalhos dos camponeses. Os carros de bois, de vez em quando, empacavam nos péssimos caminhos e que-lhas da região. Não adiantava simplesmente empurrar, era preciso dar um tranco, o que era feito com um pedaço de pau, tranca ou fueiro. Além disso, todo o Minho é acidentado e as leiras e campos têm muitos barrancos, difíceis de transitar, daí o ditado.

CHOVE A CÂNTAROS ou **CHOVE QUE DEUS DÁ.** Chover torrencialmente. Na Inglaterra usam a expressão, chove gatos e cachorros, o que, em Portugal, não faz nenhum sentido.

LEVAR ÁGUA AO MOINHO. Tentar levar vantagem em tudo. Os moinhos de milho ou trigo funcionavam com a energia da água. A maioria das vezes, a água devia ser desviada de ribeiros ou córregos, para ser suficiente para a mó funcionar.

AQUI D’EL REI. Grito das pessoas pedindo socorro, seja por estarem sendo roubadas ou em perigo físico.

QUEM CONTA UM CONTO ACRESCENTA UM PONTO. Qualquer história ou estória contada por terceiros nunca é a mesma original. Se alguém vir um casal de namorados se dando as mãos, o próximo vai dizer que se estavam beijando; já contado por um terceiro, “que estavam indo para a cama” etc.

CASA ONDE NÃO HÁ PÃO, TODOS BRIGAM E NINGUÉM TEM RAZÃO. Entenda-se aqui pão sinônimo de comida. As brigas familiares tinham, como ainda têm, na maioria das vezes, motivações econômicas, sendo que, na época, passava-se fome, e muitos dias nada havia para se comer.

QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA, relacionada aos bebês, mas

muito usada até hoje, quando alguém pede alguma coisa e só o consegue por insistência.

ONDE VAI O FOLE, VAI O ATILHO. Atilho é um barbante ou fita para atar. Fole era recipiente de pele de cabra ou de ovelha usado para transportar líquido ou grão. Um dependia do outro; era utilizado para quando duas pessoas andavam sempre juntas.

CONVERSA PARA BOI DORMIR. No Brasil, utilizamos mais conversa fiada. Eram as conversas sem pé nem cabeça de muitos camponeses.

TAPAR O SOL COM UMA PENEIRA. Muitas vezes, as pessoas queriam esconder algo que as incriminava ou as deixavam em posição ética ou moral desfavoráveis. Comentava-se que estavam tentando esconder o sol com uma peneira, que é cheia de buracos.

ENSINAR A MISSA AO VIGÁRIO. Quando alguém, principalmente um jovem, tentava corrigir algo em um adulto, que era *expert* no assunto, no caso, vindimar ou plantar, mandava-se o corregedor “ensinar o padre a dizer missa”.

SÃO OUTROS QUINHENTOS ou CONTO DO VIGÁRIO. Vigário era o nome que se dava ao padre responsável pela paróquia; já, “conto do Vigário”, era uma maneira de induzir os outros ao engano. Constava que há muitos anos, numa aldeia portuguesa, um sujeito fez compras numa venda e a seguir o pároco também o fez e pagou com uma nota de 500 escudos. O freguês nada havia pago. O comerciante falou ao cliente: – “não vais pagar?” Ele retrucou: – “estou esperando o troco: dei-lhe uma nota de 500, de número tal”, que era a que o vigário tinha dado. Chamada a polícia, esta viu que a nota estava no caixa, mas o comerciante disse: – “esses são outros 500”. Assim, “outros 500” passou a ser sinônimo de o outro lado da história.

DE HORA A HORA DEUS MELHORA. A visão de Deus, no interior de Portugal, até os anos de 1970, era similar a de Deus do Antigo Testamento: um Deus colérico, sempre disposto a castigar. Com o tempo, esta ideia se tornou mais suave e o povo adotou este refrão.

QUEM TEM BOCA VAI A ROMA. Estímulo às pessoas para perguntar onde algum lugar está localizado.

BURRO SENDEIRO. Sendas são as trilhas pelas montanhas onde é difícil caminhar, principalmente carregando alguma coisa pesada. Apenas burros ou mulas podiam fazer o trajeto carregando cereais, farinha ou frutas.

DAR-LHE CABO DO CANASTRO. Canastro era o local onde se guardavam as espigas de milho, por isso, também conhecido por espigueiro. Já dar “cabo do canastro” era bater muito, em especial na esposa.

VERMELHO AO MAR, VELHAS A ASSOALHAR. O pôr-do-sol, no oeste de Portugal é no Oceano Atlântico: quando ficava vermelho, era sinal de tempo ensolarado; já vermelho ao nascente era indício de chuva.

QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA. Maneira de dizer para não nos apressarmos para obter determinado bem ou graça divina.

METE-LHE UMA CUNHA. A cunha é um plano inclinado duplo, de ferro ou madeira, próprio para ajudar a abrir (rachar) troncos. Usava-se para tráfico de influência, por exemplo, para obter um emprego público.

DITADOS POPULARES IV

CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU. O que se chamava espeto era um pau ou mourão espetado no chão onde se amarravam as vacas, em geral no intervalo do trabalho. No Brasil, espeto é de churrasco. Aliás, a nova geração nem sabe o que faz o ferreiro. Recentemente falei a minha filha, em Londres, sobre o ferreiro. Perguntou: – “O que é que o ferreiro faz?” Este ditado era usado quando alguém não utilizava as coisas que tinha à mão para usar algo estranho.

AZEDO COMO RABO DE GATO. Mesmo sendo tabu comer carne de gato, quando alguma coisa era intragável de tão ruim, por exemplo: vinho envinagrado ou comida estragada, este ditado era usado.

COMER GATO POR LEBRE significava vender algo por preço irrisório ou comprar alguma coisa pagando muito mais do que valia. Isto acontecia muito quando se negociava com ciganos. A lebre era considerada uma iguaria, já o gato ninguém se atrevia a comer, mesmo quem vivia na miséria.

COM A BOCA NA BOTIJA. Botija é uma garrafa de barro, muito usada antigamente. Conta-se que uma mulher não gostava de vinho. Um dia, o marido encontrou-a na adega bebendo vinho diretamente da botija. Ela falou: – “não gosto e não gosto, é escusado (não adianta) teimar”. Significa surpreender alguém fazendo algo ilícito.

DEVAGAR COM O ANDOR QUE O SANTO É DE BARRO. Andor é um artefato religioso usado em procissões para transportar um santo nos ombros dos fiéis ou nas mãos. A expressão era usada para chamar à prudência em qualquer situação.

JUSTIÇA DE FAFE. Justiça? Feita na base do porrete. Não muito diferente de justiça pelas próprias mãos. Fafe é uma cidade do norte de Portugal, próximo a Guimarães.

ZÉ BUCHA. Alguém muito gordo ou obeso. A expressão deve-se aos atores clássicos: O Gordo e o Magro que, em Portugal, são denominados Bucha e Estica.

FINO COMO UMA RAPOSA. Fino significa inteligente. Fino como uma raposa é ser inteligente, esperto, astucioso ou eficaz para os negócios.

FICAR COM A RAPOSA. Estudante que foi reprovado.

MANDAR A RAPOSA TOMAR CONTA DO GALINHEIRO. No inverno rigoroso, a raposa, afetada pela fome, costumava descer das montanhas e atacar os galinheiros e, por isso, era caçada pelos camponeses. Usava-se muito para exemplificar alguém desonesto ou mal intencionado exercer uma função de responsabilidade.

O VENTO QUE VENTA LÁ É O MESMO QUE VENTA CÁ. Expressão usada para rebater alguém que quer fazer seu ponto de vista prevalecer, ou amedrontar, através de gritar mais alto.

O PRIMEIRO MILHO É DOS PARDAIS. Usava-se muito em jogo de cartas (sueca): o perdedor das primeiras rodadas lembrava que o primeiro milho a brotar do solo era comido pelas aves. Vocês ganharam a primeira partida, mas o jogo está no começo.

CHOVER NO MOLHADO. Dizer alguma coisa como novidade que todo o mundo já sabe ou conhece.

NÃO SE FALA EM CORDA, EM CASA DE ENFORCADO. Não falar sobre um assunto que poderá constranger quem o escuta.

LEVAR OS OUVIDOS AO FERREIRO. Quando alguém não ouvia ou fingia que não ouvia o que se falava, era comum mandar levar os ouvidos ao ferreiro para consertar.

SÃO LÍNGUAS DE PERGUNTADOR. Usado quando uma criança fazia muitas perguntas, querendo saber demais. O adulto que por vezes não sabia a resposta respondia desta maneira.

METER O RABO ENTRE AS PERNAS. Deve-se ao fato de os cachorros, quando escorraçados ou se amedrontavam em brigas, corriam com os rabos entre as pernas.

CHUVA NA EIRA, SOL NA LEIRA. Numa sociedade que acreditava piamente que Deus comandava tudo, dizia-se que Ele não poderia nunca atender a todos os pedidos, pois eram contraditórios. Pedia-se chuva na horta ou no campo, e sol na eira, para secar os cereais.

PRIMEIRO DE ABRIL, VAI O TOLO ONDE NÃO DEVE IR. No dia da mentira, comemorado em Portugal e toda a Europa, tornou-se tradição inventar coisas mirabolantes em que muitos (os tolos ou bobos) acreditam. No Brasil, é comum no futebol ou política as contratações de craques por times pequenos ou promessas de políticos de fazer obras incríveis, como

campos de pouso para OVNI's etc.

MENTIRA TEM PERNAS CURTAS. Dizia-se que a verdade sempre apareceria. Hoje não estou tão certo disso.

QUEM ESTÁ DE FORA RACHA CANHOTAS. Canhotas eram e são pedaços curtos de tora de madeira, partidos com o machado pelo lenhador, sendo irregulares. Quando se jogavam cartas, qualquer um que não estava participando (no Brasil chamado de piru) e dava uma opinião, quem estivesse jogando repreendia-o, dizendo isso.

TRABALHAR COMO UM MOURO. Os mulçumanos, que conquistaram a Península Ibérica, não eram árabes e sim de um país do Norte da África, conhecido como Mauritânia. Tinham fama de grandes trabalhadores. No Brasil é dito: “trabalha como um escravo”.

PÕE-TE A PAU – fica alerta, expressão deriva de os camponeses andarem sempre com um cajado, quando iam às feiras ou vilas. Jogar o pau era também um dos esportes que praticavam.

CACHICHA (falava-se CATCHITCHA) - demonstração de nojo ou desagrado. Que bicho fedorento, cachicha.

BADALHOCA (Badalhoco) – dizia-se de uma pessoa que andava sempre suja ou infestada de piolhos. Fulana! É uma badalhoca.

TIPOS POPULARES

Cada aldeia, cada bairro e mesmo cada rua, tem certas pessoas que todos conhecem e que se diferenciam da maioria, seja para o bem ou para o mal. Vamos falar de alguns tipos populares da época de 1950, em Sobradelo da Goma, mas devo lembrar que saí de lá muito pequeno e do universo das pessoas da aldeia poucas são lembradas aqui.

ARISTIDES, pai do meu amigo Alberto, dono da melhor venda da Aldeia. Havia estado no Brasil onde ganhou bastante dinheiro. Não sei onde esteve nesse país, pois contava que não havia pedra lá. Falava que o Brasil era muito rico, mas seria mais se tivesse a laje do Pinto (formação rochosa em Porto d’Ave). Teve o primeiro rádio da freguesia. Era onde eu ouvia os relatos do futebol português, sentado sobre um caixote em que se guardava farinha. E esperava lá passar a camionete para comprar o jornal sobre o futebol de domingo. Por vezes, Alberto me emprestava um escudo, para pagar o jornal. Além de bar, era o melhor armazém local.

MARIA DO QUELHO, assim chamada por sua casa ser localizada num quelho do Outeiro. Era mãe de meu amigo Adelino. Com seu marido foi caseira na Igreja Velha. Mulher decidida e trabalhadeira. O que se destacava nela era o fato de não falar uma frase sem dizer um ou vários palavrões. Era seu jeito de falar. Os psicólogos dizem que as pessoas que eventualmente falam palavrões são as mais autênticas e confiáveis: é um assunto a pensar.

Quando frequentei a Escola Superior de Guerra, o Coronel Aviador Roberto contava que se tornara amigo da filha de Lampião, famoso cangaceiro do Nordeste do Brasil. Exagerando, dizia que ela, em cada duas palavras que falava, três eram palavrões, o que não a impedia de ser boa pessoa. Em Portugal, considerava-se pecado falar palavrões. Mas o que é pecado? Com certeza não um tipo de linguajar...

JOSÉ (ZÉ) SAPATEIRO. Junto com o irmão celestino eram os melhores sapateiros da freguesia. Pai de meu amigo Arlindo. Além de consertar sapatos: botar tombas, meia solas e tacões, ainda fazia botas, sandálias e sapatos de encomenda. Nas férias do Seminário ia todas as segundas-feiras para sua oficina conversar sobre futebol com seu filho enquanto esperava a camionete das 10 horas para comprar o jornal *Primeiro de Janeiro* ou *Comércio do Porto*. Agora sei que até deveria atrapalhar o trabalho do meu amigo.

Mas ele sempre foi delicado e jamais reclamou, pelo menos comigo. Arlindo quando casou foi viver no Porto e deixou a profissão do pai. Com a evolução tecnológica tornou-se obsoleta.

ZECA DA GROBA. Talvez fosse a pessoa mais rica da freguesia, considerando-se os parâmetros locais utilizados para riqueza. No Brasil, seria, no máximo, da classe média. Além da boa quinta que tinha em Varzílias, ainda herdou a quinta do Antunes, que era a melhor do Outeiro e comprou, na bacia das almas (muito barato), a quinta do Soutinho, que era a melhor quinta de Vilarinho de Cima. Sempre que passava na Igreja Velha vinha acompanhado de meu tio, José Maria Soutinho, outro bom caçador. Lembro que o Zeca da Groba tinha a mão direita torta, devido a um acidente com espingarda. Mesmo assim, era excelente caçador de perdizes e coelhos.

O PASSADIÇO. Não sei seu verdadeiro nome. Só o vi algumas vezes na Igreja e, como era costume na época, os adultos não davam a mínima atenção às crianças. Numa comunidade mal nutrida era o único gordo, sem ser obeso, da freguesia. Sempre era chamado para ser árbitro em questões de litígio, seja na linha divisória de propriedades ou bens. Era muito respeitado e, na região, considerado rico.

VALDEMAR DO FERREIRA. Herdou do pai a habilidade ortopédica. Mesmo depois que a medicina se universalizou em Portugal: luxações, fraturas, quedas de árvores ou de motocicletas, que deixavam traumas, ele curava com espantosa habilidade. As pessoas não procuram o hospital nem os médicos, vinham de longe direto a Vilarinho de Baixo e este homem massageava, entalava ou fazia outros procedimentos, sem cobrar absolutamente nada. Foi um homem que, ao morrer já com idade avançada, fez uma tremenda falta à comunidade local.

JOAQUIM DA RIALONGA. Foi um homem violento, corajoso, inconsequente e mau. Morava em Cabanelas, lugar mais pobre da freguesia, era forte e muito pobre. Lembro que, quando caiu um socalco na Agra, melhor campo da família, ele trabalhou mais de um mês, junto com meu tio, meu avô e criados, para reparar o deslizamento. Batia na esposa todos os dias. Bater nela era a sua diversão. Na época, não havia leis protegendo a mulher, ou, se existiam, achava-se um direito do marido espancar seu par. Trabalhava a dias e espancou uma vaca até à morte, porque ela empacou pelo peso do carroto que levava. Não sei qual foi seu fim.

IRMÃO ADELINO quis ser padre ou irmão franciscano, mas, devido à pobreza ou à má fama do pai, não o conseguiu. Andava de hábito de

burel e foi ele que me tirou a primeira fotografia junto com a prima Laura, não sei como conseguia fotografar com uma máquina tão primitiva. Sua vontade de ser frade acompanhou-o por toda a vida. Era um santo homem, mas infeliz a vida toda. Lá pelos anos de 1980, conseguiu construir uma casa, que até hoje permanece inacabada, para jovens dependentes de drogas ou abandonados pelas famílias. O povo da freguesia foi contra, porque esses jovens, por falta de estrutura da missão a que se propunha o Irmão Adelino, que não recebia ajuda financeira suficiente para manter a obra, realizavam pequenos furtos na localidade. Acabou sendo assassinado com requintes de crueldade por um dos jovens que quis recuperar: decepou-lhe a cabeça com uma catana.



Meu tio, Irmão Joaquim, eu e meus filhos, em Vieira do Minho

IRMÃO JOAQUIM VELOSO. Levava uma vida comum, era alfaiate, mas aos 25 anos decidiu tornar-se missionário. Após entrar para o Seminário em Cucujães, no Centro de Portugal, foi enviado para as Missões em Moçambique. Ficou 25 anos em Nampula, no norte desse país, responsável pela alfaiataria, agricultura e pecuária. Formou muitos jovens para o trabalho. A produção era enorme gerando excedente para o funcionamento das atividades. Voltou a Portugal com a saúde abalada, com problemas cardíacos e artroses. Foi ecônomo e formador de irmãos missionários no Seminário de Valadares. Faleceu em 2003.

Uma das razões que o levou a optar pela vida missionária foi a morte precoce de um irmão, chamado Avelino, aos 17 anos de idade. Rapaz forte, convocava os vizinhos para a missa soprando uma buzina. Um dia, vindo da missa de domingo na Igreja Velha com meu avô, foi até sua casa separar castanhas do ouriço, pisando-as com as botas. Ao chegar a casa da Mouta, senti forte dor no joelho. No dia seguinte, teve febre altíssima e começou a delirar, vendo mouros atacando-o. Seu pai lhe deu um cajado que, com ele, atacava os mouros resultantes do delírio. Sem atendimento médico, faleceu 3 dias depois. Meu pai, ainda solteiro à época, dizia que sua mãe, uma mulher forte, nunca mais foi a mesma. Eu sempre a vi vestida de negro, traje que usou após o falecimento do filho.

NATAL NA MINHA ALDEIA

Em 1951, ainda não havia chegado às aldeias portuguesas a figura nefasta do Papai Noel, digo nefasta porque veio eclipsar o nascimento de Deus Menino. Ninguém dava presentes, porque ninguém tinha nada para dar naqueles tempos de pós-guerra. Se alguém oferecia alguma coisa, era presente do Menino Jesus.



Pinheiro natalino das tradições europeias

Na Igreja era preparado um belo presépio que nos encantava como crianças que éramos. Como essa época é uma das mais frias em Portugal e na Europa, os penedos estavam cobertos de musgo, essencial para fazer o prado que circundava a gruta da manjedoura. Em geral, eram os jovens que providenciavam este material trazido em cestos dos rochedos dos montes. Os animais e figuras da Sagrada Família e pastores ou Reis Magos eram da própria paróquia e reaproveitados todos os anos, mas cada ano o presépio tinha formato diferente. Era nisso que repousava sua beleza. Na nossa casa, como em algumas das residências

dos camponeses, também se armava um pequeno presépio em homenagem ao Salvador do Mundo e durante o período natalino o terço em família era rezado perto do presépio.

Nas décadas de 1940 e 1950, a palavra Natal era pouco pronunciada nas aldeias portuguesas, e muitos a desconheciam. Consoada era a palavra apropriada para o Nascimento de Cristo nas freguesias montanhosas do Minho. O dia 24 de dezembro marcava a reunião da família com uma ceia de bacalhau com batatas e couves, regado a muito azeite, o que para nós era um banquete. No frio invernal, as couves ficam extremamente tenras (macias), devido à geada, tornando a ceia mais saborosa. A Consoada era uma das poucas ocasiões do ano em que a comida era farta. Convivendo com escassez onde raramente sabíamos o que era encher a barriga, pois se comia pouco e

mal durante todo o ano, por isso esta ceia era uma dádiva especial do Menino Jesus. Não era costume comer castanhas, avelãs ou nozes, nesta época, pois estas frutas os camponeses tinham-nas à vontade nas suas propriedades, mas, devido à pobreza, vendiam-nas para a cidade. Era tradição nas aldeias fazerem-se rabanadas, formigos (espécie de pudim de pão), aletria e filhós.

No dia de Natal, todos íamos à missa, uma missa solene onde os jovens da Juventude Operária Católica entoavam as canções natalinas e, além do presépio, os altares eram enfeitados com folhagens, pois as flores eram escassas no inverno. E, à noite, grupos de rapazes saíam cantando pela freguesia canções natalinas ou de Folia de Reis Magos. Paravam em cada casa, faziam reverência ao dono que lhes retribuía com algumas moedas ou um presente qualquer.

BATISMO

Numa comunidade de famílias numerosas, onde todos, mesmo os mais pobres, tinham em média dez filhos, quase todos os domingos havia batizados. Como a única religião era a católica e não havia ateus, todas as crianças eram batizadas na Igreja Matriz. Devido à alta mortalidade infantil, este sacramento eclesial era quase sempre ministrado nos primeiros dez dias da criança. Nunca tive notícia de morte de mãe, mas morte na infância era um fato normal e o cemitério reservava cerca de um terço de sua superfície para os anjos, como chamavam as crianças que morriam até os sete anos de idade.

Quando a criança nascia com problemas muito graves e não havia tempo de a batizar na Igreja, alguém da família ou não, derramava-lhe água sobre a cabeça, para que não morresse pagão e fosse para o *limbo*, lugar para onde iriam as almas inocentes que, sem terem cometido pecados mortais, estariam para sempre privadas da presença de Deus, pois seu pecado original não teria sido submetido à remissão através do batismo. O Papa João Paulo II, que teve uma irmã natimorta, acabou com este termo, que só seria promulgado por seu sucessor, Bento XVI, mas, na verdade, isto nunca fez parte oficialmente da doutrina da Igreja Católica.

A pia batismal ficava na entrada do portal da Igreja, situada em oposição ao altar-mor, sob o coro. Todas as igrejas e catedrais que conheço no



mundo têm a entrada da nave nos fundos, e a Igreja de Sobradelo não é diferente. A pia era constituída por uma pedra de granito em forma de taça, com cerca de um metro de diâmetro e uns 30 cm de profundidade no centro, visto que era côncava. Era nela que era guardada a água benta para o ano inteiro e que, conforme se

fazia necessário, era colocada nas entradas principal e laterais, para os fiéis se persignarem ao entrar no templo. Hoje, devido à contaminação, pois todos metiam a mão na água para fazer o sinal da cruz, muitas igrejas aboliram as

pias de água benta na entrada das mesmas. Mas, em muitas, é costume o padre aspergir com o hissope a água benta sobre os fieis no início das missas.

O ritual do batismo a que eu como coroinha muitas vezes participei, constituía de água benta derramada sobre a testa da criança, representando a vida nova e perdão do pecado original. O padre dizia: – “Eu te batizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Com o óleo santo, o sacerdote fazia uma cruz no peito da criança, simbolizando a força da graça de Deus contra o mal. Uma vela acesa, segurada pelos padrinhos ou pais, simbolizava a luz da fé. Uma pitada de sal era colocada na boca do bebê. A criança sempre era e ainda é vestida com roupa branca, indicando a pureza do corpo e da alma de quem recebe o sacramento. A partir daí, aquela criança torna-se para sempre filho de Deus e membro da Igreja Cristã. Aos padrinhos cabia a missão de responder em nome da criança à profissão da fé. Exceto a quem não podia pagar, o padre cobrava pela administração do sacramento, para poder fazer face às despesas pessoais. Aos coroinhas, por vezes, os pais ou padrinhos davam algumas moedas.

CONTRABANDO DE PREGOS

Parece incrível que alguém possa se dedicar a contrabandear pregos. Entretanto, isto aconteceu em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial. Sabemos que sem estes objetos as obras de construção civil seriam profundamente afetadas ou até parariam. Ainda solteiro, meu pai era um dos carpinteiros mais procurados na freguesia e cercanias, para obras de recuperação de telhados, reforma de casas e confecção de barris ou carros de bois. Como era costume à época, cabia ao carpinteiro serrar a madeira, obter pregos e outros materiais necessários à sua profissão. Não existindo pregos, não havia trabalho, e todas as obras ficaram paralisadas. Sem trabalho não se sobrevivia.

Entretanto, na Galiza, não faltavam pregos, porém faltava arroz, abundante em Portugal. Nessa época, não havia ligação rodoviária ou ferroviária entre o Minho e a Galiza, e mesmo que houvesse, não havia dinheiro para o deslocamento. Meu pai, junto com três colegas de Vilarinho de Baixo, decidiram ir até Tuy. Cada um levou um saco de arroz às costas, para trocar por pregos, além de um farnel com comida, que se resumia à broa de milho, cebolas cruas e uma racha de bacalhau. Já para beber, saciariam a sede em nascentes ou riachos. Era o mês de novembro, quando já é bastante frio e há geada nas serras. A distância a ser percorrida a pé, por montes, vales e campos de cultivo, era de cerca de 200 km. Hoje, pela autoestrada, não ultrapassa 100 km.

Saíram de Vilarinho em direção ao norte, dormiram debaixo de penedo. Com o frio intenso noturno tiveram de dormir agarrados um ao outro, com o peito unido para não congelarem. Atravessaram abismos em vales com talwegues. Num deles, com apenas um tronco ligando as duas margens, meu pai teve de carregar às costas um amigo que teve uma crise de choro e tremia tanto que não conseguia se equilibrar no pontilhão. Demoraram dois dias e duas noites para chegar à Valença do Minho. Era preciso esperar anoitecer, para que a fiscalização portuguesa e espanhola não os descobrissem. Por fim, atravessaram o Rio Minho e foram à venda fazer o escambo de arroz por pregos. O dono da loja disse-lhes: – “Não se preocupem que os fiscais estão com umas meninas (prostitutas), se divertindo.” Voltaram pelos mesmos terríveis caminhos que vieram, mas trouxeram a preciosa carga que lhes permitiram trabalhar. Por algum tempo, foram os únicos que o conseguiram, apenas e tão somente por terem pregos.

MEDIDAS ATÉ OS ANOS 1960

Nas aldeias onde as novidades custavam a chegar, pois as notícias eram levadas de boca a boca ou de pessoa a pessoa, porque não havia rádio ou telefone nos rincões afastados das vilas ou cidades, prevaleciam antigas medidas para os mais diversos meios de comércio ou relacionamento entre os camponeses.

Os líquidos eram avaliados em tamanho decrescente, como: tonel (1000 litros) ou duas pipas que correspondia a cerca de 500 litros cada. Assim, falava-se: “este ano colhi dez pipas de vinho. Para volumes menores, usava-se o almude ou cântaro, o primeiro de cerca de 20 litros e o segundo de 12 litros. Usava-se preferencialmente para medir azeite. O olival rendeu 10 almudes de azeite. Para volumes ainda menores utilizava-se a canada e o quartilho. Nas tabernas, pedia-se um quartilho ou uma canada de vinho. O quartilho era cerca de meio litro e a canada quatro vezes mais.

Para medidas lineares usavam-se, em termos decrescentes: a légua, que media cinco quilômetros; a braça, correspondendo a um homem com os braços abertos, ou 2,20 metros. Havia a vara com cinco palmos ou 1,10 metro. Lembro-me que minha tia Maria plantava cebolinhas (semeadura de cebolas) e vendia-os em varas. O côvado tinha três palmos ou 66 cm. O palmo tinha 22 cm. E, por fim, a polegada: 27,5 mm.

Como medidas de peso havia: tonelada, que não deve ser confundida com a tonelada atual de 1.000 kg, pois tinha por volta de 800 kg; o quintal, de cerca de 60 kg; a arroba, que era a medida mais usada e ainda hoje se usa em Portugal e no Brasil, com 15 kg e servia para avaliar o peso de bois, porcos e cereais; o arrátel ou libra, com pouco menos de meio kg (460 gramas) e a onça, de mais ou menos 30 gramas. Todas estas são legado árabe e vigoraram no Brasil e outras colônias portuguesas até meados do século XIX.

Para volume de cereais usava-se o alqueire, que tinha por volta de 15 litros; a rasa, perto de 12 litros e o quarto com 3 litros, isto é, um quarto de rasa. Quanto ao peso variava, pois uma rasa de milho ou feijões pesava bem menos que uma de centeio, devido ao tamanho e pesos dos grãos e espaços vazios. Ainda se dizia um carro de pão (milho) tendo cerca de 20 rasas. Meu pai falava que na época da colheita comprava um carro de pão ao sogro para este pagar a décima (imposto territorial).

CHEGADA AO BRASIL: 03/01/1958



O pôr-do-sol, na Baía de Guanabara, visto de Niterói

No dia 3 de janeiro de 1958, por volta das 10 horas da manhã, o navio argentino SALTA, transpunha a entrada da Baía da Guanabara e, dentro de mais uma hora, atracava no porto do Rio de Janeiro. A paisagem é magnífica, mas um misto de alegria, preocupação e incerteza ia dentro de minha alma. Jamais havia ido a uma praia, por isso, estranhei os trabalhadores dos rebocadores estarem sem camisa. No interior de Portugal nunca vi isso.

Mas, enfim, saí do navio, meus pais e o único tio que possuía automóvel me esperavam. Pouco depois, descarregavam minha bagagem: uma caixa de madeira com 1,5 metro de comprimento por um metro de largura e um de altura. Dentro, trazia todos meus haveres e presentes para familiares. Meus pertences se resumiam aos livros e enxoval que usei no Seminário. Já os presentes para a família eram uma vasilha de latão com 12 litros de azeite, para distribuir com os tios, uma cabaça de vinho com mais de 5 litros de capacidade, e que estourou no porão, encharcando roupas e livros, que já estavam secos, provando que não aguentou logo no início da viagem, mesmo

estando envolta em palha de centeio, e bastante bacalhau. Como vivíamos em uma comunidade sem luz, rádio e telefone, ignorávamos que no Brasil houvesse este peixe. Ao abrir o caixote, na Alfândega, na Praça Mauá, os inspetores mandaram tirá-lo de lá imediatamente, pois o cheiro do bacalhau podre era insuportável. Como parte dele era para parentes, meu pai lho entregou no estado em que veio. O caixote foi transportado sobre o automóvel e fomos para a casa de meus pais. A primeira refeição no Brasil foi de batatas cozidas com carne de peito de boi.

Minha família morava em Realengo, numa periferia chamada Vila Nova, a cerca de 30 km da Praça Mauá, entre a Estrada das Bandeiras, hoje Av. Brasil, e o Campo de Gericinó, na Rua Itapecerica. Era um local horrível, com valas negras de esgoto a céu aberto onde as crianças, inclusive meus irmãos, brincavam; por isso, suas pernas viviam feridas. A rua era de terra irregular, sem luz elétrica pública. Hoje, no lugar, se instalou a favela do Muquiço. Mesmo nossa casa distando apenas 100 metros da rodovia, isto não era vantagem: não passavam ônibus na Estrada das Bandeiras, e automóveis eram raros. Quem trabalhava na Cidade do Rio de Janeiro tinha de se deslocar de trem, a mais de quatro km de distância. A maioria tinha bicicleta, que deixava em bicicletários existentes próximos de todas as estações suburbanas de trem. A Estrada das Bandeiras era excelente, cimentada, mas após a Vila Militar só tinha uma pista. Havia trechos já projetados para sua expansão e cimentados cada um com um km de extensão até a altura de Campo Grande. Comércio, só um bar nas proximidades, mas, armazéns e padarias só a um km de distância, na Estrada da Água Branca, onde íamos a pé.

Como meu pai e seu irmão estavam procurando uma padaria para comprar, o que só ocorreu dois meses depois, e sem nada para fazer, meus irmãos de 13 e 11 anos me ensinaram a andar de bicicleta. Paralela à Rua Itapecerica havia a Rua Itajaí em forte declive. Íamos para lá, eu subia em uma velha bicicleta e me empurravam ladeira a baixo. Até hoje tenho marcas nos cotovelos de tantos tombos que levei, mas em pouco mais de uma semana já conseguia ir a certa distância sem cair.

Meu pai havia construído duas casas de dois quartos, mas cheias de defeitos de construção: os azulejos da cozinha e do banheiro, além de irregulares, eram cheios de massa por cima de sua superfície. Mandaram-me limpá-los com palha de aço, que nem conhecia até então. Percebia claramente que não estava sendo bem recebido, principalmente por minha mãe, frustrada por eu ter deixado o seminário. Logo após meu pai ter-se tornado sócio de uma padaria em Bangu, perto da estação de trem Guilherme da Silveira e eu ter começado a trabalhar com ele, uma surpresa me aguardava ao chegar a casa

em Realengo: todos os livros e cadernos, que havia trazido de meus estudos no Seminário em Portugal, haviam sido queimados. Chorei muito, pois era a única coisa que me restava fazer. Na sua visão provinciana pensavam que trabalho era apenas um exercício braçal e pensar em estudo atrapalhava. Poderia ter sido meu fim, mas só me deu mais forças para estudar, o que fiz na primeira oportunidade que apareceu.

O BRASIL QUE ENCONTREI

Chegando ao Rio de Janeiro em 3/01/1958, indo inicialmente morar em Realengo, próximo à Avenida das Bandeiras, depois rebatizada Avenida Brasil, não senti muita diferença do Portugal rural: em alguns aspectos, era até pior. A Rua Itapecerica era toda esburacada e dificilmente um automóvel poderia transitar por ela. Os esgotos corriam através de um valão a céu aberto. As crianças, inclusive meus irmãos, tinham feridas incuradas nas pernas, por pisarem na água podre com frequência. Os terrenos com moradias não tinham muros, alguns tinham mourões com arames para delimitar a propriedade. Havia muitas amendoeiras cujos frutos as crianças comiam. A violência era quase inexistente.

Passados três meses, meu pai tornou-se sócio de uma padaria, em Bangu, hoje bairro de Guilherme da Silveira. A Rua Clemente Ferreira, que dava diretamente ao portão da Fábrica Bangu, era de terra batida, como a maioria das ruas do bairro, exceto aquelas que a Fábrica calçou com paralelepípedos, onde era sua vila operária. Todas as casas desta vila eram feitas de tijolos maciços importados da Inglaterra e não tinham reboco externo. As ruas eram muito arborizadas, porém, em Bangu, as árvores eram frutíferas, principalmente o Jamelão, e era comum ver-se garotos trepados nelas saboreando seus frutos.

A cidade, como todas as cidades da época, eram rodeadas por um cinturão verde que fornecia as frutas e legumes para os feirantes, que não compravam, como hoje, na CEASA, mas os adquiriam diretamente dos produtores rurais, em Bangu, onde tinham sítios na base do maciço da Pedra Branca e principalmente no Guandu. Em Niterói, soube depois, os produtos vinham de chácaras situadas no Jacaré, próximo a Piratininga. Com o leite ocorria algo parecido: havia vacarias nas zonas rurais que o produziam e vinha em latões de 20 litros. O [Saco de] São Francisco, hoje um dos bairros nobres de Niterói, era local de vacarias e onde havia carrocinhas puxadas por burros, que percorriam de manhã várias ruas. As pessoas levavam uma vasilha de alumínio ou latão e o compravam fresquinho. Dizia-se que muitas vezes o leiteiro adicionava água para render mais. Uma música de Carnaval dizia que o maior inventor do mundo era o português, que fazia “um litro de leite virar três”. Isto porque quase todos os vendedores ambulantes eram portugueses. Entretanto, existia fiscalização itinerante para impedir que isso acontecesse.

Coleta de lixo – 99% do lixo era orgânico e todos os vasilhames,

seja de bebidas ou de produtos de limpeza, eram de vidro e retornáveis. O plástico, quase não era usado. As sacolas dos supermercados eram de papel fosco. Os sacos de farinha, que vinham dos moinhos para as padarias, eram de pano. Minha mãe fazia as roupas minhas e de meus irmãos com eles. Não havia caminhões para transportar o lixo. Por esta razão, cada bairro tinha seu depósito de lixo. Os lixeiros o coletavam numa carroça puxada por burro e levavam o lixo para esses pequenos depósitos. Em Bangu, o depósito era no Rio da Prata, em Realengo, próximo da Avenida Brasil, no final da Rua Curitiba. Havia outro depósito no Barata.

Em Niterói, o lixo começou desde essa época a ser lançado no morro do Bumba, onde cerca de seis ou sete décadas depois ocorreria uma das maiores tragédias desta cidade. Não existiam supermercados e todo o comércio era feito por padarias, armazéns, quitandas, açougues e botequins. Para ter uma ideia do funcionamento do comércio, a padaria onde meu pai era sócio vendia por mês mais de 50 latas de biscoito de 2,5 kg, 20 latas de 10 litros de manteiga. Diariamente, mais de 2.000 bisnagas de pão de 200 gramas. Mais de 2.000 pães doces, além de bebidas alcoólicas ou refrigerantes, pelo menos 50 caixas de 24 unidades por mês. Com o advento dos supermercados, tudo mudou. O comércio pequeno foi encolhendo, até quase desaparecer.

UM NATAL INESQUECÍVEL

Na tarde de 23 de dezembro de 1957, com 15 anos de idade, embarcava no porto de Lisboa com destino ao Rio de Janeiro. Por ser menor de idade, viajava sob a responsabilidade do comandante do navio argentino Salta, que nunca vi. Vindo de Gênova, na Itália, parara em Sevilha e depois em Lisboa, onde entraram os últimos dos cerca de 5.000 emigrantes, rumo ao Rio de Janeiro e Buenos Aires. Mas ninguém que eu conhecesse anteriormente.

Deixara para traz um ambiente social, que me era familiar, para o desconhecido. Vindo de uma região agrícola muito pobre, passara três anos num seminário, numa cidade média, Braga, e agora estava ali perdido num enorme navio repleto de desconhecidos. Se estivesse na aldeia, no dia seguinte, 24 de dezembro, quando as famílias se reuniam e se comemorava a Consoada, comeria bacalhoadada com meus familiares e, no dia seguinte, iria à missa de Natal. Minha avó e minhas tias, que me criaram, tinham-se despedido de mim chorando. Nunca mais te vamos ver! Só para minha avó, foi verdadeiro. Tinha sido acompanhado até Lisboa, por um vizinho e ficara por dois dias na casa de uma auxiliar de enfermagem da minha terra natal.

Pela primeira vez, deslumbrado, vi a capital portuguesa. Embarcara com lágrimas nos olhos e solitário. Na véspera de Natal, também serviram aos emigrantes portugueses bacalhau com batatas e couves. O mesmo que comeria se não estivesse ali. Como jamais havia viajado de navio, meu estômago não suportou, como não havia suportado no dia anterior, e, mareado, vomitei tudo. Fui dormir com enorme dor de cabeça. Não tive ânimo para observar os fogos que foram soltos à meia-noite. Estava triste, sem ninguém para conversar, chorei, pois era a única coisa que poderia fazer uma criança solitária. A maioria dos passageiros era de italianos ou espanhóis rumo a Buenos Aires.

Passaria onze dias no mar. Ao cruzar o Equador, e no dia 31 de dezembro de 1957, novos foguetes seriam soltos; quem era conhecido, se abraçava, e eu contemplava absorto. Veria várias vezes na rota os peixesvoadores dando saltos ou voos de mais de 100 metros, conheceria a coca-cola, proibida em Portugal, e de que não gostei. Ia fazendo amizade com uma ou outra pessoa e lhe perguntava sobre o Rio de Janeiro. Finalmente chegaria à cidade, em três de janeiro de 1958. Trazia uma caixa de madeira com meus

poucos pertences, uma lata de zinco, com 12 litros de azeite para distribuir com meus tios, uma cabaça enorme de mais de cinco litros, cheia de vinho, que estourou no navio, sujando minhas roupas. Encomendas de bacalhau para vizinhos e parentes, que chegou totalmente podre. Acho que na alfândega nem olharam, por não suportarem o mau cheiro.

Aqui estava no Brasil. Portugal era passado, o que o futuro me reservaria era uma incógnita. Posso afirmar que o dia três de janeiro de 1958, foi para mim outra data natalícia. Renascia nesta terra há muito sonhada. O início foi muito difícil, mas a vontade do ser humano pode vencer qualquer obstáculo. No futuro, muitas e grandes dificuldades apareceriam. Algumas, talvez, me tivessem derrotado definitivamente, não fosse a Luz Divina que me guiou nesse longínquo Natal.

PRIMEIRO EMPREGO

Chegando ao Rio de Janeiro de navio, em 3 de janeiro de 1958, após passar onze dias no navio Salta, iria completar 16 anos em 3 de fevereiro deste ano. Fui morar com meus pais na periferia de Realengo, junto à Avenida das Bandeiras, depois Avenida Brasil. Na época, ainda não transitavam ônibus nesta avenida e, quem trabalhasse no centro da cidade, teria de ir até a estação ferroviária de Realengo distante cerca de 3 km. Perto desta havia lugar para deixar bicicletas, usadas por quase todos para o deslocamento até a estação.

Meu pai adquiriu por sociedade uma padaria, próximo à Fábrica Bangu onde, como filho mais velho, fui trabalhar, fazendo tudo o que fosse necessário, tinha ânsia de aprender, pois nunca havia tido emprego. Era um período em que não havia supermercados e todo o comércio de alimentos era feito por pequenas unidades: padarias, armazéns, quitandas e açougues. O movimento era grande e a padaria abria das cinco da manhã às dez da noite, este era o horário que eu trabalhava, incluindo domingos e feriados. Porém, não tinha salário como acontecia com a maioria dos filhos dos emigrantes portugueses, nem sequer descontava para a previdência social. Traziam hábitos do interior de Portugal, onde os filhos deveriam trabalhar para a família. Não existia pior patrão que o próprio pai.

Após seis meses de trabalho de mais de 15 horas diárias, um vendedor ambulante de pão, que vendia mais de 400 bisnagas de 200 gramas e centenas de pães doces, comprou um lotação, que era um pequeno ônibus, quando ainda não havia frotas de ônibus, e queria vender sua freguesia de pão. Meu pai e meu tio, então, resolveram comprá-la para eu trabalhar, desde que eu lhes fosse pagando aos poucos.

Eu comprava o pão por 3 cruzeiros e o vendia por 3,50, que era o preço oficial, não chegando a ter 20% de lucro. Saía às 3 horas da madrugada-



da, com o triciclo cheio de pão e voltava após tê-lo entregue nas casas de determinados moradores. Às sete horas, já tinha terminado e voltava para a padaria. Descansava um pouco, deitado num tabuleiro de madeira, e voltava a sair por volta do meio-dia com outra carga de pão para vender.

Eu era um péssimo cobrador, ficava com pena dos fregueses e muitos nunca pagavam. Quem pagava diariamente eram poucos, quase todos o faziam quinzenalmente, pois a Fábrica Bangu pagava por quinzena, e outros, no fim do mês.

Havia necessidade de ter algum capital, para poder suportar tal tipo de negócio, o que não era o meu caso. Ficava devendo à padaria e nunca tinha superávit nesse trabalho confuso. Trabalhava todos os dias da semana, incluindo domingos e feriados. Chovendo ou não, e por vezes saía com chuva torrencial, nunca tive um dia de folga.

Trabalhava cerca de 10 horas por dia e não ganhava nada ou quase nada. Entretanto, um dia, passando de volta pela Rua da Feira, em Bangu, vi um prédio escrito “Ginásio Leopoldina da Silveira”. Entrei para me informar e resolvi retomar os estudos iniciados em Portugal. Tive de prestar provas de equivalência no Colégio Pedro II, fui aprovado e reiniciei meus estudos. Como tinha uma base sólida, adquirida nos estudos em Portugal, estava à frente dos colegas. Foi importantíssimo para mim o incentivo do professor Justo Ferreira da Silva, pernambucano, formado em História. Ganhei um concurso de poesia e ele sempre me dizia: – “você talvez venha a ser o único intelectual da turma”. Muito devo a ele.

Também na mesma época foi inaugurada, em Bangu, a filial do Instituto Brasil-Estados Unidos, matriculei-me, terminei os seis anos do curso e obtive o diploma da *Michigan State University* de Proficiência em Inglês.

Foi um tempo em que a sociedade era bastante pacífica: em mais de um ano em que trabalhei de madrugada, na rua, nunca sofri ou vi um roubo ou assalto, muito menos um crime de morte. Mudamos para pior, graças ao tráfico e à repressão às drogas.

BANGU

No final dos anos 1950 e início dos anos 60, Bangu era praticamente uma cidade satélite do Rio de Janeiro, com uma classe média bastante numerosa e vivendo basicamente da Fábrica de Tecidos Bangu, que empregava cerca de 6.000 trabalhadores, funcionando ininterruptamente durante 24 horas por dia em três turnos. Os operários entravam às 6 horas, às 14 horas e às 20 horas, respectivamente. O comércio se adaptava a estes horários. Como ainda não havia supermercados, todo o comércio era feito por padarias e armazéns. As padarias abriam as portas às cinco horas, para abastecer de pão, biscoitos, manteiga, queijo e outros produtos de consumo diário os operários da fábrica.

A Fábrica Bangu fornecia a água, trazida em canalização desde a Serra do Guandu, onde os posseiros ou donos de terrenos foram indenizados para que a floresta se regenerasse e ficasse intocada. Antes de haver preocupação geral com o meio ambiente, esta indústria era fiadora da ecologia na região. A canalização da água era feita em tubulações de aço e distribuída à população, sem qualquer ônus. Aliás, até 1960, não se pagava pela água consumida na cidade do Rio de Janeiro. Várias vezes amigos nos convidaram para caçar nessa mata e pudemos testemunhar a existência de laranjeiras, bananeiras e outras árvores frutíferas no meio da vegetação arbórea. Voltávamos de lá com cachos de bananas e éramos alvo da gozação: – “Que caçadores são vocês, que só caçam bananas?” Mas valia pelo conhecimento de uma floresta tropical em regeneração. Quem emprestava as espingardas, que voltavam virgens de uso, era um vereador da região chamado Faim Pedro. Época de políticos honestos e trabalhadores pelo bem do povo.

Além do fornecimento de água, esta Fábrica foi responsável pelo calçamento de todas as ruas de Bangu e de Guilherme da Silveira e Rio da Prata, além da construção de casas na Vila Operária, que abrangia todo o bairro de Bangu. Pertenciam a esta empresa: a Pedreira Bangu, no maciço da Pedra Branca, no final da Rua Abaeté, em Guilherme da Silveira; o Estádio de Futebol do Bangu Atlético Clube; o Campestre Clube, no Guandu, atualmente bairro de Gerecinó, onde também se localizava a sua olaria, que abastecia toda a região de tijolos e telhas.

As primeiras casas da Vila Operária, assim como a própria Fábrica, foram construídas com tijolos importados da Inglaterra, maciços e de peque-

na dimensão, iguais aos que formaram as edificações de Londres da época da Revolução Industrial. Ruas fora do domínio da Fábrica eram de terra batida e só a Avenida Santa Cruz, que fazia parte da antiga estrada Rio-São Paulo, era asfaltada. Localizava-se na esquina da Rua Abaeté, o Marco 6 da rodovia.

Para preparação dos operários havia uma escola que, em 1958, transformou-se no Ginásio Leopoldina da Silveira, primeiro educandário particular de Bangu e onde estudei. Como todo o transporte de passageiros dos subúrbios para o centro do Rio de Janeiro era realizado por trem, perto da Estação de Bangu, como de outras estações, havia um bicicletário para a guarda de bicicletas de quem se dirigia para a Cidade ou qualquer outro local, e pagava-se algo em torno de um real, em valor de hoje, para a guarda do veículo, pois muitos moravam entre dois e cinco quilômetros de distância. A Estação Guilherme da Silveira já existia, mas só era usada em dias de jogo de futebol no Campo de Moça Bonita. Nela não havia guichê para cobrar passagens. Não havia ainda ônibus direto de Bangu, Realengo, Campo Grande ou Santa Cruz para a Cidade do Rio de Janeiro, embora houvesse lotações, isto é, caminhonetes ou micro-ônibus particulares, ligando bairros próximos.

Glossário

ABADE – Senhor Abade, como são chamados os párocos no norte de Portugal.

ADRO – Terreno circundante à Igreja ou Capela.

ÁGUAS DE REGADIO – Águas de irrigação.

ALBUFEIRA – Lago artificial feito por uma barragem.

ALMUDE – Antiga medida para líquidos, correspondendo a cerca de 30 litros.

ALPOQUE – Forma de reprodução de árvore ou arbusto, através de um galho.

AMEEIRO – Árvore europeia de madeira leve, encontrada em lugares úmidos.

BARRA – Sótão de alpendres onde se guardava feno ou palha.

BEIRA – Nada tem a ver com a cornija ou beirada de telhado. Vem do galego/português medieval; refere-se aos campos de cultivo, daí Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral.

BOCANHO – Espaço de tempo bom em dia de chuva.

BOGALHOS – Bolas formadas nos ramos dos carvalhos devida à ação de insetos.

CALCETADA – Rua ou caminho pavimentado por pedras rústicas.

CALHEIRO – Arbusto espinhoso que se presta a enxerto de pereiras.

CANADA – Antiga medida para líquidos correspondendo a cerca de 2 litros.

CANASTRO – Também chamado espigueiro. Alpendre onde se guardavam as espigas de milho durante o ano inteiro.

CANTONEIROS – Funcionários responsáveis por um trecho (cantão) de uma estrada.

CARRASQUEIRO – Mata de carrasco, uma das espécies de carvalho.

CASTINHEIRO – Castanheiro.

CATANA – Tipo de foice usada para cortar galhos de árvores ou arbustos.

CAVACAS – Tipo de doce de milho ou trigo de forma redonda e achatada.

CEIRAS – Bolsa feita de palha adaptada ao transporte por muare.

CERDEIRAS – Nome das cerejeiras na Galiza e no português arcaico.

CHANCAS – Botas com solado de madeira, próprias para andar na neve.

CODICHA – Crosta que se forma nas papas, pudins etc., palavra de origem galega.

COIRADAS – Como chamávamos a quantidade de frutas depositadas entre a camisa e pele.

CONCELHO – O mesmo que município.

CONSOADA – Véspera do Natal, quando as famílias se reuniam para a ceia.

CORNICHOS – Parasitas vegetais em espigas de centeio, usados em indústria química.

CORTE – Currel fechado para o gado bovino ou ovino.

COUTO OU COUTADA – Pequena mata cercada por muros de pedra.

DESTORROAMENTO – Ato de desfazer os torrões ou aglomerados quando se lavram os campos.

DEVEZAS – Nome de um local.

DOBADORA – Nome dado ao artefato para enrolar os fios de lã ou linho.

EIRA – Terreno plano, pavimentado com pedras trabalhadas, onde se secavam os grãos.

EMBUDE – Grande funil. É também uma palavra galega.

ESCALEIRA – Palavra galega: Escada de pedra ou madeira, para acessar o andar superior.

ESFAGNO – Musgo que nasce espontaneamente perto de ribeiros ou charcos.

ESTORNILHOS – Aves migradoras que andam em bando.

FENTOS – Samambaias silvestres (fetus).

FOGAÇA – Como em alguns lugares de Portugal chamam o pão doce ou o bolo de trigo.

FORMIGOS – Pudim de pão com passas e canela.

FREGUESIA – Divisão rural do concelho, o mesmo que paróquia ou bairro na cidade.

GAIO – Pássaro médio de plumagem colorida.

GIESTA – Arbusto silvestre de flores amareladas.

HISSOPE – Instrumento de metal ou madeira que se mergulha na água benta para aspergi-la sobre os fiéis.

LABRESTOS – Vegetação rasteira, com folhas parecidas às da rúcula, comum no meio do mato e usadas pela população pobre para sopas.

LAGAR – Espécie de tanque dentro de um galpão onde se pisavam as uvas ou onde as azeitonas eram esmagadas para o fabrico do vinho e do azeite.

LANDES – Fruto do carvalho ou sobreiro, tipo de uma castanha.

LAPA – Pequena gruta na rocha.

LEIRA – Campo de cultivo estreito e longo.

LEIRÕES – Pequenas divisões feitas no terreno, para fazer plantio.

LONGAIS – Nome de uma localidade.

LOJAS – Nome dado aos lugares fechados, onde se guardavam lenha, cereais e até o próprio gado.

LUGAR – O mesmo que povoado, divisão da freguesia.

MAGUSTO – Ato de se reunir para comer castanhas assadas.

MATACÕES – Rochas grandes expostas, o mesmo que penedos.

MEDAS – Amontoado de palha ou feno em volta de um poste ou árvore.

MEDEIROS – Pequenos montes de milho ou centeio após ser ceifado.

MONTANHÕES – Habitantes das montanhas.

MOREIAS – Mato amontoado nos campos para curtir e ser transformado em adubo verde.

MURRAS – Manchas avermelhadas nas pernas devido ao calor do fogo.

NECA – Apelido de Manuel.

NORA – Poço com dispositivo de tirar água através da energia animal.

PAÚL – O mesmo que brejo ou pântano.

PENEDOS – Rochedos expostos ao tempo ou matacões.

PERCOLAR – Infiltrar-se no terreno (água) ou movimento entre o caule e casca (seiva).

PIPO ou BARRIL – Depósito fechado, feito de madeira, para guardar vinho.

POÇAS – Pequenas represas para armazenar águas de regadio.

QUELHA – Caminho calçado com rochas não trabalhadas.

QUELHO – Caminho estreito calçado com rochas ou calhaus.

QUINTA – O mesmo que fazenda no Brasil.

RALOS – Insetos parecidos a grilos, que destroem as raízes das plantações.

RAPARIGA – Feminino de rapaz, adolescente ou jovem solteira.

RIBEIRO – O mesmo que riacho ou córrego.

ROSQUILHOS – Pequenas roscas enfeitadas com açúcar branco.

ROSSAS – Nome de uma freguesia no Concelho de Vieira do Minho.

SACHOLA – Pequena enxada, usada para desbastar ervas daninhas.

SALTÕES – Nome que se dá nas aldeias aos gafanhotos.

ESCARAMENTAR – Ato de as aves abandonar os ninhos, quando descobertas.

SENDAS – Caminhos rudimentares nas montanhas.

SENDEIRO – Burro que caminha pelas sendas.

SILVAS – Planta espinhosa da família da roseira; seu fruto é a amora preta.

SOCALCO – Muro de pedra (muro de arrimo), refeito após deslizamento.

TARTULHOS – Cogumelos que brotam no chão.

TARTUMELAS – Cogumelos em árvores vivas ou mortas.

TORDA – Ave de cor escura e bico delgado.

TORGA – Planta lenhosa rasteira que se apega aos penedos.

TRAFULHA – Enganador, em Portugal, se aplica aos advogados.

TROVISCO – Pequeno arbusto tóxico.

VILA – Cidade pequena, sede de município ou não.

XIXARRO – Peixe marinho parecido com o xerelete.

Apêndice



Póvoa de Lanhoso

Memórias da Infância

João Carlos Veloso Gonçalves – Quelhas
Radialista, escritor/jornalista português no jornal *Reporter X*, meu parente e da geração de meus filhos, morando e exercendo suas atividades em Zürich, Suíça.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades. (...)

(*Sonetos*, Luís V. de Camões)

Tenho o privilégio de escrever a *Análise & Crítica: Memórias da Infância*, do Professor, Doutor, investigador científico e escritor, Antônio Veloso “*da Mouta*” (Zürich, Suíça, 9 de maio de 2015).

Sobradelo da Goma

Na minha altura, já não era como antigamente e nos tempos que correm muito menos e só voltará a ser caso a crise, a fome, o tempo da PIDE [Policia Internacional e de Defesa do Estado, existente em Portugal entre 1945 e 1969] e a Ditadura de Salazar voltem.

Eu, já na meia-idade, não vivi nem de perto e nem de longe o que o Doutor Veloso, “meu parente”, viveu: não tive que suportar todo o trabalho braçal, tal como refere o professor Antônio Veloso, não tive que andar descalço, e frequentei escolas com melhores condições como, por exemplo, tinha vários WCs.

No meu tempo, via muitas raposas e coelhos bravos, que naquele tempo não eram tão frequentes, pois a caça era praticada devido aos níveis de pobreza acentuada.

Nesse tempo, os partos ainda eram feitos em casa e as parteiras eram simplesmente mulheres capazes de fazer esse trabalho, sem qualquer formação.

Na minha época, não se ia para o Seminário e sim para a Universidade. O Seminário era apenas frequentado por candidatos a padres.

Lembro-me do Santiago e das festas anuais da Igreja Velha que, para mim, a mesma foi sempre Capela – “*dizem que as pedras da casa do ‘Chedas’ eram da Igreja e a Câmara Municipal quer se apoderar dela por esse motivo histórico*” –, das festas da Senhora do Pilar, em Vilarinho, as festas de Santo Antônio em Várzeas e a festa do Senhor e da Senhora da Goma, “*padroeira da freguesia*” nas Penas.

A luz, que iluminava à noite, era a do pneu de borracha e da candeia a querosene.

O Ribeiro Queimado, que nunca ardeu e onde a água corre límpida entre colinas e calçadas, por lá, hoje, fazem-se caminhadas pedestres e de guia turístico.

Lagares e prensas de vinho conheci, assim como moinhos movidos a água, mas, ao contrário do Veloso, não conheci alambiques nem lagares de azeite, porque o homem os destruiu (tal como a Abadia da Igreja Velha ou o Castelo de Lanhoso, do qual só sobrou a Torre de Menagem).

A Quarta-classe era feita na freguesia. Mais tarde, já no meu tempo, houve escolas preparatórias, enquanto freguesias grandes e povoadas nunca as tiveram.

Os bancos de merendas [bancos de jardim] começaram a existir e fazem parte da rota turística da aldeia de Carreira e do Ribeiro Queimado desde a barragem da Andorinha.

Existiam moleiros a distribuir farinha na freguesia de Sobradelo da Goma e nas freguesias vizinhas, pois por cá estão em extinção há muito tempo.

Os deslizamentos dos socacos eram frequentes pelo tempo muito chuvoso, e hoje continuam, mas por causa dos distúrbios climáticos e a poluição do ar, que é um dos principais fatores de todas as alterações do clima da Terra.

Travassos, tal como Sobradelo, “era” terra do ouro, porque o *marketing* da cultura é quem o dita.

Os pinheiros são mais raros, devido às queimadas, muitas delas por fogo posto.

Lavar campos era com o arado puxado por vacas; hoje, não se lavra nem com trator, e os campos, em sua maioria, estão abandonados.

Dantes, nos velórios, não se chorava: gritava-se, até parece que queriam ir juntos com o caixão.

Roçar mato era com enxada, tal como as moutas; hoje, até os campos estão cheios de silvas.

Se dantes a Páscoa era sinónimo de respeito ao acolhermos o padre em casa, hoje qualquer pecador pega na Cruz de Cristo – já não existe o mesmo respeito de antigamente.

Telefone e luz elétrica chegaram ao tempo de meu namoro, tempo de escrever cartas, na transição para a internet.

Os insetos, e principalmente as vespas, eram e continuam bravos e as vacas-louras eram mais fortes dos “cornos” que nossos dedos.

Malhar o milho (ou centeio) era um ato manual, e hoje ainda se faz manualmente, mas atualmente existe a malhadeira elétrica que, naquele tempo não existia, pois não havia eletricidade.

A poda era só feita por camponeses; hoje, chamamos-lhes de artistas, mas, como há poucos artistas podadores, estamos a ficar sem vinhas no Concelho da Póvoa de Lanhoso.

Frutas, tínhamos de toda a qualidade nos campos; hoje, temos troncos de pé secos por falta de cuidados.

Os casamentos tinham de ter confeitos: íamos aos casamentos para os apanhar e comer: hoje são realizados em uma quinta, com lautos banquetes.

O meio ambiente era preservado, como dizia o Dr. Veloso, e se

faziam estrumeiras para adubar os campos, que ficavam ali a feder até serem lavrados; hoje, usa-se adubo importado.

Nos Natais, as famílias uniam-se; hoje, separam-se e, em vez de se falarem entre si, falam no *facebook* e veem mensagens no celular (telemóvel).

Dantes, acreditávamos em ditados populares e lendas, e hoje nem nos milagres que dizem ter acontecido no passado acreditamos...

Batismo, contínua igual, com o desconsolo da água-benta fria pela cabeça abaixo dos bebês.

O contrabando, já não é do meu tempo; agora é o tráfico de drogas.

O avô do Dr. Antônio Veloso e o meu avô, Joaquim Gonçalves, Sargento Quelhas, andaram em Flandres, em França, nas trincheiras, na Batalha de La Lys, na Primeira Guerra Mundial (1914/18) e foram dos poucos sobreviventes. Nessa altura, em Portugal, havia um governo comunista.

Ao finalizar este livro, ofereço este poema à minha filha, Emanuela :

DIA DOS PAIS
(para minha filha)

Quando eu for apenas uma lembrança
Um retrato que alguém guardou na gaveta
Entre papéis velhos que nada valem
Uma imagem mental que poucos recordam
No espaço terrestre há muito não me encontrar
Pois estarei num universo insondável
E nenhuma de tuas súplicas ou perguntas
Tiver de mim a mais leve resposta
Fica certa que continuarei olhando por ti.
Sussurrarei à tua mente palavras de carinho
Sorrirei contigo quando estiveres feliz
E, na tristeza, chorarei através dos teus olhos.
Fitar-te-ei indo ou vindo do trabalho
Ou quando descansares após as tarefas
Em meu carinho repousa todo teu cansaço
Minha alma se une à tua, meu amor te aconchega
Ouvirás as sinfonias cósmicas do tempo e espaço
Por um inefável carinho que não se explica.
Murmurarei a teus ouvidos palavras de amor
Como um suave acalanto te acompanhando.
Penetrarei na tua consciência para te consolar
Para que tua alma sinta minha presença secreta
Eternamente contigo no âmago do teu ser.
Te orientarei usando tua razão e consciência

Amarei a todos através do teu, do nosso amor.
Falarei contigo sem que escutes, mas percebas
 Tu não poderás me falar abertamente
 Mas sentirás minha presença a teu lado
 Por que andarei a teu lado protegendo-te
 Dos perigos com meus braços invisíveis.
Talvez me reconheças ouvindo minha voz
 No silêncio da noite ou durante o sonho
 Pois é a mesma de quando vivia na Terra.
 Mesmo que seja apenas um sonho para ti
Lembra que és também um sonho para mim.
 Embora estejamos despertos no amor
 Não posso interagir fisicamente contigo
 Mas nem imaginas como te amo tanto, tanto.
E quando compreenderes, como compreendo,
 Que somos apenas um sonho divino
E eu sou aquele viajante que retornou para casa
 Mas meus pensamentos e meu ser continuam
 Abençoados por um amor que ama sem nome.
Senti-lo-ás onde quer que estejas em tua jornada.
Que meu amor seja o acalanto secreto de teu viver
 Permitindo que minha alma junte-se à tua
Vivendo despertos num sonho, encanto de amor,
 Onde a família se reúna no infinito espaço
E dirás: Eu e minha família somos apenas Um.



O autor, junto ao monumento à heroína Maria da Fonte

ANTONIO VELOSO

Antonio Joaquim Gonçalves Veloso nasceu em Portugal, no município de Póvoa de Lanhoso, Freguesia de Sobradelo da Goma, no dia 3 de fevereiro de 1942. É casado com Marlene Trindade Veloso, sendo pai de Antonio Joaquim Gonçalves Veloso Junior (falecido) e de Emanuela, farmacêutica que reside na Inglaterra.

Iniciou sua carreira no magistério em 1972, na Universidade Federal Fluminense, aposentando-se em 2004, como Professor Adjunto IV. Na Universidade, exerceu vários cargos, como Chefe do Departamento de Geografia e Coordenador do Curso de Geografia e Membro titular do Conselho de Curadores.

Atuou também como Professor na Academia do Corpo de Bombeiros /RJ para o CFO e no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro.

Dentre seus títulos, é Bacharel e Licenciado em Geografia (UFF), defendeu Tese de Mestrado em Geociências com o tema “Geomorfologia e Sedimentologia da Lagoa de Araruama” (1978), na mesma Instituição. Conquistou o *Proficiency in English*, pela University of Michigan (1968) e é Diplomado em Altos Estudos de Política Econômica, pela Escola Superior de Guerra (2002), apresentando a monografia “Recursos Hídricos das Regiões Brasileiras, com ênfase aos do Estado do Rio de Janeiro”.

Foi consultor de vários projetos em Niterói, contribuindo com pareceres e laudos técnicos sobre o solo e rochas do Mirante da Boa Viagem (1992), onde foi edificado o Museu de Arte Contemporânea (MAC); sobre a encosta de Itacoatiara, trabalho solicitado pela Comissão de Meio Ambiente da ALERJ (2003); sobre o deslizamento na Enseada do Bananal, na Ilha Grande/RJ (2010) e sobre o deslizamento no morro do Bumba, em Niterói (2010). Foi ainda coautor do Projeto *NitGeo*, da Fundação Geotécnica de Niterói (entregue à Prefeitura de Niterói em junho de 2009).

Além destas atividades, o professor Antonio Veloso é autor de *Treasures of Brazil* (Pedras preciosas do Brasil), produzido para a H. Stern Joias e lançado em 2004, na Basileia, Suíça.

No campo da literatura, escreveu duas obras: *Sobreviver sem Perder a Esperança*, livro de reflexões e aspectos psicológicos (Ed. Atheneu, 1998, 300 páginas) e *Ecologia Espiritual, uma História do Corpo de Bombeiros no Brasil* (Ed. Atheneu, 2008, 195 páginas).